



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Iara Guimarães Paes Pires

**GESTÃO FINANCEIRA E FAMILIAR DE
MULHERES BRASILEIRAS IMIGRANTES EM
COIMBRA**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social,
Inovação e Empreendedorismo, orientada pela Professora Doutora
Lina Paula David Coelho e apresentada à Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra**

Outubro de 2020

Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra

Iara Guimarães Paes Pires

GESTÃO FINANCEIRA E FAMILIAR DE MULHERES BRASILEIRAS IMIGRANTES EM COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, orientada pela Professora Doutora Lina Paula David Coelho e apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

Agradecimentos

Venho por meio dessas palavras expressar meus sinceros agradecimentos a todos que indiretamente ou diretamente contribuíram para a concretização desse mestrado e principalmente dessa dissertação.

Gostaria primeiramente de agradecer minha família, especialmente meu pai, que me apoiou desde o primeiro momento em que eu decidi me inscrever no mestrado, minha mãe (em memória), a quem eu devo boa parte do que sou hoje e foi com quem eu aprendi a importância da educação e de buscar aquilo que faz meu coração pulsar, a minha avó Natália, que mesmo não entendendo muito bem a escolha dessa distância toda, se faz sempre presente e o possível e o impossível por todos da família, ao meu irmão e a todos os demais membros que eu tanto amo.

Gostaria de agradecer, também, ao meu namorado, que se tornou minha família em terras lusitanas e esteve sempre ao meu lado durante todo o percurso da dissertação, compartilhando momentos bons e de frustração, me incentivando e evidenciando minha capacidade de realizar, certamente sem ele esse processo teria sido mais difícil.

Não poderia deixar de agradecer todos os amigos que fiz aqui e que também estiveram ao meu lado nesse momento, me apoiando e me encorajando, os quais são hoje minha família em Portugal, Max, Samuel, Ana, Tati, Emilene, Clei, David e aos outros dois amigos que já voltaram para o Brasil, David e Ana. Na lista de amigos gostaria de incluir minha irmãzinha de alma, Raissa, quem sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, mesmo não estando juntas fisicamente.

Adicionalmente, gostaria de agradecer ao Vini, Gustavo e João, pelos livros e materiais emprestados, que me auxiliaram durante esse período.

Finalmente, e não menos importante, gostaria de agradecer a toda Universidade de Coimbra pela oportunidade, a todos os docentes pelos conhecimentos adquiridos e em especial à professora Lina Coelho pelo empenho durante a orientação da dissertação.

Muito obrigada a todos que fizeram parte disso e que me ajudaram na concretização de um sonho e de uma etapa finalizada!

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade geral estudar a vivência de mulheres brasileiras em contexto de imigração em território português, especificamente no concelho de Coimbra, na perspetiva das desigualdades de gênero. Para tal, serão caracterizados e analisados os seguintes aspectos dessa vivência: trajetórias de vida, alterações provenientes da imigração na rotina familiar em termos de gestão financeira e divisão de tarefas domésticas, influência da (in)dependência financeira feminina na divisão de tarefas entre o casal e opção de lazer e, por fim, os padrões de gênero encontrados nas despesas dos casais. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas individuais com 10 mulheres, selecionadas através do método bola de neve, tendo a primeira delas sido identificada num grupo específico nas redes sociais de mães brasileiras em Coimbra. A amostra é composta por mulheres brasileiras que moram com seus parceiros e têm pelo menos um filho dependente financeiramente. Após a transcrição das entrevistas foi feita uma análise de conteúdo para identificar padrões dos papéis de gênero nos casais. Concluiu-se que, na maioria dos casos, as mulheres são responsáveis pela gestão e realização da maior parte das tarefas domésticas e, em todos os casos, as mulheres ficam mais responsáveis pelos cuidados com os filhos que os cônjuges. Esse padrão de educação e cuidados aos filhos foi identificado, também, entre os progenitores, na infância das entrevistadas. A rotina doméstica se intensificou e tornou-se mais desigual para mulheres no contexto de imigração. O padrão tradicional de gênero também é encontrado nas despesas dos casais, em que nos casais que utilizam o compartilhamento do pagamento das despesas, o homem tende a pagar o aluguel e as mulheres as despesas diretamente relacionadas aos filhos. No que diz respeito ao lazer há um maior protagonismo das mulheres do que dos homens, tanto na frequência com que encontram as amigas, como na decisão de viagens e passeios em família. Por outro lado, não foi encontrado um padrão na divisão das tarefas e influência feminina diretamente relacionado a renda da mulher dentro das famílias estudadas. Porém identificou-se que o tipo de gestão financeira do casal se alterou aquando da imigração na maioria dos casos.

Palavras-chave: mulher, imigração brasileira, desigualdades de gênero, gestão financeira, gestão familiar

Abstract

The general purpose of the present work is to study the experience of Brazilian women in the context of immigration in Portugal, specifically in the municipality of Coimbra, in the perspective of gender inequalities. The following aspects of the experience of female migrants will be characterized and analyzed: life trajectories, changes in the family's routine in terms of financial management and division of domestic tasks, the influence of female financial (in)dependence in the division of tasks between husband and wife, leisure options and, finally, the gender patterns of couples' expenses. The study uses a qualitative methodology, through individual interviews with 10 women, who were selected through the snowball method. The first of them was selected in a specific group on the social media of Brazilian mothers in Coimbra. The sample is composed of women who live with their male partners and have at least one financially dependent child. After the transcription of the interviews, a content analysis was carried out. Patterns of gender roles were identified among couples, as most women are responsible for managing and carrying out most of the domestic tasks and, in all cases, women are more responsible for the care of the children than their husbands. This pattern of education and care with the children was also identified among the women's parents, in the childhood of the interviewees. The domestic routine became more heavy and more gender unequal for women in the context of immigration. A gender pattern was also found in the expenses of the couples, as in couples sharing expenses, men tend to pay the rent while women are in charge of expenses directly related to the children. Regarding leisure, there is a greater role for women than for men, both in the frequency with which they meet their friends and in the decision to travel and family outings. However, we could not find a clear relation between the woman's income and the division of tasks and female power of decision. Still, the type of financial management used by the couples has changed in most situations due to emigration.

Keyword: women, Brazilian immigration, gender inequalities, financial management, household management

Índice

Introdução.....	9
Parte 1 – Contextualização teórica	12
1.1 Patriarcado e desigualdade de gênero	12
1.2 Desigualdades de gênero no trabalho e no emprego.....	17
1.3 Gestão familiar e orçamentária dos casais	22
1.4 Imigração de mulheres brasileiras em Portugal	28
Parte 2 – Metodologia	34
2.1 Problema de Pesquisa.....	34
2.2 Finalidades e Objetivos	34
2.3 Modelo de Análise	35
2.4 Opções Metodológicas / Modelo Metodológico	36
2.5 Amostra	37
2.6 Instrumentos.....	38
2.7 Procedimentos	38
2.8 Análise de Dados	39
Parte 3 – Resultados	40
3.1 Caracterização socioeconómica da amostra.....	40
3.2 Histórico familiar das imigrantes	41
3.2.1 Gestão financeira dos pais das mulheres.....	42
3.2.2 Gestão dos cuidados dos pais das mulheres.....	44
3.3 A experiência da maternidade na voz das mulheres	46
3.4 Caracterização da vida das mulheres antes da imigração	49
3.4.1 Estado civil e relação conjugal	49
3.4.2 Educação e Profissão no Brasil.....	51
3.4.3 Percepção do Cotidiano no Brasil	52
3.4.4 Tipo de gestão de rendimento do casal.....	54
3.4.5 Lazer e atividades livres no Brasil	56
3.5 Motivação da migração para Portugal.....	57
3.5.1 Razões da imigração e processo decisório.....	58
3.5.2 Processo decisório.....	59
3.5.3 Motivação da escolha de Portugal.....	62
3.6 Caracterização da vida das mulheres em Portugal	63
3.6.1 Educação e Profissão em Portugal.....	64
3.6.2 Percepção do país e do cotidiano em Portugal.....	67

3.6.3 Rendimento em Portugal	69
3.6.4 Gestão de despesas familiar em Portugal.....	73
3.6.5 Divisão dos Cuidados com os Filhos.....	78
3.6.6 Divisão das Tarefas Domésticas em Portugal.....	81
3.6.7 Sociabilidade e lazer em Portugal	83
3.6.8 Decisão do casal em matéria de lazer	88
3.6.9 Redes Sociais e acesso da entrevistada e do parceiro	89
3.7 Futuro e Ambições das Mulheres	92
4. Síntese dos Resultados.....	94
Conclusão	98
Bibliografia	103
Anexos.....	107
Anexo I – Questionário de identificação	107
Anexo II – Guião de Entrevista	109
Anexo III – Caraterização socioeconómica.....	111

Introdução

O tema da presente dissertação é a gestão financeira e familiar de mulheres brasileiras imigrantes em Coimbra. A escolha do mesmo se deveu a uma série de fatores. Entre eles, a relevância da desigualdade de gênero no âmbito mundial, o facto de os imigrantes brasileiros serem os mais numerosos em Portugal e de a imigração feminina, especificamente, ter-se intensificado nos últimos anos. A vulnerabilidade de mulheres imigrantes, a distribuição desigual das tarefas e na gestão familiar como um todo entre mulheres e homens e, principalmente, a falta de pesquisas cruzando as temáticas de gênero com a imigração em Portugal, foram também elementos fundamentais para a escolha do tema.

A importância da igualdade entre mulheres e homens e, mais precisamente, do empoderamento feminino, começou a ter um reconhecimento em âmbito mundial no ano de 1975 com a I Primeira Conferência Mundial da Mulher que tinha como tema central “a eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social”. Houve depois outras três conferências, a última delas ocorreu em 1995 e trouxe 12 elementos fundamentais: mulheres e pobreza, educação e capacitação de mulheres, mulheres e saúde, violência contra a mulher, mulheres e conflitos armados, mulheres e economia, mulheres no poder e na liderança, mecanismos institucionais para o avanço das mulheres, direitos humanos das mulheres, mulheres e a mídia, mulheres e meio ambiente, e direitos das meninas. Mais recentemente, um dos elementos da Agenda 2030 da ONU é relacionado a igualdade de gênero, sobretudo ao empoderamento das mulheres e meninas, visando acesso igualitário à educação, recursos econômicos, participação política e igualdade de oportunidades em relação aos homens e rapazes em todos os âmbitos da vida. Estes são objetivos muito relevantes pois as mulheres, em nível mundial, continuam mais vulneráveis que os homens nas diversas esferas e concentram o maior percentual da população pobre mundial: segundo dados da ONU, 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres (Lisboa, 2007: 80)”. Conforme descreve Mirando (2009), “quase vinte milhões de mulheres no mundo vivem em condições de “segunda categoria”, lutando pela sobrevivência e para terem seus direitos garantidos.

Após a I Conferência Mundial da Mulher, autores começaram a estudar a independência financeira feminina e a importância dela para o empoderamento da

mulher. Nos anos 80, Pahl inicia sua pesquisa dentro desse campo, tentando desmistificar o discurso dominante de que a família é um objeto único de decisão e de que todos os membros têm iguais benefícios dentro da decisão tomada. Para Pahl (1983) o dinheiro é um elemento chave na distribuição do poder. É dentro desse estudo que Pahl irá identificar que, em alguns casos, mulheres em situação de pobreza têm um melhoramento nas condições de vida após a separação conjugal. Bennett (1989) irá também citar um estudo de Pahl (1989), identificando que algumas vítimas de violência sexual no Reino Unido declararam se sentir melhor após a separação.

A literatura mostra que as preferências na gestão do dinheiro são diferentes para homens e mulheres. As mulheres tendem a orientar seus gastos para bem-estar dos filhos e educação, enquanto os homens dão preferências a gastos pessoais, como jogos, cigarros e despesas com carros, em geral (Pahl, 1983). Segundo Bennett (2013), as mulheres são menos propensas a ter atividades de lazer e passatempo que os homens. E as mulheres tendem a gastar mais tempo com atividades domésticas e cuidados com as crianças que seus parceiros, mesmo que ambos trabalhem em tempo integral (Coelho, 2013).

Um outro fator de desigualdade de gênero identificado por Coelho (2016) foi que em situação de desemprego masculino alguns homens passam a cuidar da casa durante o período de trabalho da mulher, mas aos finais de semana a mulher assume a responsabilidade dos afazeres domésticos, mantendo a dupla jornada, enquanto que, quando as mulheres estão desempregadas, elas assumem as tarefas do lar em tempo integral.

As autoras encontraram, também, uma tendência na relação entre a gestão de recursos na família, a posição socioeconômica, e as concepções de gênero e casamento dos membros do casal. Verifica-se que quanto maior a escolaridade, maior a propensão à partilha das responsabilidades. Por um outro lado, quanto mais escasso for o recurso financeiro e menor o grau de escolaridade maior a propensão para a gestão dos recursos pela mulher, o que pode ser visto como um fardo em gerir um recurso não suficiente para o sustento e gastos da família.

Em 2010 foi realizado o Inquérito Europeu às Condições de Vida e Rendimento em que 79% dos europeus declararam ter distribuição igualitária na

decisão final entre homens e mulheres. Em Portugal, esse percentual era de apenas 73%. Quando mencionado o compartilhamento da renda¹, 75% dos casais europeus disseram juntá-la e tratá-la como recurso comum. Portugal estava na média (Coelho, 2013). Sendo, portanto, possível se concluir que a gestão compartilhada é a forma mais declarada, porém não necessariamente a mais vivida em termos práticos, pois nem sempre as percepções das pessoas inquiridas mostram a verdadeira realidade, ou seja, de que forma o dinheiro e o tempo são realmente gastos.

Neste trabalho, adicionalmente à questão de gênero e gestão familiar, entra também a temática da imigração. As pessoas de nacionalidade brasileira representam mais de 85 mil habitantes em Portugal, sendo a maior comunidade estrangeira no país, de acordo com Folha de S. Paulo (2018). As mulheres imigrantes, sobretudo, são alvos mais fáceis da vulnerabilidade, pois estão mais expostas à discriminação, trabalhos com más condições e erotização por parte do sexo oposto (Góis, Marques, Padilha & Peixoto, 2009, Miranda, 2009). A caracterização das brasileiras em Portugal, segundo um estudo quantitativo feito por Oliveira *et al.*, (2017, 2019), é em sua maioria entre a faixa etária de 18 e 38 anos, casadas ou em união estável, com filhos e o nível de escolaridade com maior percentual era o de pós-graduação. A grande maioria vivia com a família.

Apesar da relevância da temática da imigração por gênero, e mais especificamente, da mulher brasileira em território português, alguns autores vão relatar o fato de muitos estudos e perspectivas negligenciarem o papel da mulher imigrante, como é o caso de Miranda (2009), a qual relata que em Portugal não há muito interesse pela temática. Os estudos normalmente não contemplam as questões de gênero, sendo pontuais, dispersos e generalizando todo o universo imigratório.

Diante de todo esse cenário, faz-se necessário um estudo focado na mulher brasileira imigrante em Coimbra, contemplando também a temática da gestão familiar e financeira e verificando as questões de gênero às quais essas mulheres são expostas dentro e fora do seio familiar, bem como as alterações do cotidiano

¹As palavras renda e rendimento serão utilizadas com o mesmo significado ao longo desse texto, uma vez que são usadas no Brasil e em Portugal, respectivamente, para significar o mesmo.

do país de origem para o país de imigração. O estudo é focado em mulheres brasileiras que residem em Coimbra, moram com seus parceiros e têm pelo menos um filho, corroborando o estudo de Oliveira *et al.*, (2017, 2019), de acordo com os maiores percentuais estatísticos aí levantados. A metodologia utilizada é qualitativa, por meio de entrevistas individuais com 10 mulheres voluntárias. É feita a respectiva análise de conteúdo, analisando seu histórico familiar, o cotidiano no país de origem e no país de migração, verificando alterações encontradas, sobretudo no que respeita às matérias de gestão financeira, gestão familiar e rotina, questões relacionadas a profissão e planos futuros. Ambições e planos futuros também são pontuados.

O plano da dissertação é o seguinte. A primeira parte irá contextualizar a temática, com base na literatura, em quatro capítulos que se focam nos seguintes grandes temas: patriarcado e desigualdade de gênero, desigualdade de gênero no trabalho e no emprego, gestão familiar e orçamentária dos casais e imigração de mulheres brasileiras em Portugal. Na parte 2 serão apresentadas as questões metodológicas: o problema de pesquisa, finalidades e objetivos, modelo de análise, opções metodológicas, participantes, instrumentos, procedimentos e a descrição da análise de dados. Na terceira parte serão apresentados os resultados referidos aos temas já citados no parágrafo acima. Finalmente, na conclusão será feita uma síntese dos resultados encontrados. Faremos também referência às limitações do trabalho e sugestões de estudos futuros.

Parte 1 – Contextualização teórica

1.1 Patriarcado e desigualdade de gênero

A desigualdade de gênero é fundamentada no patriarcado que, segundo Costa (2017:2), “se entrelaça necessariamente com uma cultura de violência contra a mulher.” Essa cultura patriarcal é datada por milênios e se baseia na distribuição assimétrica de poderes entre o sexo masculino e feminino, em que o primeiro se sobrepõe e domina o segundo. Ainda segundo Costa (2017), o patriarcado é classificado como uma categoria sociológica e antropológica, mas pode também ser configurado como uma visão filosófica e política, pois permeia a ideologia dos indivíduos e a organização no âmbito político, como ocupação de cargos e decisões

de políticas públicas, e a vida econômica da sociedade. Em resumo, o patriarcado é definido como:

“a manifestação e institucionalização da dominação masculina sobre as mulheres e crianças na família, e a extensão da dominação masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. Isto implica que os homens detêm poder em todas as instituições importantes da sociedade e que as mulheres são privadas do acesso a tal poder. Não implica que as mulheres sejam totalmente powerless ou totalmente privadas de direitos, influências e meios” (Lee, 2000, pp. 1493-1497 *apud* Costa, 2017: 3)

Dessa forma, mais do que algo ideológico, o patriarcado é algo concreto, que se materializa fisicamente, em que o poder do homem sobre a mulher foi durante milênios, e muitas vezes ainda o é, exercido sem que haja algum argumento para, como descreve Bordieu:

“A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos” (Bourdieu, 1998, p. 15 *apud* Costa, 2017: 4).

O patriarcado por si só engloba uma série de práticas de desigualdade de gênero e opressão da mulher, a qual é vista como mero instrumento de procriação e manutenção do lar na sociedade, não lhe sendo dado o direito de voz. Ainda hoje, mesmo com todos os movimentos a favor da igualdade de gênero e lutas feministas, as mulheres enfrentam a desigualdade e a opressão dentro do próprio seio familiar, como afirma Costa (2017). Uma prova de como a dominação total do homem sobre a mulher continua a manter-se em período recente, seria a constituição do Brasil, em que somente em 1988 “é que a mulher passa a ter “igualdade de funções” no âmbito familiar” (Costa, 2017: 8). A citação abaixo resume bastante a atual conjuntura da igualdade de gênero:

“igualdade de condições continua apenas a mascarar a lógica de opressão dos homens sobre as mulheres. Esta lógica está presente em tudo: não só nas leis, não só nos ditos populares, mas na

literatura, na música, na “moda”, na gíria ou linguagens alternativas que se vão inventando” (Costa, 2017: 13).

Além do mais, muitas mulheres repetem padrões, não realizam a autocrítica e acabam por executar atividades, falas, gestos que reafirmam o poder do patriarcado, e a degradação da mulher. Esse fator pode ser explicado por uma construção histórica, como Biroli afirma:

“Historicamente, a posição relativa das mulheres expõe a baixa efetividade de direitos que foram universalizados nas sociedades ocidentais, mesmo dos mais fundamentais, como o direito à integridade física” (Biroli, 2018: 10).

Essa condição é um fator que reflete a visão de gênero da esfera privada à pública, segundo Biroli (2018), ou seja, a vida da mulher na esfera pública nada mais é do que uma extensão da sua condição na esfera privada que está diretamente relacionada a domesticidade.

Portanto, o patriarcado não é somente um sistema que legitima a violência contra a mulher, mas também que nega e se antagoniza à luta feminista, ganhando forças e se propagando através de conceitos e ações conservadoras. Segundo Oliveira (2018), na realidade brasileira esse fator ainda é mais pungente, devido ao projeto conservador da classe dominante e à desigualdade das mulheres em relação aos homens como consequência do patriarcado.

“Em se tratando das relações patriarcais de gênero inseridas no conjunto das relações sociais capitalistas no Brasil, consideramos que a sociabilidade burguesa dominante as incorpora no seu arcabouço ideológico à medida que resiste às transformações nas relações sociais cotidianas entre homens e mulheres; assim, busca conservar um lugar social para estas, que se mantêm em desigualdade perante aos homens.” (*Ibidem*: 853)

Esse conceito trabalhado aqui, está presente em todas as instituições sociais, sejam elas privadas ou não, como a família, as instituições religiosas, as corporações, o Estado, *etc.*, e é caracterizado pelo poder de dominação dos homens. De acordo com Saffioti (2004), esse sistema apresenta seis características principais:

- “1. Não se trata de uma relação privada, mas civil;
2. Dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição;

3. Configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
4. Tem uma base material;
5. Corporifica-se;
6. Representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência” (SAFFIOTI, 2004, pp. 57-58 *apud* Oliveira, 2018: 853-854).

O patriarcado é um forte aliado do sistema capitalista e do conservadorismo de classe, que se apropria da alienação diversa para exploração e dominação de classes não dominantes, nesse caso em específico, de gênero não dominante, as mulheres, sendo assim, uma restrição à liberdade feminina e, portanto, à liberdade humana.

Segundo Passos (2002), há uma ideologia patriarcal ainda vigente, em que o conceito de ser racional é atribuído ao homem enquanto o de ser sentimental é atribuído à mulher, sendo o segundo dominado pelo primeiro.

“A ideologia patriarcal explica que a relação desigual que existe entre os sexos é natural e harmoniosa, pois as mulheres são parecidas com a natureza, dividindo com essa características como a continuidade, a repetição e a falta de controle, do mesmo modo a necessidade de ser controlada, dominada e domesticada” (*Ibidem*: 61-62).

Desse modo, a dominação da mulher pelo homem é explicada como a dominação da natureza pelo gênero masculino. São atribuídas às mulheres características que agradam aos homens, como beleza, pureza, sujeição, passividade e dependência, não levando em consideração a competência intelectual dessa classe de gênero e transformando-as em pessoas submissas, dóceis e tolerantes, que são configuradas como características adjacentes à essência feminina pelo sistema patriarcal, ocasionando uma dominação por meio da servidão à família, *Ibidem* (2002). Essa ideologia assume assimetrias entre o papel do homem e da mulher que são usadas como justificativa para uma série de desigualdades presentes em sociedade, como o fato das mulheres serem “naturalmente” mais cuidadoras, terem o instinto materno, e por isso, os cuidados com crianças e pessoas, em geral, ficarem a seu cargo.

O sistema patriarcal ganhou ainda mais forças com o sistema capitalista, pois a criação dos filhos e os serviços domésticos, os quais são majoritariamente desempenhados por mulheres, são executados gratuitamente por elas, ou seja, configura-se como um sistema de exploração do trabalho das mulheres pelo homens de acordo com Biroli (2018). Ademais, tem-se essa gratuidade assumida como parte do casamento. O que é produzido no contexto familiar pela mulher para consumo dos agregados, como alimentos de forma geral, roupas ou mesmo a limpeza, não tem valor socialmente reconhecido, embora os mesmos produtos ou serviços possam ser comprados fora de casa. Como expõe Delphy (2015) para o caso da França:

[...] “exploração patriarcal constitui a opressão comum, específica e principal das mulheres: comum porque atinge todas as mulheres casadas (80% em qualquer momento); específica porque a obrigação de fornecer serviços domésticos gratuitos é só das mulheres; principal porque, mesmo quando elas trabalham “fora”, o pertencimento de classe derivado é condicionado por sua exploração enquanto mulheres” (Delphy, 2015: 116).

Adicionalmente, ainda sobre o caso francês, quando a mulher trabalhava fora de casa ela era a única responsável pelos gastos com os cuidados dos filhos, uma vez que ela estaria deixando de cumprir suas obrigações caso desempenhasse uma profissão ao longo dos anos.

“Em suma, as mulheres foram incorporadas de forma marginal à produção capitalista. Formavam o último estoque do exército industrial de reserva, chamadas a assumir postos de trabalho em momentos de escassez de braços (como durante as guerras), mas sempre as primeiras a serem dispensadas. Seus salários eram, como continuam sendo, inferiores, bem como seu status profissional” (Miguel, 2017: 1223).

O salário da mulher ser inferior ao do homem foi uma resposta do sistema capitalista ao sistema patriarcal, mantendo a condição subalterna da mulher, ainda que fora do ambiente doméstico e condicionado à servidão. Além do trabalho feminino ser precarizado em relação ao masculino, o poder de uma forma geral está predominantemente em mãos masculinas, como ressalta Millet (2000 [1969]):

“é evidente uma vez que se lembra que forças armadas, indústria, tecnologia, universidades, ciência, cargos políticos e finança – em

suma, cada caminho para o poder dentro da sociedade, incluindo a força coercitiva da polícia, está inteiramente em mãos masculinas” ((p. 25). *apud* Miguel, 2017: 1223).

O patriarcado vem sofrendo alterações ao longo dos anos. Atualmente, por exemplo, “as mulheres não são excluídas da esfera pública e, sim, condenadas a uma posição subordinada nela” (Walby, 1990, p. 178 *apud* Miguel, 2017: 1229).

“De fato, na conformação conjunta do capitalismo e do patriarcado em seus padrões atuais, as mulheres são posicionadas como um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho prestado gratuitamente, direcionado a ocupações específicas, menos remunerado que os homens que desempenham as mesmas atividades e sub-representado na política” (Biroli, 2018: 23).

Assim, de acordo com Delphy (2015:117), “a libertação das mulheres não se dará sem a destruição total do sistema de produção e de reprodução patriarcal.”

1.2 Desigualdades de gênero no trabalho e no emprego

O sistema patriarcal reflete não somente na economia familiar, como também na economia pública, na qual a dupla jornada de trabalho impacta diretamente a carreira das mulheres, direcionando sua escolha de profissão e até mesmo posição dentro do contexto do emprego, influenciando o baixo salário devido, sobretudo, à não dedicação exclusiva ao trabalho profissional, o que, pela maioria das vezes, não ocorre com os homens, os quais se dedicam exclusivamente à profissão, ou ao menos não assumem igualmente as responsabilidades com os filhos e afazeres domésticos.

Esses fatores impactam inclusive a escolha dos gastos e atividades dos sexos, como afirma Bennett (2013), para quem as mulheres são menos propensas a ter atividades de lazer e passatempo que os homens, e as mulheres tendem a gastar mais tempo com atividades domésticas e cuidados com as crianças que seus parceiros. Mesmo que ambos trabalhem em tempo integral, os padrões de gênero nas atividades domésticas ainda se mantêm (Coelho, 2013).

Biroli (2018) também ressalta a desigual responsabilidade pelo cuidado, seja ele com crianças, idosos ou pessoas com necessidades especiais, atribuído à mulher. Adicionalmente, a autora faz menção ao trabalho emocional que está diretamente relacionando a esse cuidado, consumindo não somente tempo, mas

energia: “Uma das faces cruéis da responsabilização desigual é a atribuição às mães não apenas de tarefas cotidianas, mas da responsabilidade por “educar” e “proteger” seus filhos, [...]” (*Ibidem*: 14). Essa condição é algo que não se encontra somente em mulheres adultas, mas também tende a atingir crianças e jovens. Uma pesquisa feita pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) em 2014 revelou que:

“Entre mulheres com mais de 16 anos, 87,6% dizem realizar trabalhos domésticos, o que só se verifica em 45,8% dos homens na mesma faixa etária. Do mesmo modo, entre as mulheres com 10 anos de idade ou mais, o número médio de horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico é de 23,8, mais do que o dobro do deles, que é de 10,1 horas” (Biroli, 2018: 40).

Para Biroli (2018) essa divisão sexual do trabalho é institucionalizada e põe a mulher em uma situação de vulnerabilidade, como evidenciado no trecho a seguir:

“[...] o trabalho doméstico e o provimento de cuidado, desempenhados gratuitamente pelas mulheres, constituem os circuitos de vulnerabilidade que as mantêm em desvantagem nas diferentes dimensões da vida, tornando-as mais vulneráveis à violência doméstica e impondo obstáculos à participação no trabalho remunerado e na política” (*Ibidem*: 66).

Para além do mais, essa condição confere inclusive uma remuneração baixa no ramo doméstico, quando o serviço é realizado por terceiros, por se compreender como uma “extensão do papel “natural” das mulheres na família” (*Ibidem*: 66). Portanto, para Biroli (2018), as mulheres têm uma posição específica na divisão do cuidado e na economia dos afetos, ou seja, a divisão sexual do trabalho “confere a todas as mulheres uma posição semelhante (a elas são atribuídas tarefas de que os homens são liberados)” (*Ibidem*: 21). Essa hierarquia de gênero provocada, acarreta uma série de desvantagens e restrições para a vida das mulheres na sociedade, tendo como principais fatores a desigualdade de renda e de tempo livre entre mulheres e homens. Portanto, de acordo com Biroli (2018), a concepção de família e maternidade onera e vulnerabiliza a vida das mulheres, como descrito no trecho a seguir:

“[...] maternidade é [...] definida pela divisão do trabalho, sobrecarregando, assim, as mulheres e restringindo sua participação em outras esferas da vida, enquanto libera os homens

das responsabilidades e do trabalho envolvidos no cuidado das crianças. Por isso é que se transforma em fator de vulnerabilidade para as mulheres” (*Ibidem*: 107).

A desigualdade de gênero tem diversos graus de intensidade, pois as mulheres não são todas iguais, podendo acumular níveis diversos de desvantagens que segundo Biroli “a divisão sexual do trabalho produz o gênero, de facto, mas essa produção se dá na convergência entre gênero, classe, raça e nacionalidade [...]” (*Ibidem*: 36).

Ainda que a ocupação das mulheres nos espaços públicos venha aumentando, como ressalta Miranda (2009) ela não é acompanhada por uma divisão igual das tarefas entre ambos os sexos, como está representado no trecho abaixo:

“O facto de muitas mulheres terem começado a ocupar cargos no espaço público deveria demandar um movimento circulatório de reciprocidade e de complementariedade: homens permanecendo no espaço privado, dividindo as tarefas domésticas e cuidando dos filhos. Mas tal não se verifica. No lugar do esperado “homem novo” que divide as tarefas com sua esposa e as tarefas ligadas ao cuidar da família, surgem no cenário milhares de “novas servas”” (*Ibidem*: 28).

Dessa forma, as pesquisas mostram que independente do cargo que a mulher ocupa na vida pública, ou mesmo se não o ocupa, a sobrecarga quanto às tarefas domésticas e os cuidados com os filhos continuam caindo sobre as mesmas, enquanto os homens são livres dessa carga ou, pelo menos, não compartilham igualmente na maioria dos casos.

Biroli (2018) assume que a divisão sexual do trabalho é vista apenas como preocupação de gênero, não sendo levada em consideração dentro da democracia. A autora também diz que as mulheres têm menor acesso às posições de alta remuneração. Apesar de no Brasil essa ocupação do gênero feminino ter aumentado, ao mesmo passo foi-se observando a precarização do trabalho que atingiu principalmente as mulheres. Sobre o cenário brasileiro, a autora diz que as mulheres economicamente ativas são hoje cerca de 55%, comparado com os 18,5% de 1970. Além disso,

“Hoje têm, em média, mais tempo de educação formal do que os homens, passando a ser a maioria entre as pessoas matriculadas no ensino superior. Apesar disso, a diferença entre o rendimento médio das mulheres e dos homens permanece em torno de 25%, e a profissionalização não garantiu acesso igualitário às diferentes ocupações” (*Ibidem*: 21).

O trecho acima traduz uma realidade presente, em que o homem tem um rendimento maior que a mulher ainda que elas tenham um nível de escolaridade superior ao deles. Esse quadro se agrava no cenário informal: “Em 2013, as mulheres brasileiras receberam em média 65% do salário dos homens no mercado informal” (*Ibidem*: 72). Essa condição pode afetar diretamente o poder feminino em relação ao masculino, uma vez que “[...]o significado do dinheiro coincide com o do poder; tal como este, ele é um simples poder-fazer,[...]” (Simmel, 2009: 76). Além disso, o autor afirma que “[...]poder” abstrato se corporifica na posse do dinheiro” (*ibidem*: 79), o qual gera uma autonomia e independência pessoal: “[...]o sujeito liberta-se de laços restritivos, porque agora já não está unido ao todo como pessoa inteira, mas geralmente através do dar e receber dinheiro” (*ibidem*: 50)

A pesquisa de Coelho e Ferreira (2018) sobre o fenômeno da segregação sexual do emprego em Portugal corrobora os dados apresentados até aqui. Ao comparar os dados da distribuição de homens e mulheres por diferentes profissões em 1980 com dados mais recentes, foi concluído que a segregação sexual do trabalho aumentou nesse período. As maiores taxas de feminização foram identificadas em profissões relacionadas aos cuidados e reprodução social, como limpeza, serviços, pessoais, professorado e profissionais de saúde, comprovando a extensão do papel da mulher na família ao contexto do trabalho remunerado, acentuando a divisão sexual do trabalho. Ao mesmo passo, em que as menores taxas de feminização são encontradas em profissões tipicamente masculinas, como construção e obras públicas, condução de veículos e equipamentos móveis, mecânica, eletricidade, eletrônica, especialistas em tecnologias de informação e comunicação.

Os resultados do trabalho de Coelho e Ferreira (2018) comprovam também que a taxa de feminização nos lugares de topo da hierarquia é muito baixa, tanto na administração pública como na empresarial e privada, o que é interpretado

também como resultado da divisão sexual assimétrica do trabalho que, segundo Biroli (2018), tem como consequência a desigualdade de gênero na política e nos direitos das mulheres, uma vez que, se estão fadadas a terem menos tempo livre que os homens, por se ocuparem mais da criação dos filhos e atividades domésticas, acabam por ter menos participação e envolvimento político que os mesmos, gerando um quadro de falta de representatividade e consequentemente de leis destinadas ao seu gênero. As leis são formuladas diretamente por homens, os quais não tem lugar de fala e estão no topo da hierarquia da sociedade. Uma ilustração clara disso é o fato dos homens ocuparem 90% dos assentos na Câmara dos Deputados no Brasil:

“Seu trânsito em espaços não domésticos (profissionais, políticos) encontra hoje menos barreiras, mas é ainda desigual. Mantém-se, ainda, uma matriz que configura as relações e as identidades de gênero na forma de vantagens para os homens” (*Ibidem*: 95).

As mulheres que realizam trabalho doméstico enfrentam restrições não somente no tempo livre, mas também nas redes de contato e remuneração, que para elas são fatores fundamentais de valorização e de aceitação social na presente sociedade: “O quadro histórico mais amplo das formas atuais de organização da vida é aquele em que o trabalho remunerado é definido como fator primordial de socialização e valorização do indivíduo, [...]” (*ibidem*: 86).

Toda essa desigualdade entre homens e mulheres, inclusive na relação conjugal, foram legais até recentemente no Brasil, só tendo sido totalmente eliminadas no Código Civil de 2002, no que se refere aos direitos nos casamentos e relações familiares de homens e mulheres, segundo Biroli (2018). Porém, ainda há leis que reforçam o papel tradicional da mulher e a divisão desigual do cuidado com os filhos, como é o caso da licença maternidade:

“[...] licença de 120 dias para as mulheres e a previsão da licença-paternidade de apenas 5 dias são efeitos da prevalência de uma lógica convencional, que dificulta a institucionalização do compartilhamento das responsabilidades pelo cuidado entre mulheres, homens e a coletividade” (Biroli: 186).

Em Portugal, a licença parental é menos desigual entre pai e mãe comparada ao do Brasil, sendo 72 dias obrigatórios pela mulher e 15 dias

obrigatórios ao homem, podendo durar entre 120 e 180 dias consecutivos e compartilhados entre o pai e a mãe, de acordo com Gonçalves (2019).

Concluimos então que a dedicação aos cuidados domésticos e dos filhos, dos quais a maioria dos homens são isentos, impede a entrada das mulheres no mercado de trabalho ou, no melhor dos casos, obriga-as a exercerem uma dupla jornada de trabalho, impactando a ascensão profissional e a renda propriamente dita, provocando desigualdade de renda entre mulheres e homens (Miranda, 2009:31). Portanto, a igualdade entre homens e mulheres parece só ser possível com a superação da oposição entre trabalho remunerado e cuidado, como afirma a autora:

“A superação da oposição entre trabalho remunerado e cuidado parece necessária para que se tenha uma configuração mais justa das relações de gênero e de classe. [...] a responsabilização das mulheres pelo cuidado as impede de participar paritariamente da sociedade [...]” (Biroli, 2018: 87)

1.3 Gestão familiar e orçamentária dos casais

Na mesma década em que ocorre a II Conferência Mundial da Mulher (1980), algumas autoras começaram a estudar a independência financeira feminina no contexto do casamento e a importância dela para o empoderamento e bem-estar da mulher. Pahl inicia sua pesquisa dentro desse campo, tentando desmistificar o discurso dominante de que a família é uma unidade de decisão em que todos os membros têm os mesmos gostos e preferências e, portanto, iguais benefícios das decisões tomadas na aplicação do dinheiro (Pahl, 1983, 1989, 1995; Vogler e Pahl 1994). Esses primeiros estudos empíricos foram desenvolvidos e aprofundados por outros autores ao longo do tempo, com a mesma preocupação de mostrar que dentro da família pode haver interesses diversos, e que as decisões de natureza econômica e financeira são muitas vezes tomadas em desfavor das mulheres. (Phipps, 1998; Gomes, 2000; Deustch, 2003; Heimdal, 2003; Woolley, 2003; Kenney, 2006; Ludwig-Mayerhofer, 2006; Burgoyne, 2007; Ashby, 2008; Atwood, 2012; Bennett, 2010, 2013; Bonke, 2015).

Para Pahl (1989) o dinheiro é um elemento chave na distribuição do poder, não é apenas um meio econômico, mas também ideológico e social. Como também

afirma Jarl, “aqueles que têm poder sobre outros se reconhecem facilmente pelo facto de controlarem e terem acesso a recursos. E os recursos dão poder para controlar, recompensar e punir outros” (Jarl, 2003: 48 *apud* Coelho, 2013: 4). Assim se compreende que Pahl (1983) tenha identificado que mulheres apesar de sua situação de pobreza tenham um melhoramento no seu bem-estar após a separação conjugal. Bennett também mencionou esse fato referenciando os estudos de Pahl (1989), em que vítimas de violência sexual no Reino Unido declararam se sentir melhor após a separação, “they felt better off having left their partner because, despite the meager level of social security they received, they had control over it.” (Bennett, 2013: 583).²

Nussbaum (2000) corrobora que os interesses das mulheres estão subordinados à unidade familiar ou ao benefício do coletivo. Também Sen (1990) afirma que os diferentes membros da família identificam as suas preferências e participam do processo decisório dentro dessa instituição em função do seu sexo e da posição que ocupam dentro da família:

“O modo como cada pessoa percebe os seus interesses, bem-estar, obrigações e legitimidade dos comportamentos é resultado de identidades múltiplas associadas ao sexo, à classe social, à situação socioprofissional, à raça e à comunidade a que se pertence mas, também, à posição dentro da família.[...] As práticas de gestão do dinheiro na família são, então, determinadas por valores e normas sociais relativos à classe social, à idade e ao sexo.” (Coelho, 2016: 60)

Por isso, o autor defende que o estudo da família deve ser pautado não a tratando como uma unidade de decisão, mas atendendo às percepções de cada membro sobre seus interesses e contribuições (Sen, 1983, 1985, 1990):

“o estudo da família se deve fazer no quadro de uma teoria negocial qualitativa, centrada no conceito de “conflito cooperativo”, que permita atender ao papel, quer da agência individual, quer das percepções relativas aos interesses, ao bem-estar, às contribuições e pretensões de cada membro da família” (Coelho, 2013: 91).

²Tradução livre da autora: “Sentiam-se melhor quando deixavam o seu parceiro porque, apesar do escasso nível de segurança social que recebiam, tinham o controlo sobre o mesmo.” (Bennett, 2013: 583).

Vogler e Pahl (1993, 1994) utilizam bases de dados britânicos do Conselho de Pesquisa Econômico e Social em seus estudos, fazendo uso de métodos quantitativos com entrevistas e inquéritos para identificar o tipo de gestão financeira de casais, a maioria com filhos, e o impacto de cada indivíduo na decisão. Este trabalho permitiu identificar cinco diferentes tipos de gestão, sendo elas: gestão integral pela mulher, gestão integral pelo homem, mesada para governo da casa, gestão conjunta e gestão independente. Na gestão integral pela mulher, o marido dá todo seu rendimento para a esposa, a qual é responsável por administrá-lo e pagar as contas da casa. É normalmente associado às famílias de baixo rendimento. Na gestão integral pelo marido, no geral, apenas a figura masculina possui rendimento, sendo a única responsável pela gestão financeira. Está mais presente em casais com rendimentos maiores. Na mesada para governo da casa, normalmente a figura feminina não possui rendimento próprio e recebe uma quantia de seu marido para gerir as despesas da casa, o restante é gerido e apropriado pelo homem. Na gestão independente, ambos, normalmente, possuem rendimento próprio e são responsáveis pelos seus próprios gastos e gestão financeira, ficando responsável por diferentes contas da família. Finalmente, na gestão conjunta foi identificado três tipos distintos: gestão conjunta pelo homem, gestão conjunta pela mulher e gestão conjunta compartilhada. Em todas as três, geralmente, ambos os indivíduos têm acesso aos rendimentos do parceiro e é comum o uso de conta conjunta. A diferença se baseia basicamente no responsável por gerir os gastos, em que na gestão conjunta pelo homem é o marido, na gestão conjunta pela mulher é a esposa e na gestão conjunta com partilha são ambos.

Os estudos de Vogler e Pahl (1993, 1994), permitiram concluir que a igualdade e o poder nas decisões do casal estavam diretamente associados ao tipo de gestão, em que os casais com gestão conjunta ou gestão pela mulher tinham uma maior igualdade no poder de decisão entre os indivíduos, ao mesmo modo que os casais com gestão predominantemente masculina a igualdade era menor. O tipo de gestão também está associado com o responsável pelo rendimento da casa e afazeres domésticos, casais que utilizavam a gestão conjunta tendiam a ser mais igualitários que os casais com gestão segregada por uma das partes.

Pahl deu sequência em seus estudos Pahl (1995, 2000, 2007, 2008) e, ao mesmo tempo, surgiu uma linha de autores fundamentados na análise dela, alguns continuam usando o inquérito do Reino Unido para analisar a gestão financeira familiar de forma estatística, outros alargaram os estudos para outros países (Phipps, 1998; Gomes, 2000; Deustch, 2003; Heimdal, 2003; Woolley, 2003; Kenney, 2006; Ludwig-Mayerhofer, 2006; Burgoyne, 2007; Ashby, 2008; Atwood, 2012; Bennett, 2010, 2013; Coelho, 2013; Coelho, 2016; Bonke, 2015).

Corroborando os estudos de Vogler e Pahl (1993, 1994), Coelho (2013), relaciona o tipo de gestão e controle do dinheiro com o nível de renda familiar. A tabela 1, abaixo, resume os diferentes tipos de gestão financeira na família, sendo, portanto: mesada para governo da casa, gestão integral pela mulher, gestão integral pelo marido, gestão conjunta, gestão conjunta parcial e gestão independente. Então, percebe-se que foi eliminada a gestão conjunta pela mulher e gestão conjunta pelo homem, e surgiu a gestão conjunta parcial, em que a principal diferença da gestão conjunta é o fato de apenas uma parte dos rendimentos ser compartilhada para o pagamento de gastos comuns, enquanto que na gestão conjunta todo o rendimento é compartilhado. Os demais tipos de gestão financeira do casal permaneceram os mesmos de Vogler e Pahl (1993, 1994), apresentando as mesmas definições já mencionadas. Nos tipos de gestão em que apenas um dos cônjuges é responsável por gerir, normalmente quem tem a menor renda destina-a a quem tem a maior, salvo em famílias com uma ideologia tradicional de gênero. De acordo com Bennett (2013), a mesada para governo da casa, a gestão integral pela mulher e a gestão integral pelo homem estão associados aos papéis de gênero tradicionais, já os demais compõem um grau maior de individualização. Bennett (2013), remete a um estudo feito por Singh e Morley (2011) no qual diz: “separate financial accounts give married couples flexibility to deal with split and multiple responsibilities in step-, blended, and migrant families.”³ Ao mesmo tempo em que famílias que gerem os rendimentos em

³Tradução livre da autora: “contas financeiras separadas proporcionam aos casais flexibilidade para lidar com responsabilidades divididas e múltiplas em famílias adotivas, recombinadas e migrantes.” (Bennett, 2013:589).

conjunto tendem a ter uma maior igualdade de gênero, segundo Coelho (2016), nas que apresentam controle masculino a desigualdade é mais acentuada.

As autoras encontraram relação entre a posição socioeconômica e a gestão de recursos na família e com as concepções de gênero e casamento dos membros do casal. Quanto maior a escolaridade, maior a propensão de partilha das responsabilidades. Por um outro lado, quanto mais escasso for o recurso financeiro e menor o grau de escolaridade maior a propensão para a gestão dos recursos pela mulher, o que pode ser visto como um fardo em gerir um recurso não suficiente no sustento e gastos da família. Por outro lado, quando a situação financeira do casal é mais confortável, a figura que tende a gerir os gastos é a masculina. De acordo com os estudos de Coelho (2013), o qual utilizou o Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (ICOR) do INE (Instituto Nacional de Estatística), a gestão conjunta ou parcial é a mais utilizada entre os casais.

Tabela 1 – Tipos de Gestão Financeira

	Mesada para governo da casa	Gestão Integral pela mulher	Gestão Integral pelo Marido	Gestão conjunta	Gestão conjunta parcial	Gestão independente
Gestão	O marido /companheiro entrega à mulher uma "mesada" de valor fixo, à qual ela acrescenta o eventual rendimento próprio. Ela é responsável por gerir as despesas correntes, cabendo ao homem as Despesas excecionais ou de maior valor.	O marido /companheiro entrega o seu rendimento à mulher, exceto uma quantia menor para despesas pessoais. A mulher adiciona-lhe o seu próprio rendimento, caso o tenha, e é Responsável pela gestão do rendimento conjunto.	O marido /companheiro tem responsabilidade exclusiva pela gestão das finanças familiares. A mulher dispõe de uma quantia para as suas despesas que lhe é transferida pelo marido e/ou resulta de rendimento próprio.	Os cônjuges partilham a totalidade dos Seus rendimentos, ambos têm acesso a todos os recursos financeiros, gastando desta bolsa comum. Geralmente o casal tem o dinheiro numa conta conjunta e refere-se a ele como "o nosso dinheiro".	Os cônjuges juntam uma parte do rendimento individual de cada um, com a finalidade de pagar as Despesas comuns, e mantêm o restante separado. Ambos auferem rendimento próprio e nenhum tem acesso a todos os fundos da família.	Ambos os cônjuges auferem o seu próprio rendimento, que mantém separado. Cada um tem responsabilidade por diferentes categorias das despesas comuns da família.
Controlo	O homem detém o poder de decisão, quer sobre o valor da mesada, quer sobre despesas de Maior montante.	O homem exerce controlo sobre o dinheiro. O poder de decisão da mulher resulta num fardo e numa tarefa árdua, dada a escassez de rendimento.	Cabe ao homem o poder de decisão.	Partilhado, mas o cônjuge com maior rendimento tem mais poder de decisão.	O cônjuge com maior rendimento, geralmente o homem, tem mais capacidade de decisão e controlo.	Independente. Ambos os cônjuges detêm controlo sobre o seu rendimento.
Rendimento Familiar	Médio	Reduzido	Elevado	Qualquer	Qualquer	Médio, médio alto

Fonte: Coelho, Lina (2013) O meu, o teu, o nosso dinheiro: Contributos para o estudo da gestão das finanças conjugais em Portugal. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, 4, Quadro 1.

Em um estudo feito por Daly e Rake (2003), provou que em média as mulheres têm controle direto de apenas um terço do total do rendimento do casal. Então, segundo Coelho (2013), "na ausência de uma redistribuição equitativa, elas usufruirão de menor bem-estar material do que os seus companheiros masculinos." Além disso, a literatura mostra que as preferências na gestão do dinheiro são

diferentes para homens e mulheres. As mulheres tendem a orientar seus gastos para bem-estar dos filhos e educação, enquanto os homens dão preferências a gastos pessoais, como jogos, cigarros e despesas com carros em geral (Pahl, 1983). Segundo Coelho (2016), as mulheres normalmente ficam responsáveis por gastos cotidianos, como limpeza, vestuário e alimentação, enquanto que os homens se responsabilizam por gastos com a habitação, aluguel e contas da morada. Bennett descreve a diferenciação dos gastos da seguinte forma:

“Differential consumption of family items such as food, heating, and cars, was found, with women in particular more likely to skimp on food than men. Women were also less likely to have individual items, such as a leisure pursuit or pastime, as well as any (or as much) personal spending money” (Bennett, 2013: 585).⁴

Segundo os estudos qualitativos de Poeschl (2000), as decisões referentes ao orçamento familiar e lazer ficam mais a cargo do homem, enquanto que as decisões sobre os filhos e a casa com a mulher.

Um outro fator de desigualdade de gênero identificada por Coelho (2016) foi que em situação de desemprego masculino alguns homens passam a cuidar da casa durante o período de trabalho da mulher, mas aos finais de semana a mulher assume a responsabilidade dos afazeres domésticos, mantendo a dupla jornada, enquanto que quando as mulheres estão desempregadas elas assumem as tarefas do lar em tempo integral. Segundo Coelho:

“Conhecer os padrões de despesa, o controlo sobre os recursos e os processos de tomada de decisão dos casais em matéria financeira releva, não só para a compreensão dos comportamentos económicos da família, mas, também, para informar intervenções de diversa natureza para promoção do bem-estar familiar” (Coelho, 2013: 3).

Em 2010 foi realizado o Inquérito Europeu às Condições de Vida e Rendimento em que 79% dos europeus declararam ter distribuição igualitária na decisão final entre homens e mulheres. Em Portugal, esse percentual era de

⁴Tradução livre da autora: “O consumo diferencial de itens familiares, como comida, aquecedores e carros, foi encontrado, com as mulheres em particular mais propensas a economizar em alimentos do que os homens. As mulheres também eram menos propensas a ter itens individuais, como lazer ou passatempo, bem como qualquer (ou o mesmo) dinheiro para gastos pessoais” (Bennett, 2013: 583).

apenas 73%. Quando mencionado o compartilhamento da renda, 75% dos casais europeus disseram juntar os rendimentos e tratá-los como recurso comum. Portugal está na média, Coelho (2013). Sendo, portanto, possível se concluir que a gestão compartilhada é a forma mais declarada, porém não necessariamente a mais vivida em termos práticos, pois as percepções dos casais podem não mostrar a verdadeira realidade, de que forma o dinheiro e o tempo são gastos.

“[...] o bem-estar material e emocional das mulheres parece ter sido mais sacrificado do que o dos homens, quer pelo agravamento da sobrecarga de tempos de trabalho e conseqüente sacrifício do lazer, quer pelo maior sacrifício dos seus consumos pessoais.”
(Coelho, 2016: 2)

1.4 Imigração de mulheres brasileiras em Portugal

De acordo com a Organização Internacional para as Imigrações, há cerca de 200 milhões de imigrantes em todo o mundo (Oliveira *et al.*, 2019). Esse grupo populacional está sujeito a uma maior vulnerabilidade pois, “Sentimentos crescentes de intolerância, discriminação e preconceito tornaram os contingentes de imigrantes grupos especialmente vulneráveis em algumas sociedades” (Prado; Coelho, 2015 *apud* Oliveira *et al.*, 2019: 183).

Especificando os casos migratórios de brasileiros em Portugal, esses representam mais de 85 mil habitantes, sendo a maior comunidade estrangeira no país, de acordo com Folha de S. Paulo (2018). Esse número chegou a atingir sua máxima em 2008, compondo um total de 107 mil brasileiros em Portugal (Góis *et al.*, 2009). A imigração brasileira em Portugal foi composta de diversas fases, sendo primeiramente composta pelas viagens entre os séculos XIX e XX, que eram pessoas vindas das Américas. Posteriormente, os portugueses passaram a retornar para seu país de origem com suas famílias, juntamente com os exilados durante a ditadura brasileira. E, finalmente, vieram pessoas qualificadas, que auxiliaram Portugal no período de entrada para União Europeia (*Ibidem*, 2009). O período seguinte de migração do Brasil para Portugal é caracterizado pela proletarianização da mão de obra:

“Segundo Feldman-Bianco (2001), foi no princípio do processo de proletarianização, no início dos anos 90, que os imigrantes brasileiros

são percebidos pela primeira vez como um “problema”.” (*Ibidem*: 114)

No princípio do século XXI “os brasileiros se apresentam como a única grande vaga imigratória em expansão nos últimos anos” (*Ibidem*: 119) e de acordo com a amostra selecionado no inquérito, caracterizam-se de forma estatística do seguinte modo: após o dia 1 de janeiro de 2003, 59% dos brasileiros em Portugal são mulheres, sendo 75% em idade ativa (20 aos 39), a maioria dos entrevistados eram casados ou viviam em união estável (47%), em que as mulheres compunham uma proporção superior aos homens casados, 48,3% contra 44,3% (*Ibidem*, 2009).

Pode-se notar que durante muito tempo a imigração brasileira era caracterizada por uma mão de obra qualificada, ao passo que nos anos 90 esse contexto se altera e os brasileiros imigrantes em Portugal passam a ser originários de uma classe socioeconômica mais humilde, ocupando funções menos qualificadas no mercado de trabalho (*Ibidem*, 2009).

Nesse contexto, segundo os autores, a imigrante mulher se torna ainda mais vulnerável que o homem, pois a condição de imigrante “confere a essas mulheres uma experiência laboral precária e marginal, permeada por mecanismos de exclusão e segregação sexual e étnico-racial” (Silva, 2013 *apud* Oliveira, *et al.*, 2019: 183).

Para Biroli, as mulheres imigrantes são mais suscetíveis à opressão e estão em desvantagens perante os homens. “Está no polo da desvantagem e da opressão justamente quem tem menores possibilidades de ocupar espaços e exercer influência no sistema político, isto é, as mulheres, em especial mulheres negras, pobres e imigrantes” (Biroli, 2018: 46).

Segundo Góis (2009), a situação da brasileira imigrante é mais complicada do que do homem brasileiro, pois está associada ao erotismo em Portugal, impactando de forma negativa a vida quotidiana das brasileiras de uma forma geral. Miranda (2009), irá corroborar essa temática, afirmando que as mulheres imigrantes são muito mais expostas que os homens a trabalhos forçados, exploração sexual e outras formas de violência, aceitando condições precárias de trabalho e baixos salários.

Segundo Góis *et al.* (2009), o início da imigração laboral, representada por pessoas que vieram a ocupar cargos não qualificados de emprego à partir do anos

90, foi essencialmente masculina. Porém, mais recentemente esse quadro tem se alterado e atualmente a imigração brasileira é majoritariamente feminina.

Um estudo realizado em 2016, entre os meses de julho e setembro, inquiriu 682 mulheres imigrantes brasileiras em Portugal, que viviam aqui por pelo menos três meses e eram maiores de 18 anos. Essa pesquisa utilizou o método quantitativo por questionário e “Os resultados evidenciaram predominância de mulheres na faixa etária de 18 a 38 anos, casadas ou em união de fato, com escolaridade em maior proporção no nível de pós-graduação, com filho(s) e vivendo em uma composição familiar” (Oliveira *et al.*, 2019: 182). Ou seja, na amostra deste estudo, 60,5% das mulheres pertencem a faixa etária de 18 a 38 anos, e 61% das mulheres são casadas ou têm união estável com o parceiro. Nessa mesma amostra, Oliveira *et al.* (2017) irá identificar que 58,4% das mulheres tinham filhos e o maior percentual do nível de escolaridade se encontrava na pós-graduação, com 27%, seguido por ensino médio completo com 25% e por superior incompleto ou superior completo, com 15% cada; 69% do total da amostra vivia com sua própria família.

Mesmo as mulheres sendo atualmente a maior parte dos imigrantes brasileiros em Portugal, alguns autores vão relatar o fato de muitos estudos e perspectivas negligenciarem o papel da mulher migrante, sendo consideradas como dependentes daqueles com quem migram, como pode ser observado no trecho a seguir:

“Quer as perspectivas neo-clássicas, que analisam as decisões racionais dos indivíduos, quer as perspectivas que estudam os factores macro-estruturais subjacentes às migrações, salientam o papel dos homens migrantes como fonte de trabalho – trabalhadores e actores económicos – e negligenciam o papel desempenhado pelas mulheres. As mulheres eram relegadas para o espaço privado da casa, e a sua contribuição económica para a sociedade era largamente ignorada (Oso e Catarino, 1996 *apud* Miranda, 2009:22). As mulheres eram perspectivadas como “dependentes”, migrando na qualidade de esposas, mães ou filhas de migrantes masculinos.” (Zlotnik, 1995:229 *apud* Miranda: 22)

Para Miranda (2009), o conceito de feminização da imigração na Europa é caracterizado mais pela aceitação da mulher como migrante do que pelo aumento

do fluxo de mulheres migrantes propriamente dito. A mulher passa a exercer um papel importante na decisão da migração, deixando a característica de dependente para trás. De acordo com a autora, as mulheres migram em busca de melhores salários e condição de vida, e o fluxo de mulheres migrando sozinhas aumentou nos últimos anos:

“Foi surgindo uma maior consciência de que as migrações não têm o mesmo efeito e impacto nos homens e nas mulheres e de que uma exclusiva focalização nos homens não permite apreender as complexidades envolvidas. Passou a ter-se em consideração duas questões que antes eram totalmente negligenciadas: Que factores determinam a imigração das mulheres? (E que são diversos dos factores que determinam a imigração dos homens); que impacto o processo imigratório tem no estatuto das mulheres imigrantes?”

A feminização da imigração é agora internacional e alguns autores chegaram a considerar a feminização da migração como uma das cinco características que definem a atual era das migrações.”

(Castles e Miller, 1998 *apud* Miranda, 2009: 24)

Entretanto, a autora identifica que em Portugal não há muito interesse pela temática, os estudos normalmente não contemplam as questões de gênero, sendo pontuais, dispersos e generalizando todo o universo. Esse estudo se faz necessário, pois as mulheres que migram contribuem não somente para o rendimento familiar, como também para a economia do país no qual passam a residir (*Ibidem*, 2009). Corroborando, Catarino (2007) ressalta que o ramo acadêmico não dá muita relevância para certas áreas do estudo, como a juventude, o cotidiano, o corpo, a família e as mulheres. Também relata que, apesar de nos últimos anos os estudos sobre imigração e gênero terem aumentado, não há um cruzamento entre ambos. A ausência de pesquisas nessa área, segundo a autora, pode intensificar a marginalização dessa população.

De acordo com Catarino (2007), as mulheres imigrantes têm uma inserção no mercado de trabalho semelhantes umas as outras, em segmentos inferiores do mercado de trabalho, independentemente da diversidade de sua origem e características. Porém, as mulheres brasileiras possuem alguma particularidade, como pode ser observado no trecho a seguir:

“women share similar experiences of professional insertion (they are channeled into the lower segments of the labour market). The

authors conclude that despite the diversity of migration flows (in terms of length of stay, skills, etc.), the professional insertion of immigrant women seems to roughly converge (Gonçalves and Figueiredo 2005; Gonçalves 2006). [...] Brazilian women were more highly represented in activities such as the hotel industry, catering and trade and, as far as the first wave of migration is concerned, they were also active in technical and skilled activities [...]” (*Ibidem*: 8)⁵

Um outro aspecto descrito pela autora é como os portugueses definem o jeito brasileiro de ser, que se manifesta em características como serem felizes, sensuais e simpáticos, sendo configurados como fatores positivos para os homens e negativo para as mulheres o que parece estar muito associado à sua erotização pelos portugueses:

“In Portugal, Brazilian people are typically associated with attributes such as happy or sensual, and they are supposed to be endowed with a special virtue which is their sympathy. Nevertheless, this evaluation is positive when men possess such characteristics and negative when applied to women” (Machado cited by Pontes 2004 and Machado 2004 *apud* Catarino, 2007: 1).⁶

Para além da erotização, as mulheres brasileiras têm menores oportunidades de emprego e alguns estudos identificaram que as que se encontravam desempregadas tinham uma qualidade de vida inferior às mulheres imigrantes empregadas ou inseridas no mercado de trabalho:

“Elas tendem a ser menos empregadas em comparação aos homens e também vivenciam desigualdades em termos de renda e educação. A pontuação mais baixa entre as mulheres também pode ser explicada por variações hormonais, nascimento de filho(s) e o

⁵Tradução livre da autora: “as mulheres compartilham experiências semelhantes de inserção profissional (são canalizadas para os segmentos inferiores do mercado de trabalho). Os autores concluem que apesar da diversidade dos fluxos migratórios (em termos de tempo de permanência, competências, etc.), a inserção profissional das mulheres imigrantes parece aproximar-se (Gonçalves e Figueiredo 2005; Gonçalves 2006). [...] as mulheres brasileiras estavam mais representadas em atividades como hotelaria, alimentação e comércio e, no que diz respeito à primeira onda de migração, elas também eram ativas em atividades técnicas e especializadas (Catarino, 2007: 8).

⁶Tradução livre da autora: “Em Portugal, os brasileiros são tipicamente associados a atributos como felicidade ou sensualidade, e devem ser dotados de uma virtude especial que é a simpatia. No entanto, essa avaliação é positiva quando os homens possuem tais características e negativa quando aplicada às mulheres.” (Machado cited by Pontes 2004 and Machado 2004 *apud* Catarino, 2007:11).

papel desempenhado como mãe e esposa, fatores observados com frequência nos relatos sobre as condições de saúde e a QV [Qualidade de Vida] de imigrantes do sexo feminino” (Oliveira *et al.*, 2017: 832).

Porém, para além do trabalho remunerado há outros fatores que definem a qualidade de vida das mulheres imigrantes. Oliveira *et al.* (2017) evidenciam a importância de, para mais do que o respeito e solidariedade entre as diferentes culturas e etnias, haver também uma interação entre elas, integrando o imigrante em sociedade. Segundo os autores, a busca de uma maior qualidade de vida é o principal motivo da imigração. Qualidade de vida pode ser entendido como:

“A Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 2002) define ‘qualidade de vida’ como um fenômeno holístico que reúne os recursos sociais, individuais e físicos necessários ao indivíduo para a concretização de seus objetivos e aspirações, bem como para a satisfação de suas demandas em diferentes níveis.

[...]relacionados com a saúde, como bem-estar físico, funcional, emocional e mental; outros elementos importantes na vida das pessoas, como trabalho, família, amigos e as circunstâncias do cotidiano, também são relevantes; e a percepção pessoal sempre é primordial” (*Ibidem*: 825).

Segundo Oliveira *et al.* (2017), a imigração brasileira nos períodos mais recentes parece tender novamente para indivíduos que têm uma maior estabilidade financeira, evidenciando que os brasileiros recém-migrados para Portugal se enquadram nesse perfil.

Diante desse cenário, faz-se necessário um estudo focado na atual mulher brasileira imigrante em Portugal, pois a imigração é mais um fator que pode colocar o gênero feminino em risco à vulnerabilidade social, por uma série de elementos, sejam eles econômicos (dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e rendimentos), ou mesmo emocionais, relacionados às diferenças culturais, falta de apoio e rede, seja ela de amigos ou familiares, e estigmas presentes na sociedade portuguesa, como a erotização da mulher brasileira.

Parte 2 – Metodologia

2.1 Problema de Pesquisa

Diante da relevância da igualdade de gênero, sobretudo da questão do empoderamento da mulher e da menina a nível mundial, juntamente com a desigualdade na distribuição de tarefas e preferências individuais nos gastos entre mulheres e homens estudados por Pahl, Bennet, Coelho e Biroli, somado ao fato dos imigrantes brasileiros serem a maior comunidade estrangeira em território português, as mulheres imigrantes brasileiras apresentarem uma maior proporção quando comparado ao sexo masculino, bem como, o maior percentual ser composto por mulheres casadas e como mencionou Oliveira (2019), a tendência atual ser de imigrantes com um poder econômico e financeiro mais estável, se faz necessário o estudo aprofundado dessa temática envolvendo a mulher brasileira imigrante em Portugal e sua vivência face ao processo de igualdade de gênero. Dessa forma o problema de pesquisa central será:

- As mulheres brasileiras imigrantes em Coimbra manifestam as desigualdades de gênero apresentadas na literatura?

Juntamente a esse problema central outros problemas específicos serão avaliados:

- Qual é a trajetória dessas mulheres em situação de imigração?
- A imigração trouxe alterações à rotina familiar em termos de gestão financeira e divisão tarefas domésticas? Quais?
- Qual é a influência da independência financeira da mulher na divisão de tarefas e opções de lazer?
- Há padrão de gênero nas despesas familiares? Quais?

2.2 Finalidades e Objetivos

O presente trabalho tem como finalidade geral estudar a vivência de mulheres brasileiras em contexto de imigração em território português, especificamente no concelho de Coimbra, na perspectiva das desigualdades de gênero. Para tal, serão caracterizados e analisados os seguintes aspectos dessa

vivência: trajetórias de vida, alterações provenientes da imigração na rotina familiar em termos de gestão financeira e divisão de tarefas domésticas, a influência da independência financeira feminina na divisão de tarefas entre o casal e opção de lazer e, por fim, a existência de padrões de gênero nas despesas dos casais.

2.3 Modelo de Análise

De acordo com a literatura, o nível de renda e o grau de escolaridade estão associados ao modelo de gestão do dinheiro pela família, a divisão das tarefas domésticas ainda ocupa um cunho sexual, os gastos femininos são preferencialmente destinados aos filhos e educação, enquanto os masculinos a artigos pessoais e automobilísticos. Assim sendo, os itens a serem estudados são:

- Nível de renda da mulher e grau de escolaridade
- Como as mulheres caracterizam o casamento em relação a gestão do dinheiro
- Tipos de atividades domésticas e de lazer que são realizadas em conjunto e separadamente
- Se possuem redes sociais e de que forma é realizada a gestão, acesso pelo parceiro ou não.
- Divisão de tarefas e gastos com os filhos, como isso alterou o estilo de vida do casal.
- Trajetória de vida individual e do casal.

As hipóteses levantadas para esse estudo estão descritas a seguir:

- O contexto de imigração traz uma divisão mais desigual das tarefas domésticas entre os cônjuges.
- O motivo da imigração é pela busca de melhores condições de vida
- Quanto mais paritária a renda dos cônjuges mais equilibrada a divisão das tarefas domésticas e melhores suas opções de lazer e igualdade de atividade livres entre os sexos.
- Os homens tendem a ter mais lazer que as mulheres.
- Quanto menor a igualdade de rendimento dos cônjuges menor a igualdade na decisão.

- Espera-se encontrar padrão de gênero nas despesas da família: em que a responsabilidade dos gastos com as crianças é predominantemente das mulheres e gastos tipicamente masculinos (carros, eletrodomésticos, aluguel) é de responsabilidade do homem.
- Mulheres com baixa renda tendem a assumir uma maior responsabilidade com as necessidades familiares.

2.4 Opções Metodológicas / Modelo Metodológico

O modelo metodológico utilizado na dissertação será o qualitativo, pois o objetivo é trazer a voz das mulheres de acordo com suas realidades e ter um caráter aprofundado deste assunto, que uma abordagem apenas quantitativa não permitiria.

O paradigma qualitativo, como a própria nomenclatura aufere, tem um caráter de interpretação da investigação, em que o papel do investigador é valorizado e a epistemologia é subjetivista (Coutinho, 2018). Segundo esta autora, o paradigma qualitativo adere as noções de compreensão, significado e ação. Esse tipo de estudo permite:

“o fornecimento de uma descrição detalhada de um meio social específico, uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica” (Gaskell, p.65 *apud* Câmara 2013: 181)

Essa abordagem exige um grau de aproximação maior com o sujeito estudado para que se possa entender melhor sua perspectiva diante das situações enfrentadas e vivenciadas pelo próprio. Envolve também, de acordo com Coutinho (2018), interpretações de interpretações, ou seja, é necessário interpretar ações do próprio intérprete. É, também, uma interpretação das ações sociais, individuais e uma investigação de ideias (*ibidem*). Esse paradigma é, portanto, amparado por um método indutivo e “tenta compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado” (Mertens, 1998, p.160 *apud* Coutinho, 2018: 28). A

finalidade de investigação é compreender, interpretar, descobrir significado e hipóteses de trabalho.

Conforme se propõe na metodologia de caráter qualitativo, primeiramente será necessária a recolha de dados. Nesse caso estes foram obtidos por meio de entrevistas individuais presenciais ou por vídeo conferência. Foram, também, aplicados questionários com perguntas fechadas para obter a caracterização socioeconômica dos sujeitos. Uma vez obtidos esses dados, foi aplicada uma entrevista semiestruturada com um guião construído a partir de toda literatura estudada e baseado em Martínez (2004). Posteriormente os resultados das entrevistas foram analisados de modo a criar categorias de análise, dentro das quais se pôde buscar padrões, situações que se repetem, e através disso chegar a construção do resultado que alimentará as conclusões sobre o fenômeno em estudo.

2.5 Amostra

A amostragem escolhida é não probabilística, pois melhor se enquadra em pesquisas qualitativas. A escolha dos elementos da amostra será criterial, ou seja, será feita através de “critérios pragmáticos e teóricos em vez de critérios probabilísticos” (Bravo, 1992b, p.254 *apud* Coutinho, 2018: 96). Segundo Coutinho (2018), conforme a investigadora verifica a importância de novos dados para estudo ou comparações importantes para o resultado, novos elementos vão sendo incorporados, podendo haver uma ampliação da amostragem no decorrer do tempo.

Para obter a amostra foi feito um rastreamento em redes sociais de participantes em potencial, que foram convidadas a participar da pesquisa por meio dos mesmos canais sociais. O processo envolveu inicialmente contato direto com pessoas conhecidas pela pesquisadora que lhe proporcionaram indicações sobre potenciais participantes e/ou grupos em redes sociais. Portanto, a seleção foi feita por meio de amostragem voluntária e em bola de neve, em que as participantes foram indicando outras possíveis entrevistadas que se adequavam ao critério.

Na sequência do procedimento descrito, foi identificado um grupo no Facebook de “mães brasileiras em Coimbra” que parecia especialmente adequado aos objetivos do estudo, o qual tinha 490 membros. De forma direta ou indiretamente, todas as entrevistadas acabaram sendo membros desse grupo.

Dessa forma, foram selecionadas dez mulheres brasileiras imigrantes em Coimbra que vivem com seus cônjuges e têm pelo menos um filho dependente financeiramente. Foi utilizado o método de saturação teórica, para chegar ao número final de participantes.

2.6 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para execução da pesquisa. O primeiro é um questionário de identificação (Anexo I) que inclui perguntas como idade, escolaridade, ocupação, nível socioeconômico, número de filhos, estado civil e informações sobre os pais. O segundo instrumento foi o guião de entrevista (Anexo II) que inclui perguntas abertas relacionadas à trajetória de vida antes e durante o casamento, a relação com o cônjuge, com os filhos, a divisão de tarefas domésticas e de lazer, a relação com o dinheiro e com as decisões de despesa e a relação social das entrevistadas.

2.7 Procedimentos

No primeiro contato com as entrevistadas foi-lhes apresentada a pesquisadora e o seu projeto de pesquisa (objetivos, métodos e finalidades, instituição a qual tutela a pesquisa e identificação da orientadora científica). Em caso de aceitação de participação, foi apresentado o procedimento de recolha de informação e foi coletada a assinatura do termo de consentimento das mulheres, com autorização de gravação da entrevista, garantindo ainda que as entrevistadas estão cientes de todo o processo, da garantia de confidencialidade da forma com que os dados vão ser tratados e armazenados e da forma como os resultados serão divulgados. Deste modo, assegurando sua participação voluntária na pesquisa. Posteriormente, foi solicitado o auto-preenchimento do questionário em papel. Na

sequência, foi realizada a entrevista individual com perguntas abertas. Esse tipo de entrevista permite que cada uma das participantes expresse sua opinião individual sem ser influenciada pela opinião de outras ou de seus parceiros. Gera-se assim uma narrativa construtiva em que elas contam sua história de vida individual e do casal.

A parte inicial da entrevista teve como objetivo conhecer os aspectos socioeconômicos que podem ter influenciado para a identidade dentro da relação. A parte narrativa irá trazer aspectos como o poder de decisão dentro da família e a relação com o dinheiro, bem como quais gastos são priorizados pela mulher, outros temas, como divisão de tarefas, lazer, relações sociais e familiares, também foram abordados.

Após a transcrição das entrevistas foi atribuído um nome fictício para cada uma das mulheres, o nome de seus cônjuges foi trocado por “Fulano”, enquanto os nomes dos filhos foram retirados e substituídos por um parêntesis com a palavra ‘filho’ ou ‘filha’.

2.8 Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas, utilizando o software NVivo 9 e posteriormente tratadas por meio de uma análise temática (Braun & Clark, 2006). As transcrições foram lidas repetidas vezes até se obter a familiarização com o que foi identificado. Foi aplicada a codificação e agrupamento por similaridade semântica nos trechos relevantes ao objetivo do trabalho. Temas foram criados a posteriori com base no conteúdo analisado das entrevistas. Foi feita a revisão dos temas até todos os códigos estarem inseridos em categorias mutuamente exclusivas.

O método utilizado para definir o número de entrevistas foi a saturação teórica, ou seja, quando nenhum tema novo for criado em três entrevistas sucessivas as mesmas serão interrompidas (Francis *et al.*, 2010) – o que se esperava ocorrer com aproximadamente 10 participantes. Quando a saturação teórica foi identificada, os dados brutos foram retomados integralmente, e a precisão dos temas delimitados para representar os dados foi verificada.

Uma vez que as unidades temáticas foram verificadas, elas foram nomeadas, descritas e interpretadas com base nos estudos de gestão familiar e orçamentário propostos por Vogler e Pahl (1993), Bennett (2013), Coelho (2013), Biroli (2018).

Parte 3 – Resultados

3.1 Caracterização socioeconômica da amostra

A tabela do Anexo III – Caracterização socioeconômica da amostra sumaria os resultados obtidos nas Respostas ao Questionário de autopreenchimento e permite conhecer as características socioeconômicas da amostra.

As mulheres entrevistadas nasceram entre os anos 1972 a 1988, décadas de setenta e oitenta, todas são casadas, com exceção de duas que apresentam união estável, possuem ao mínimo o 3º grau completo, sendo que 70% delas são ao menos pós-graduadas, cinco delas estão desempregadas, sendo que uma delas já estava desempregada desde seu país de origem, duas com licença remunerada do Brasil, duas autônomas ou proprietária de empresa e uma empregada em Portugal com contrato temporário de emprego. O tempo de desemprego varia de um ano a dois, e apenas uma delas está há 13 anos desempregada. Os cônjuges das respectivas entrevistadas nasceram entre os anos de 1969 e 1989, têm pelo menos o 3º grau completo, com exceção de um que tem somente o 2º grau completo, 50% deles têm ao mínimo o nível de pós-graduação, sendo dois deles com o pós-doutorado, nível de escolaridade não identificado entre as entrevistadas. Nenhum dos cônjuges apresenta o status de desempregado no momento, sendo, portanto, empregado, aposentado ou com licença do Brasil. Todos os casais têm ao menos um filho e o ano de nascimento dos filhos varia de 1999 a 2018, sendo que em todos os casos eles dependem financeiramente dos pais. O ano de nascimento dos pais das entrevistadas variam de 1927 a 1965, sendo sempre o pai mais velho ou de igual idade quando comparado a mãe. O nível de escolaridade dos pais da entrevistada variam de 1º grau a doutorado, em todos os casos a entrevistada tem nível de escolaridade igual ou superior ao dos pais, com exceção de uma que está no processo de transição para o doutorado (nível de escolaridade

de seus pais). Todas as imigrantes têm ao menos um irmão ou irmã, o nível de escolaridade deles é ao mínimo 3º grau, com exceção de um dos casos que a escolaridade constitui o 2º grau. Apenas em um dos casos a entrevistada tem renda superior ao cônjuge, em todos os outros o rendimento do parceiro é maior que o da mulher. Somente duas das entrevistadas tem imóvel no seu nome e no nome do cônjuge, somente três não possuem automóvel próprio, sendo que em um dos casos o cônjuge possui. O tempo que vive em Portugal varia de um ano e cinco meses a dois anos e meio, em todos os casos elas vieram direto do Brasil para Portugal, com exceção de uma que está fora do Brasil um ano a mais do que vive aqui. Todas vieram para Portugal juntamente com seus cônjuges e apenas três, segundo o questionário, têm intenção de voltar ao país de origem, uma não sabe e as outras não têm intenção.

3.2 Histórico familiar das imigrantes

A análise do histórico familiar das imigrantes tem o intuito de comparar com a realidade atual das mesmas, identificando possíveis padrões ou quebra deles, no que diz respeito, sobretudo, na forma como são geridas as finanças e cuidados com os filhos. Pretende-se, deste modo, identificar evidência sobre os papéis tradicionais de gênero, previsíveis em uma sociedade patriarcal.

Esse tópico será dividido em duas partes, a primeira a qual tratará especificamente sobre a gestão financeira dos pais das entrevistadas e a segunda que abordará a gestão dos cuidados. A tabela abaixo sintetiza os resultados que foram obtidos nestes itens:

Tabela 2 – Gestão financeira e Familiar dos pais das mulheres

Nome atribuído	Origem dos Rendimentos	Situação Financeira Familiar	Suporte emocional / cuidado com os filhos
Ana	Ambos	Restrita	Mãe
Maria	Majoritariamente o Pai	Não identificada	Mãe / irmã mais velha
Bruna	Ambos	Restrita	Avó / mãe / tia
Patrícia	Majoritariamente a Mãe	Restrita	Mãe
Isa	Pai	Não restrita	Mãe
Laura	Ambos	Não identificada	Mãe / babá
Thais	Majoritariamente o Pai	Não restrita	Mãe
Fran	Avó	Não identificada	Avó
Andressa	Ambos	Restrita	Avó / babá
Viviane	Pai	Não restrita	Não identificada

3.2.1 Gestão financeira dos pais das mulheres

Quanto a ocupação profissional e condição financeira dos progenitores, pode-se perceber que em todos os casos tanto a mãe quanto o pai tinham empregos ou alguma ocupação com retorno financeiro, com exceção da mãe de Fran, que tinha problemas no coração e não trabalhava fora de casa, como descreve a entrevistada: *“Minha mãe era do lar trabalhava, né? Até porque ela tinha problema de coração [...] ninguém dava emprego para ela, então ela vivia muito assim...em casa, vivia mais com meu avô, né?”*

A mãe de Isa deixou de trabalhar quando conheceu o pai da entrevistada: *“Então, antes ela chegou a exercer sim, mas quando eu nasci aí já tinha muitos anos, desde que ela conheceu meu pai ela tinha se afastado.”* Maria, também, relata que sua mãe ficou um tempo em casa após o nascimento do segundo filho: *“...ela ficou um tempo em casa, acho que foi quando nasceu o segundo filho dela, ela passou a ficar mais em casa, e aí deixou esse trabalho dela, trabalhava [...], e aí depois ela passou a ficar em casa. E aos poucos, ela foi voltando, acho que quando eu era pequena ela dava aula de inglês em casa e aí depois que eu cresci ela passou a ser professora [...] que é uma escola bilingue e depois, quando eu já estava na faculdade, ela fez um concurso público para funcionária administrativa [...], passou no concurso e trabalhou até se aposentar com 70 anos”.*

Quanto ao principal responsável financeiro pela casa, em quatro dos casos era o pai (Maria, Isa, Thais e Viviane), em quatro dos casos tanto o pai quanto a

mãe eram responsáveis (Ana, Bruna, Laura e Andressa), e em um dos casos era a mãe (Patrícia) e no caso restante era a avó (Fran). Em três dos casos em que o pai era o principal responsável financeiro é possível perceber uma vida mais confortável em termos econômicos, pelos relatos das entrevistadas, como diz Viviane: *“...porque eu venho de uma família que ninguém cozinha, sempre tive empregada doméstica na casa da minha mãe, ela, minha mãe também não cozinha e tal, então foi uma novidade.”* Isa, também, menciona o fato de sua mãe ter empregada doméstica: *“Era dona de casa mas tinha empregada, tinha empregada.”* Na fala de Thais a situação financeira confortável é diretamente declarada: *“meu pai ele ganhava muito bem...então ele ganhava muito bem, muito mais que minha mãe.”* Já no caso em que a mãe era a principal responsável financeira, a situação econômica familiar era apertada como relata a Patrícia, e ademais, sua mãe era o suporte financeiro também de seus avós: *“minha mãe sempre foi mulher muito resiliente e ela sempre conseguiu ser meio que a estrutura tanto financeira, de provedora...[...]...e também a minha mãe sempre foi o suporte financeiro dos meus avós, tanto a minha mãe dos avós maternos, quanto meu pai da avó paterna...o que até o final da minha adolescência proporcionou uma vida financeira não muito confortável, a gente vivia numa situação mais apertada”.*

Outras três entrevistadas em que ambos, o pai e a mãe, dividiam as responsabilidades financeiras, também descreveram terem vivenciado uma situação financeira não muito confortável quando moravam com seus pais, que é o caso da Ana, Bruna e Andressa. Ana relata: *“até porque nossa família nunca teve muita grana”.* Andressa, também, deixa isso de forma bem explícita: *“e os meus pais [...] eu achava a vida deles muito sofrida, sem rotina, né? Sem hora livre... minha mãe não tinha condições de me dar e tal...”.* No caso de Bruna, ela ressalta que os pais mesmo em uma situação financeira não confortável, priorizam os estudos: *“era bem apertado assim então... eles batalharam bastante para fazer as quatro estudarem em escola particular”.*

No caso de Maria, apesar de não ser identificada uma situação financeira restrita e o pai ser o suporte financeiro da família, a entrevistada relata que em períodos de transição de emprego do pai, a mãe assumia funções para auxiliar nas finanças da casa: *“Meu pai sempre, majoritariamente, mas eu lembro que a minha*

mãe, ela nos períodos de transição entre um trabalho e outro do meu pai quando ele saía de um, eu lembro que ela chegou a fazer transporte escolar, dar aula na garagem de casa, montou uma turminha, então assim, quando as coisas ficavam difíceis ela dava um jeito e também colaborava nesse sentido, mas ela ficava muito mais em casa e meu pai trabalho fora”.

Partindo dos resultados identificados no histórico familiar é possível ratificar os estudos de Coelho (2013, 2016), em que as famílias com situações financeiras menos restritivas tinham como principal provedor a figura masculina, enquanto as famílias com mais restrições financeiras ambos os integrantes (homem e mulher), proviam os recursos, ou a mulher era a principal provedora.

3.2.2 Gestão dos cuidados dos pais das mulheres

Em todos os casos analisados, as imigrantes moraram com os pais durante a infância e adolescência, os quais eram casados, com exceção dos casos de Laura e Thais em que seus pais se separaram quando elas ainda eram crianças, ambas passaram a morar com a mãe. Fran, apesar de morar com seus pais e eles serem casados, ela foi criada pela avó materna a partir de uma certa idade devido ao falecimento de sua mãe e sequentemente de seu avô materno, a quem ela era muito próxima.

Um outro fator que vale ressaltar é que o caso de Laura e Thais, em que seus pais se separaram logo na infância, ambas as entrevistadas relatam esse episódio logo no início da entrevista, o que não acontece com as demais, podendo significar um acontecimento marcante na vida de ambas. No relato de Laura ela diz: *“Bom, não sei se tem muita história, mas assim sou filha de...enfim meus pais eles são separados...”* Já Thais, descreve da seguinte forma: *“Bom, meu pai e minha mãe se separaram [...] e nisso meu pai mudou de cidade e eu morei com a minha mãe, durante esses outros...durante todos os anos.”* Adicionalmente, é possível identificar que tanto Laura como Thais continuaram morando com suas mães após a separação de seus pais, reforçando o papel de cuidadora da mulher o qual é identificado na literatura analisada.

Thais, voltou a viver com seu pai já na fase adulta, após o falecimento de sua mãe: *“...quando ela faleceu eu mudei para [...], onde meu pai morava, a pedido do meu pai, porque eu era muito, eu já tava morando com a minha mãe porque ela*

tava muito doente, eu era muito parecida com ela, meu pai ficou com medo do meu padrasto fazer alguma...”. Diante dessa fala, pode-se identificar uma visão patriarcal por parte de seu pai em dois pontos: primeiramente, por acreditar que o padrasto iria ter interesse sexual pela sua filha; em segundo lugar, pela tentativa de protegê-la sob seus cuidados, mesma ela já estando na idade adulta.

Em todos os casos as entrevistadas disseram que a figura que dava mais suporte emocional em casa, ou seja, quem era mais responsável pelos cuidados com os filhos de uma forma geral, era a mãe ou uma outra figura feminina, como tia, avó, babá ou irmã mais velha, confirmando as análises identificadas na literatura em que a mulher sempre aparece com um papel de cuidadora e realiza tarefas diretamente relacionadas aos filhos com muito mais frequência que o homem, ou seja, desempenhando os papéis tradicionais de gênero, as falas de Andressa, Ana, Maria e Bruna evidenciam isso: *“assim como eles trabalhavam o dia inteiro fora eu ficava muito com a minha avó materna e também a gente tinha empregados em casa, eu tive babá”; “Mãe, (risos), só ela, meu pai não, meu pai passava o dia trabalhando, normalmente, o que a gente queria, desde uma decisão de compra ou para onde vai, para não vai, se vai para festa, se não vai, se vai para casa da vó, se não vai, se vai tomar uma surra, se não vai (risos), era tudo com minha mãe”; “era a mais velha dos quatro...três anos de diferença então, ela tinha quase 10 anos mais do que eu, então era meio que uma segunda mãe”; “Era...era mais a minha mãe e minha avó...e minha tia, meu pai era muito, tinha as brincadeiras que eram com ele assim, mas a questão de acompanhar na escola...”. No caso específico de Maria, a questão patriarcal hierárquica em sua base familiar é ainda mais explícita, reforçando o papel de “chefe da família” na seguinte cena descrita por ela: *“...meu pai que era o provedor, que a gente tinha...não podia começar a comer sem ele tá na mesa, era todo uma coisa bem antiga”.**

Apenas um dos casos difere das demais: Fran era muito próxima de seu avô. Porém, após o falecimento tanto da sua mãe como de seu avô foi criada pela avó: *“...eu fui muito criada com meu avô. Apesar de morar com a minha mãe, com meu pai, mas eu vivia mais na casa dos meus avós do que dos meus pais. E...assim, foi uma infância muito boa, eu gostava muito do meu avô, meu avô também era apaixonado por mim [...] E...aquela mais próxima dele, então assim, eu tinha muito*

contato com meu avô. [...] eu perdi a minha mãe, [...] e com três meses depois eu perdi o meu avô, então foi assim um choque muito...grande para mim, foi uma coisa brutal. Enfim, e daí para cá, eu fui criada pela minha avó, então tudo o que eu tenho que eu devo à minha avó, questão de formação, tudo, caráter, personalidade, tudo, foi construída pela minha mãe que foi uma guerreira, que perdeu uma filha depois perder um marido, é muito complicado.” Nesse caso, é possível notar que Fran considera sua avó como mãe, pois assim a nomeia no trecho anterior.

Portanto, de acordo com os resultados identificados na divisão de tarefas a mulher é a principal responsável pelos cuidados com os filhos, que nesse caso foi descrito como suporte emocional, reforçando os papéis de gênero tradicionais em uma sociedade patriarcal.

3.3 A experiência da maternidade na voz das mulheres

Um dos itens o qual a maioria das entrevistadas menciona durante a entrevista é o impacto significativo que os filhos de alguma forma causam em suas vidas, as mudanças que isso provocou. Isso é levantado por sete das mulheres de maneiras distintas. Maria, por exemplo, identifica tanto o decréscimo no encontro com os amigos após ter filhos, como conta que se esquece que era casada antes dos filhos, pois, segundo ela, a vida só mudou mesmo após tê-los: *“Olha, ao longo dos anos de casados foi diminuindo muito, né? Quanto mais filho, menos a gente encontrava...[...]... a gente até brinca de que a grande mudança foi quando a gente teve filho, que até então, a gente até brinca que quando a gente vai lembrando, “Ah, quando a gente era solteiro”, esse quando a gente era solteiro era quando a gente morava junto e não tinha filho, um ato falho...”*

Bruna voltou a morar próximo a sua família depois que engravidou, menciona o fato de não ter hora quando não se tem filho e deixa explícito que deixou de fazer muita coisa depois dos filhos: *“...mas quando engravidei do meu primeiro filho, eu voltei a morar em [...] para ficar perto da minha família que poderiam ajudar e ter uma vida mais tranquila.”*, *“...quando você não tem filho, você não tem hora, tá ótimo.”*. Também Patrícia confirma: *“Há muita coisa que eu fazia há 15 anos atrás, mas não é nem por morar com ele era por não ter dois filhos (risos).”* Também

Patrícia diz que diminuiu a frequência de seu lazer individual e também com seu cônjuge após ter filho, e confessa ter mudado o senso de segurança e proteção: *“...porque depois que a gente teve filho o senso assim de proteção, de segurança mudou um pouco...”* (...) *“Costumava, com muito menos frequência de quando eu não tinha filho, mas fazia...”*(...) *“É difícil, a gente quase não tem vida social de casal, porque quando se tem filho fica difícil assim, não tem muita disposição...”*.

Isa já conta que precisou deixar um trabalho que fazia em uma cooperativa de reciclagem quando ficou grávida, pois como trabalhava com lixo isso podia ser tóxico: *“...mas eu saí porque tava justamente para minha filha nascer, não tinha mais como eu ficar lá no meio do lixo (risos), eu já tava no limite meio complicado lá, mas foi uma experiência bem legal.”* Adicionalmente, menciona que só passou a fazer mais coisas do que fazia antes de casar depois que teve filho: *“E coisas a mais que eu comecei a fazer foi depois de ter filho...”*.

Laura teve que adiar os planos de vir para Portugal quando ficou grávida de sua filha e conta não ter mais rotina desde que ela nasceu: *“A gente na verdade, né? Já queria ter vindo antes de engravidar e aí a gente estava com passagem marcada para passear e tudo mais e aí eu descobri que tava grávida, e a minha gestação ela ía nascer justo quando a gente já tava, já estaria aqui passeando digamos.”* (...) *“Para ser bem honesta desde quando ela nasceu não tenho rotina...”*.

Para Viviane o impacto foi não somente no lazer que diminuiu, mas em sua carreira profissional, trancou a faculdade quando engravidou do segundo filho e diz não mais comprar coisas para ela, ter-se anulado por conta dos filhos, considerando ser uma prática normativa de quando se é mãe: *“Eu saía mais com as amigas, eu comprava, eu trabalhava, e o meu dinheiro eu comprava muita roupa para mim, bolsa, acessório, eu gostava muito dessas coisas, maquiagem e me arrumar e tudo, e depois que a gente casa e tem filhos os objetivos são outros, tudo vai para os filhos, né? Depois que o (filho mais novo) nasceu, aliás, depois que (filha mais velha) nasceu, eu tomei a decisão de me dedicar aos filhos, pelo menos enquanto eles fossem pequenos e graças a Deus o salário do meu marido dá para sustentar a gente, e eu posso me dar a esse luxo de cuidar dos meus filho, em tempo integral, assim, estou só estudando.”* Fica explícito na fala de Viviane que a

mulher que é mãe vive um dilema entre se cuidar e ter ambições profissionais com o ser mãe, cuidadora dos filhos e sem o “luxo de vaidade”, como se uma função anulasse a outra: *“É isso, quando a gente é solteira, a gente tem uma cabeça, quando casa muda, quando tem filho muda, a gente acaba se renunciando muito, se anulando muito em detrimento dos filhos. Essa questão é uma questão que é muito discutida nos grupos de mães, nos grupos de amigas que eu faço parte que já são mães, (...) esse eterno dilema que a mulher vive depois de ser mãe, porque é como se vivesse duas mulheres dentro da gente, uma que é mãe e aquela mulher que existia antes, que é vaidosa, que tinha aqui objetivos e ambições profissionais e tudo. Seria uma coisa que a gente vive em conflito e tentando administrar da melhor maneira possível”*.

Thais teve todo o seu plano de vida alterado por conta da gravidez, não pode seguir seu mochilão pela Europa e decidiu ficar em Coimbra, com seu atual parceiro, para ter a bebê e a criarem juntos. Menciona, também, o fato de diminuir as viagens e passeios que costumava fazer, bem como não mais praticar a yoga e começar a cozinhar que era algo que não fazia antes: *“...fui ver tava grávida. Aí meu mochilão virou uma mala pesada (risos)...acabou Malta, acabou Londres. Aí ele pediu para eu ficar, resolvemos ter a (filha), que é minha filha...”*(...) *“Hoje em dia eu tô começando a pensar em fazer uma outra faculdade, porque, eu tô aqui em Coimbra, que é uma cidade que eu não escolheria para morar, sem filho, né, com filho as coisas mudam, não tem praia...”*(...) *“Antes da (filha), eu tinha yoga que eu fazia, é que geralmente os horários à noite, aí eu agora com ela é complicado, são sempre na hora ou que vai buscar ela na escola, seis ou no horário de dar banho e botar para dormir, às oito, então tá bem difícil isso, e yoga e meditação era uma coisa que eu gostava que eu parei de fazer...”*, *“...que antes da (filha) eu era muito mais livre. Então, por exemplo, eu cheguei em Coimbra e não gostei, eu ia embora, eu ia largar ele, tranquilamente, ia para Ilha de Malta, ele ia entender, e depois a gente ia se encontrar e Ok...”*(...) *“...quando a (filha) não existia quem cozinhasse era ele, a gente brincava que ele era o chefe da casa, agora acabou o chefe, morreu.”*

Na análise das entrevistas a experiência da maternidade mostrou ser um assunto determinante na vivência das desigualdades de gênero para as mulheres

entrevistadas. Muitas delas revelam só se ter sentido sobrecarregadas ou mesmo ter havido mudança de rotina e hábitos a partir do momento que foram mães.

3.4 Caracterização da vida das mulheres antes da imigração

Esta seção envolve diferentes ramos da vida das mulheres entrevistadas no contexto de seu país de origem, incluindo o âmbito do estado civil e relação conjugal, quando aplicável, o âmbito profissional, educacional, tipo de gestão de rendimento, lazer e a auto-percepção do seu cotidiano. Essas informações serão utilizadas para comparar com o cotidiano em Portugal na seção seguinte, evidenciando possíveis mudanças e permanências.

3.4.1 Estado civil e relação conjugal

Todas as mulheres entrevistadas já eram casadas ou viviam em uma união estável no Brasil com seu atual cônjuge ou parceiro, com exceção da Thais que namorava o seu parceiro atual, com quem hoje tem união estável: “...*namorava o Fulano que é essa pessoa que tá comigo hoje em dia.*” Thais, já havia sido casada com um outro indivíduo e se separou depois de sete anos: “*casei e mudei, morei em vários estados do Brasil, me separei depois de 7 anos.*” O mesmo aconteceu com Andressa, que já havia vivenciado uma união estável antes do seu atual cônjuge: “...*já tinha tido um relacionamento antes, mesmo não tendo sido casada, eu morei junto com o pai do meu marido, com o pai do meu marido não, essa foi péssima (risos), do meu filho mais velho, e então assim, a gente começou esse relacionamento eu era muito nova...*”.

Quanto a percepção da relação do casal os relatos foram diversos, havendo desde descrições positivas, incluindo interesses e gostos em comum, como relatos negativos. No caso de Ana e Thais, foram citados alguns problemas, como brigas, desentendimentos e relação conturbada. Ana descreve da seguinte forma: “*a gente tava naquela fase que eu acho que ou resolvia alguma coisa, ou mudava de ares, ou mudava de vida, ou no mínimo ia ter uma separação, porque tava muito estranho, tanto a relação da gente, quanto a relação com a cidade, com o mundo, com tudo.*” O relato de Thais está exposto a seguir: “...*brigamos, terminamos, era uma...era bem conturbado assim a nossa relação.*” As demais entrevistadas não

relatam aspectos negativos envolvendo a relação amorosa, especificamente. E algumas delas deixam claro os fatores positivos da relação, como é o caso de Laura, que diz: *“Eu não posso reclamar, sério! Ele não é a pessoa perfeita, eu sei que eu também não sou, mas a gente se entende de um jeito que é...é...não sei, eu acho muito saudável.”* Fran, também explicita os aspectos positivos: *“assim eu conquistei muita coisa depois do casamento também, muita coisa, foi muito bom. Eu casaria novamente com ele, e eu acho que também ele. Até porque ele já teve outros relacionamentos né e não foram bons assim.”* Por um outro lado, Fran, apesar de dizer que não há proibição na relação, em uma de suas falas ela utiliza o termo *“ele deixa”*, o que pode identificar uma certa autoridade do marido sobre ela, ainda que inconscientemente: *“Porque assim, tenho uma liberdade muito grande, ele deixa eu sair com os meus amigos...”*. Adicionalmente, Fran, utiliza muito o pronome ele para descrever os interesses do casal, o que mais uma vez pode configurar um certo poder dele sobre ela: *“eu voltei para [...] para conhecer a família dele porque ele já queria noivar e tudo, já casar.”*. Isa diz que nunca mais saiu à noite para dançar porque, segundo o marido, para os homens as festas à noite são apenas para conhecer mulheres quando estão solteiros, o que pode ser configurado como um poder dele sobre ela, restringindo sua liberdade e estereotipando a forma de ser do homem hétero, como pode ser observado na fala de Isa: *“Primeira coisa que eu acho que 99% das mulheres reclamam é sair para dançar, que você nunca mais sai, né? Engraçado que a gente já conversou sobre isso, ele fala “Isa, na cabeça de homem discoteca” que a gente fala aqui né porque boate não pode falar, “discoteca é para pegar mulher”*. Portanto, em ambos os discursos acima é possível se identificar a existência de uma dominação masculina de alguma forma presente na relação, mais uma vez confirmando os padrões patriarcais e papéis de gênero familiar.

No caso de Patrícia foi observada uma constância do termo “a gente” para as decisões do casal, como pode ser identificado na seguinte fala: *“a gente decidiu que ia morar junto, eu ainda estudando, tava na graduação e ele coincidentemente na época conseguiu um emprego...”*. Nessa relação, diferentemente de Fran e Isa, pode-se perceber que há uma maior igualdade nas decisões do casal, a qual está associada ao termo utilizado “a gente”, contrariando as identidades patriarcais.

Viviane descreve como arrependimento um interesse comum do casal: *“Ah eu tinha casado 10 anos antes com meu marido, é sério. Eu tinha casado logo quando a gente se conheceu, mas a gente nem pensou nisso”*, ao invés de mencionar algo individual, auferindo uma perda de individualidade, pois o relato não é de algo específico do casal e sim dela, que se refere a um arrependimento próprio, confundindo suas vontades e frustrações com seu parceiro, o que pode configurar a teoria de Sen exposta por Coelho (2013), em que em alguns casos as mulheres se identificam tanto com o bem estar da família que os confunde com os próprios interesses.

3.4.2 Educação e Profissão no Brasil

Essa seção traz uma caracterização do nível de escolaridade das entrevistadas bem como sua situação profissional no Brasil, o que servirá de comparação ao status profissional e educacional em Portugal.

Todas as entrevistadas concluíram a graduação no Brasil, sendo que Ana, Bruna, Isa, Thais, Fran e Andressa fizeram também especialização nas respectivas áreas ou MBA. Andressa, em particular, concluiu um mestrado no Brasil.

Quanto a parte profissional, todas as entrevistadas, com exceção de Viviane, tinham um emprego remunerado em seu país de origem, trabalhando em sua área de formação: apenas Thais, que cursou educação física, não trabalhava em seu campo, sendo gerente de eventos. Ana, Carol, Isa e Laura também trabalhavam em empresas privadas. Já Fran e Andressa são funcionárias públicas no Brasil, enquanto que Maria e Patrícia tinham sua própria empresa. Ana, Bruna e Patrícia deixam evidente a rotina estressante e caótica de seus trabalhos: *“era para trabalhar de oito às 14, eu saía de lá às 15:30, 16, chorando, desesperada, porque não dava tempo e volto...chegava em casa era trabalhando pelo celular, pelo tablet e telefone”*; *“rotina caótica, né, implantação de sistema geralmente à noite ou final de semana”*; *“diversas vezes eu não dava conta mesmo, daquela...daquela responsabilidade, e foi aí que eu comecei a enxergar outras possibilidades e fiquei até meio traumatizada assim com aquela, com aquela função”*. Fran diz ter tido uma rotina de trabalho tranquila: *“Era tranquila, não era aquela coisa escravatura, comparando a outros estados, em que a pessoa trabalha 40 horas em sala de aula. Eu trabalhava 25 horas na sala de aula e 15 de coordenação.”* Andressa, também

sendo professora, não declara a rotina ser tranquila ou não, mas sim ter uma “vida normal de professor”, que aparentemente por sua fala, permite auferir que há muitas tarefas para serem feitas: *“...três vezes na semana, à noite em sala de aula e o restante do tempo planejando aula, corrigindo trabalho, corrigindo prova, pesquisando, vida normal de professor”*. Maria e Thais não explicitam de forma negativa ou positiva sua rotina no ambiente de trabalho, porém evidenciam não trabalharem mais de oito horas por dia. Maria fala sobre sua liberdade para chegar mais tarde e sair mais cedo, por ser proprietária. Já Thais, normalmente trabalhava oito horas por dia e em caso de hora extra recebia por isso, porém isso só ocorreu quando chegou em uma posição de gerente dentro da empresa: *“como a empresa era minha, então eu chegava sempre um pouco mais tarde, eu chegava 10:30, 11 horas no escritório”, “Oito, a não ser que tivesse algum evento, e aí eu trabalhava mais e eu ganhava para isso, ganhava para trabalhar a mais, isso não no começo do trabalho, no final quando você consegue chegar já num nível de cargo, onde você consegue exigir algumas, alguns direitos, porque no começo não era assim não.”* Isa e Laura não discorrem sobre suas rotinas no ambiente de trabalho no Brasil, comentando apenas do ambiente de trabalho em Portugal, o qual será abordado em uma seção futura.

3.4.3 Percepção do Cotidiano no Brasil

Essa seção, bem como a anterior, servirá de comparação para a percepção da rotina em Portugal pela entrevistada, identificando possíveis mudanças e permanências, bem como pontos negativos ou positivos em ambos os casos.

A principal característica da rotina de vida no Brasil levantada pelas entrevistadas foi a rede de apoio que tinham com os afazeres da casa e cuidados com os filhos. Ana, Maria, Bruna, Andressa e Viviane testemunham este aspecto: *“...a gente que vem de outro, vamos dizer assim, de outro estilo de vida, quando lá eu trabalhava e eu tinha apoio, lá eu tinha uma pessoa em casa, eu tinha as facilidades, eu tinha transporte escolar...”; “...no Brasil eu tinha minha dublê lá, e quando eu não estava em casa tinha tranquilidade de que tava tudo funcionando né, que as crianças com, se tinha que ir para rotina de atividade de extra escola ou ir para escola, e a casa chegava em casa, casa limpa, comidinha pronta...”; “...lá minha mãe fazia o almoço das crianças tudo...”; “no Brasil eu tinha toda uma*

estrutura de suporte, primeiro eu tinha empregada em casa todos os dias, eu tinha uma ajudante né que era babá também do (filho), que principalmente ia nos finais de semana”; “Tinha uma pessoa que ajudava três vezes por semana, e fazia almoço, lavava roupa, deixava tudo organizado e tudo certinho”.

Thais, não somente comenta que tinha empregada no Brasil, mas como também, naturaliza esse fato em sua fala, o que evidencia o pertencimento a uma classe social sem restrições financeiras: *“No Brasil, as pessoas tem empregada...”*.

Bruna, mesmo citando ter pessoas que auxiliavam nas tarefas domésticas no Brasil, relata ter um rotina caótica: *“Na verdade a gente tava numa rotina caótica, e você começa a achar aquilo normal, que é normal você acordar cinco, dormir quatro, cinco horas por noite, que é normal você passar 20 horas, sei lá 18, 15 horas fora de casa, você começa a achar que esse é o normal”,* Isa e Laura também descrevem a rotina acelerada ou o excesso de horas de trabalho: *“Por conta do meu trabalho, eu viajava muito, esse era um dos objetivos da nossa mudança também para eu poder desacelerar.”; “...no Brasil a gente sabe que precisa trabalhar praticamente 24 horas...”*. Thais, ainda comenta sobre uma comodidade que tinha na vida no Brasil, porém, para ela, isso era algo incômodo: *“Quando a vida tá mais acomodada assim, você tem mais tempo para lidar com essas coisas que ficam em segundo plano quando se tem outros problemas, e aí quando você começa a trabalhar a parte espiritual começam a vir outros problemas (risos)...”* *o que eu estou fazendo, quem sou eu, não consigo contribuir para o mundo, estou num trabalho onde não contribuo para o mundo”, enfim...”. Fran também diz ter uma certa tranquilidade em sua rotina no Brasil. Entretanto, ressalta o fato de ter que acordar cedo e não ter tempo para arrumar o filho: *“mas assim eu acordava muito cedo, acordava às seis horas da manhã, quem levava meu filho à escola era o fulano, era o pai, né? Eu não tinha como arrumar ele, e organizar as coisas para ele...”*.*

Portanto, um fator de predominância identificado nessa seção é a comodidade e conforto das entrevistadas no que diz respeito especificamente as tarefas domésticas e cuidados com os filhos, os quais, devido a posição socioeconômica das mulheres, eram terceirizados, na maioria dos casos, por empregadas domésticas e/ou babás, o que lhes proporcionava uma dedicação

apenas ao trabalho externo e a não obrigação de uma jornada dupla entre a rotina da casa e o emprego formal.

3.4.4 Tipo de gestão de rendimento do casal

Essa seção tem como finalidade identificar as formas de gestão financeira pelo casal em seu país de origem, conforme as categorias apontadas por Coelho (2013), servindo de forma comparativa à gestão de rendimentos em Portugal.

É possível identificar a gestão financeira do casal em seu país de origem pela tabela a seguir, em que predominantemente é praticada a gestão independente segundo as classificações de Coelho (2013), baseadas nas obras de Pahl (1983, 1989):

Tabela 3 – Gestão Financeira no Brasil

Nome atribuído	Origem dos rendimentos (país das entrevistadas)	Tipo de Gestão Financeira no Brasil
Ana	Ambos	Gestão independente
Maria	Majoritariamente o Pai	Gestão conjunta
Bruna	Ambos	Gestão independente
Patrícia	Majoritariamente a Mãe	Gestão independente
Isa	Pai	Gestão conjunta
Laura	Ambos	Não identificado
Thais	Majoritariamente o Pai	Gestão independente (solteira)
Fran	Avó	Gestão independente
Andressa	Ambos	Gestão integral pela mulher
Viviane	Pai	Não identificado

As formas de gestão de rendimento do casal em seu país de origem são variadas, predominando a gestão independente e, em alguns casos, gestão conjunta, em que as contas são conjuntas e normalmente ambos os indivíduos são responsáveis pela gestão. É o caso de Maria e Isa. A primeira relata que a gestão era compartilhada, ficando ela responsável pelo gasto de sua empresa e o salário da empregada doméstica, enquanto o marido era responsável pelas demais contas da casa: *“...a conta era conjunta, a gente sempre conversava, mas o ativo de pegar e pagar era com ele lá, a empregada quem pagava era eu, mas as contas assim picadas para lembrar, o que que vence, se pagou ou não pagou”*. Esse fator, além de evidenciar uma certa segmentação da gestão financeira pelo casal, mesmo tendo conta conjunta, mostra uma extensão dos papéis tradicionais de gênero, em

que a mulher é responsável pelo pagamento da empregada doméstica, ou seja, a quem a substitui em suas funções dentro de casa. Isa, não discrimina como era feita a gestão, apenas mencionando o fato de terem conta conjunta: *“Na verdade a gente assim, até tinha essa conta conjunta no Brasil...”*.

Já Ana, Bruna, Fran e Patrícia tinham gestão independente, em que as contas são separadas e cada parte controla seus gastos da forma como quiser, normalmente dividindo as contas da família. É importante lembrar, que segundo a literatura estudada, a gestão independente só é possível entre casais com rendimento suficientemente elevados, os quais não precisam se atentar aos gastos. Dessa forma, é mais uma evidência do pertencimento dessas mulheres a uma posição socioeconômica de privilégio em seu país de origem.

No caso de Ana, o salário do marido era a principal fonte de renda, com exceção do período de crise em que passou a ganhar igual ou mais que seu cônjuge: *“até que chegou um tempo que, o meu salário sempre complementar lá em casa, que era mais ou menos assim “ah, tá bom, eu pago a luz, a empregada e o resto é meu”, não tinha muito aquela coisa, e eu me lembro que a gente chegou a um ponto do meu salário ser muito, muito, muito importante na casa, até que chegou o ponto da gente ganhar praticamente igual, e às vezes até no frigor dos ovos, eu ganhar um pouquinho mais”*. Já o caso de Bruna, ela era a principal responsável por fazer a gestão financeira do casal: *“...lá no Brasil a gente até tinha conta separada e ele pagava umas contas e eu pagava outras e o que sobrava eu que acabava gerenciando...”*. Ana, também relata a liberdade que tinha de gastar seu dinheiro com artigos pessoais quando estava em uma situação melhor no Brasil e tinha seu próprio salário: *“...primeiro, porque a gente estava numa situação um pouco melhor e segundo porque eu tinha o meu salário, era assim, de eu ir para o salão, de eu fazer, sei lá, fazer mechas, fazer unha, passar ali na frente da vitrine da Arezzo e “ah que lindo!” E comprar um sapato...”*. Patrícia e Fran, apesar de terem gestão independente não esclarecem explicitamente de que forma era realizado o controle financeiro pelo casal. Fran diz que seu cônjuge ficava com seu cartão, por medo, mas somente tirava dinheiro de sua conta quando a mesma ordenava: *“ele tinha acesso e o cartão meu ficava com ele, por conta do medo. Eu nunca tinha sido assaltada, mas eu tinha muito medo de ser assaltada, então ele*

ficava com cartão, mas ele também só levantava o dinheiro quando eu pedia, mas assim, ele não tinha acesso assim de...de...controlar e nada disso.” Já Patrícia, diz que as contas eram separadas, pois ela tinha uma empresa em seu nome e não era muito organizada com isso: *“...acabava me desorganizando lá, digamos assim, o que acabava refletindo em casa também, e no Brasil, a gente não tinha contas em conjunto, porque eu tinha esse movimento financeiro muito alto da empresa, não mistura as coisas para não dar problema”*.

Andressa, diferentemente das demais, praticava a gestão integral pela mulher, em que seu parceiro depositava todo seu rendimento em sua conta e ela era a principal responsável pela gestão: *“...ele sempre, desde o Brasil, sempre me deu todo o dinheiro que ele tinha...”*. Laura e Viviane não mencionaram sua gestão de contas no Brasil e Thais era solteira.

Portanto, de acordo com as análises, o principal tipo de gestão utilizado no Brasil era a gestão independente, o que confirma o bem-estar econômico no território de origem da maioria das mulheres entrevistadas.

3.4.5 Lazer e atividades livres no Brasil

Essa seção, assim como as anteriores, tem o intuito de comparar o lazer das entrevistadas em seu país de origem com o lazer praticado em Portugal, identificando mudanças e permanências, bem como uma maior ou menor autonomia por parte das mulheres em relação ao cônjuge.

As atividades de lazer no Brasil eram variadas. Andressa, por exemplo, gostava de fazer artesanato, tinha todos os equipamentos e um canto só para isso: *“No Brasil eu fazia muito o que aqui eu não faço era artesanato. Inclusive, eu tinha equipamentos, um espaço só para isso, que era um cômodo enorme com todas as ferramentas...”*. Ana gostava de fazer pão e sair para caminhar ou correr: *“...eu tinha um hobby lá no Brasil que eu gostava, tinha começado me envolver muito com panificação, eu gosto de fazer pães e já fazia lá para, para des-stressar mesmo do hospital...[...]...lá eu já fazia, mas muito mais limitado, né, a beira mar, com cuidado para aonde vai”*. Maria, costumava fazer yoga, ler e convidar os amigos para reuniões em casa: *“sempre gostei de fazer yoga regularmente, não sei se pode, se tá dentro de hobby, é...tinha mais tempo para parar para ler, fazer coisas minhas”(...)* *“...a gente fazia muita coisa em casa, então a gente era meio que o*

ponto central do grupo de amigos, então sempre estávamos fazendo jantar, eu gosto de cozinhar então, o fulano cuidava das bebidas, então a gente sempre recebia gente em casa, com bastante frequência.” A entrevistada comenta ainda sobre o lazer de seu marido e algumas atividades que faziam juntos: *“Lá ele fazia ginástica todo dia ou academia, a gente saía para correr tinham as épocas...e a gente lia mais porque as coisas não tinham, não tinham as tarefas de casa, então sobrava mais tempo e...é isso, saía com (o filho do meio) muito para andar de bicicleta, porque o (filho do meio) gosta de andar e ele também, então saíam os dois era o momento dos dois juntos sempre passeavam, sempre e...é isso.”* Bruna, diz que mergulhava e andava de bicicleta adaptada para os quatro integrantes da família, porém, ressalta sua vida exaustiva falando que no Brasil gostava muito de dormir: *“...no Brasil eu mergulhava...”* (...) *“Se você me perguntasse no Brasil eu ia falar dormir...”* (...) *“...no Brasil até a bicicleta era adaptada e íamos os quatro andar de bicicleta...”* Patrícia diz que gosta de viajar e sair: *“...eu sempre gostei muito de sair, de viajar...”* Thais, era bastante ligada às atividades espiritualistas: *“...e aí comecei a fazer meditação, retiro de silêncio, lá lá, trabalhar minha parte espiritual.”* Fran, diz que saía com as amigas assim como o marido saía com os dele: *“...no Brasil eu saía, tinha um momento para ele também tinha um momento para mim...”*, *“...e eu também tinha uma vez, uma vez no mês que eu saía com as minhas amigas, então assim, para jantar, para algum lugar...”*

Em concordância com as condições socioeconômicas das entrevistadas, no Brasil, a maioria tinha tempo livre, por conta de não enfrentarem a dupla jornada de trabalho, e, juntamente com as condições financeiras propícias, usufruíam de uma prática regular de atividades e lazer, caracterizando uma possível autonomia das entrevistadas.

3.5 Motivação da migração para Portugal

Esta seção irá abordar como foi o processo de migração das entrevistadas, desde a razão que as levou sair do Brasil, passando pelo processo decisório, motivos pela escolha de Portugal e por fim como foi a mudança para o país.

3.5.1 Razões da imigração e processo decisório

Violência, busca de melhor qualidade de vida para os filhos, queda no mercado de trabalho e estudos são os principais motivos da imigração. Seis das 10 entrevistadas citam, em algum momento, o quesito violência ou busca por maior segurança em suas falas. É o caso de Maria, Patrícia, Isa, Laura, Fran e Viviane, como pode ser observado nas citações de Patrícia e Fran a seguir: *“...a violência também no Brasil foi um grande fator que motivou a nossa saída...”*; *“...até porque o Brasil já tava começando [...] tava começando a ficar mais violento, as coisas estavam ficando muito difícil...”*. Juntamente com a questão da violência, quatro das entrevistadas - Maria, Laura, Isa e Viviane - ressaltam, também, o quesito qualidade de vida, diretamente relacionado com a preocupação com os filhos, as falas de Isa e Viviane exemplificam isso: *“...dar um futuro mais...um promissor e mais ilimitado para nossa filha”*; *“...a busca de uma melhor qualidade de vida e a busca de melhores oportunidades para os nossos filhos e para gente também”*. Adicionalmente, Patrícia ressaltava, também, um interesse voltado as questões maternas, assim como Bruna, a procura de um ritmo mais lento de vida e trabalho para poder ficar mais tempo com os filhos: *“...era porque eu trabalhava muito e eu queria ter uma vida mais devagar assim, que andasse no ritmo mais lento para eu poder criar minha filha, mesmo que se implicasse eu ficar sem renda no início da nossa vinda...”*; *“...eu queria tirar um ano para ficar com as crianças...”*.

A questão do mercado de trabalho é citada por Ana e Maria. No caso de Ana foi em relação a queda do mercado de trabalho de seu cônjuge que era o principal provedor da casa. Já Maria, fala de seu próprio campo trabalhístico: *“Como as coisas no Brasil não estavam muito bem, já ponto de vista do trabalho dele e a gente tava querendo dar um tempo, mudar de ares...”*; *“...eu trabalhava no [...], então, o mercado de trabalho para mim tava decaindo...”*.

O quesito estudos aparece nas citações de Bruna, Fran e Andressa: *“...para estudar, seria muito complicado conciliar o doutoramento com um trabalho [...] que eu já sabia como era o ritmo...”*; *“...e eu queria uma experiência [...] eu tinha o desejo muito de fazer mestrado...”*; *“No caso foi o estudo realmente, para fazer o doutoramento”*.

Thais é a única que diz ter saído do Brasil pois sua vida estava muito fácil, muito cômoda: *“Eu decidi porque tava achando a vida muito fácil assim, tudo muito*

no automático, no mecânico, para mim trabalhar era muito fácil, porque eu já tava, já tinha chegado no topo, não tinha para aonde ir mais no meu emprego, eu acordava, trabalhava, voltava para casa, não via mais graça, sabe? Eu acho que tava faltando alguma coisa assim, propósito, talvez.”

Mais uma vez, nessa seção, pode-se evidenciar as questões de gênero presentes nas motivações das mulheres em sair do Brasil, em que seus interesses próprios são direcionadas para interesses familiares ou maternos, sendo seis dos casos motivados pela maior qualidade de vida e oportunidades para os filhos, bem como a busca por passar mais tempo com os mesmos.

3.5.2 Processo decisório

Essa seção tem como intuito avaliar de que forma foi tomada a decisão pelo casal de sair do país, identificando possíveis padrões de dinâmicas da relação conjugal que pode ou não ser associada a forma de gestão do casal.

A tabela 4 permite comparar as formas de decisão de migrar com o tipo de gestão do casal, não sendo identificado nenhum padrão.

Apesar de não ter sido evidenciado padrão relacionado a forma de gestão do casal com a decisão de sair do país de origem, observou-se um certo protagonismo da mulher, na maioria dos casos, em tomar a decisão de migrar.

Tabela 4 – Responsável pela decisão de migrar

Nome atribuído	Origem dos rendimentos (pais das entrevistadas)	Tipo de Gestão no Brasil	Responsável pela decisão de migrar
Ana	Ambos	Gestão independente	Mais ela
Maria	Majoritariamente o Pai	Gestão conjunta	Mais ela
Bruna	Ambos	Gestão independente	Mais ela
Patrícia	Majoritariamente a Mãe	Gestão independente	Ambos
Isa	Pai	Gestão conjunta	Mais ele
Laura	Ambos	Não identificado	Ambos
Thais	Majoritariamente o Pai	Gestão independente (solteira)	Totalmente ela
Fran	Avó	Gestão independente	Ambos
Andressa	Ambos	Gestão integral pela mulher	Totalmente ela
Viviane	Pai	Não identificado	Ambos

No caso de Thais e Andressa, ambas afirmam terem sido tomadas exclusivamente por elas. Vale evidenciar que Thais era solteira, somente tinha o status de namorada de seu atual parceiro: *“Eu resolvi largar tudo, pedi demissão, vendi todas as minhas coisas, dei também várias dela, aí fiz minha vida caber numa mala e vim para Europa”*; *“Fui eu. Não estava nos planos, ele nunca pensou em morar fora do Brasil, nunca teve inclusive nenhum desejo...”*. Esse fator evidencia um empoderamento feminino por parte de ambas as entrevistadas, principalmente de Thais, quem teve o impulso de vir e não titubeou em deixar seu namorado, na época, no Brasil, indo em busca de seus desejos.

Ana, Maria e Bruna falam que elas foram as principais responsáveis pelo impulso final de sair do Brasil. Porém, seus cônjuges também davam suporte, como é evidenciado nas falas de Ana e Maria: *“Foi, eu sempre mais acelerada, e ansiosa e botando o pé no acelerador, e ele com o pé freio, mas sempre dando suporte”*; *“A decisão foi mais minha, a gente vinha conversando, mas ele mesmo diz que se não fosse por mim a gente não teria feito esse movimento, então, a concretização foi minha, né, a gente conversava sempre muito sobre isso, uma vontade dos dois, mas a força motriz de botar as coisas para acontecer, de botar a casa para...tudo, tudo, tudo eu fui empurrando”*.

Patrícia, Laura e Viviane relatam a decisão ter sido tomada em conjunto, não havendo uma parte que tenha executado um maior papel na opção por vir do que outra. As falas de Patrícia e Laura evidenciam isso: *“...foi uma coisa muito conversado assim. Acho que o que...o que possibilitou a gente fazer essa escolha foi o emprego dele, mas não era uma coisa que não era uma vontade exclusiva dele, nós dois tínhamos a vontade de ter uma vida diferente, e a gente sabia que aqui a gente poderia encontrar isso, uma vida mais tranquila. Foi uma decisão em conjunto”*; *“Ele é muito parceirão mesmo, é por isso que eu digo assim que quando as pessoas me perguntam isso “ah mas quem foi que quis ir sabe para Portugal, como é que vocês decidiram isso”, não sei, a gente...os dois olharam, eu acho que de repente eu olhei para ele e ele olhou para mim “ah vamos...vamos”*.

Isa foi a única entrevistada que diz que seu cônjuge era o principal indivíduo da relação interessado em sair do Brasil. Porém, a decisão também foi realizada

em conjunto: *“Foi em conjunto, mas ele puxava mais, eu ainda segurava um pouco, porque eu queria eu achava que tinha que organizar um pouco mais a parte financeira, etc., mas a gente acabou conseguindo, ele tava animado por mais tempo, eu era mais pé no chão...”*. Somente Fran não expõe o principal responsável pela decisão de migrar. Porém, como seus motivos foram a aposentadoria do marido, sua vontade de fazer mestrado e a segurança, pode configurar-se como uma decisão do casal ou mais dela do que dele.

Adicionalmente, nesse quesito foi identificado um fator comum entre as entrevistadas que é a mulher vir antes para se estabelecer aqui e o marido vir depois, que foi o que ocorreu com Ana e Maria. Ambas vieram sem os filhos, porém Maria veio acompanhada por sua filha mais velha que é adolescente, deixando os filhos mais novos com seu cônjuge: *“...eu vim em outubro e ele só veio em meados de dezembro com ela, e (cachorro) só veio em fevereiro”*; *“Veio eu e a minha filha mais velha na frente para procurar apartamento e tudo mais, meu marido ficou com os dois no (...), e aí veio logo em seguida, quando a gente já tinha casa”*. Viviane, também, viria antes de seu cônjuge, pois o mesmo estava aguardando a liberação do trabalho. Porém, diferentemente de Ana e Maria, ela já viria com os filhos: *“eu organizei toda mudança para vir com as crianças, os pais dele vieram comigo, meu pai, sem saber se ele viria me acompanhar ou não, porque ele fez o pedido, como foi tudo muito rápido, ele fez o trabalho e não sabia se ia sair a tempo”*. É possível identificar um protagonismo e mesmo empoderamento feminino diante desse fato. Por outro lado, pode ser definido como uma carga desequilibrada para a mulher que é responsável por estabelecer a vida em um país estrangeiro, sozinha à espera de seu cônjuge, que ao migrar encontrará tudo já organizado.

Nesse quesito, em particular, foi observado um maior protagonismo da mulher em relação a decisão de migrar do que do homem. Embora, aparentemente se trate de um posicionamento que parece contrariar as expectativas dos papéis de gênero em uma sociedade patriarcal, na verdade é uma decisão que dá continuidade ao papel de cuidadora da mulher, pois as decisões foram motivadas, sobretudo, por busca de uma maior qualidade de vida para os filhos.

3.5.3 Motivação da escolha de Portugal

A língua aparece como principal fator na escolha de Portugal. Sete das entrevistadas elencam a língua falada em Portugal como o fator principal ou um dos fatores que contribuiu para a decisão. As falas de Ana e Maria exemplificam isso: *“E aí aqui por essa questão da língua e a gente “Ah então, você aplica, você vai estudar e eu vou trabalhar no caso”, ele no caso, né, e foi assim que a gente fez”*; *“Vamos para Portugal, a língua é mais parecida, a gente começa por lá...”*. A língua não foi um fator relevante apenas para o casal, mas considerada também na alfabetização dos filhos, como foi citado nas falas de Bruna e Isa: *“...a princípio Portugal foi o único lugar que eu e meu marido cogitamos porque ele teria, por conta da língua teria o menor impacto para as crianças”*; *“...porque minha filha...a gente resolveu sair exatamente na fase de alfabetização dela, a gente achou que isso poderia impactar também. Então a língua foi um fator bastante decisivo, até para nós...”*. Fran não fala especificamente da língua, porém diz que o motivo da escolha por Portugal foi pelo tratado entre o Brasil e esse país: *“...a facilidade de vir por conta do acordo que tem Brasil-Portugal, então achamos melhor vir para Portugal”*.

Um outro fator levado em consideração na escolha por Portugal foi o custo de vida no país ser relativamente baixo quando comparado aos demais países da Europa. Bruna, Patrícia e Isa citam esse item: *“...o custo de vida aqui, como eu não fiquei um ano e meio sem trabalhar, o custo de vida aqui é mais barato...”*; *“...um país que a gente sabia que tinha um custo de vida mais baixo...”*; *“...inicialmente seria para Espanha, mas assim era muito mais difícil lá para você conseguir visto, custo de vida lá é muito mais caro...”*. Assim como na citação de Isa, Ana, Maria e Viviane, não tinham Portugal como sua primeira opção, sendo Canadá, no caso de Ana e Viviane e Suécia para Maria. Por questões burocráticas, e também barreiras linguísticas, acabaram optando por Portugal.

Viviane e Andressa escolheram Portugal, pois foi o país onde foram aprovadas em seus cursos: *“E de repente apareceu uma oportunidade aqui na UC, meu esposo me candidatou para graduação, que eu já sou graduado no Brasil nessa mesma graduação, mas eu tinha feito um Enem e dava para aproveitar...[...] Foi o que apareceu, foi o que deu certo”*; *“Tava pesquisando sobre doutoramento em educação, que é a área que eu faço aqui, na internet, no Google, eu tava*

pensando em fazer no Brasil mesmo. Só que aí eu vi o... entrei no site da Universidade de Coimbra, estava aberto a inscrição na época e aí eu vi os pré-requisitos, eu achei que eu tinha todos, que eu poderia me candidatar, não custava nada, enviei toda documentação. E aí sim, eu comecei a torcer para que realmente acontecesse. E aí foi aprovado...". Comparando ambos os casos, enquanto Andressa foi a protagonista da escolha e de sua candidatura, Viviane, apesar de na seção anterior relatar que também tomou o impulso por vir, nessa passagem da entrevista, a entrevistada ressalta que quem a candidatou para a licenciatura foi seu cônjuge, que inclusive era uma licenciatura a qual ela já tinha o diploma no Brasil.

Thais, diferentemente das demais, já estava morando na Europa quando decidiu vir para Portugal, e a decisão foi baseada na extensão da costa oceânica do país. Diz que gosta muito de mar e essa decisão foi tomada por ela e seu parceiro em conjunto ao olhar o mapa: *"Nossa, a gente olhou o mapa juntos e falou "aí para aonde nós vamos na Europa agora, pode escolher", aí a gente falou "nossa, vamos ver um lugar com bastante mar, né?" Aí a gente olhou Portugal tem uma costa muito grande, tem pouca terra, né? Se você olhar no mapa é bem convidativo".* Um último fator levantado por Thais é o clima do país, que também é mencionado por Ana, por não ser tão ameno: *"Então, a gente também veio por causa do clima, somos do Rio de Janeiro, a gente gosta muito de praia..."; "Aí aqui a gente já começou a pensar "é frio, mas não é tão frio, nada se compara com Quebec, assim é frio, mas não é um frio de matar ninguém...".*

Portanto, fica evidente que o principal fator para escolha por Portugal da parte das entrevistadas é a língua e/ou as facilidades entre Brasil e Portugal, sendo identificado em algumas das mulheres, mais uma vez, o quesito maternal, na qual a preocupação com a alfabetização ou menor impacto para os filhos é apontada.

3.6 Caracterização da vida das mulheres em Portugal

Esta seção, assim como o subcapítulo do cotidiano no país de origem, envolve diferentes ramos da vida das mulheres entrevistadas no contexto de Portugal, incluindo o âmbito profissional, educacional, tipo de gestão de

rendimento, renda e despesas, tarefas domésticas, lazer e a auto-percepção do seu cotidiano. As informações coletadas nessa parte do trabalho servirão de forma comparativa ao cotidiano do Brasil, evidenciando semelhanças e diferenças.

3.6.1 Educação e Profissão em Portugal

Das dez mulheres entrevistadas, seis estão estudando em Coimbra, diferentemente do Brasil, onde já haviam terminado os cursos. Bruna e Andressa estão fazendo o doutorado, Maria e Fran estão cursando o mestrado, Ana fazendo especialização, enquanto que Viviane é a única que está cursando novamente a licenciatura a qual já é licenciada no Brasil. Patrícia terminou o mestrado em Coimbra e estava em período de transição para o doutorado. Laura veio inicialmente para os estudos, porém desistiu quando iniciou seu curso devido principalmente a razões monetárias: *“...na verdade eu vim para estudar, e aí no meio do caminho eu desisti [...] eu vi que era uma situação muito para quem queria seguir uma carreira acadêmica, né? E eu definitivamente não é meu perfil. E eu falei “olha..” e era muito dinheiro e ainda é muito dinheiro.”*

Portanto, todas as sete mulheres mencionadas no parágrafo anterior vieram fazer um nível de curso acima do nível de escolaridade que tinham no Brasil, com exceção de Ana, que já tinha um curso de especialização, porém, veio fazer um curso diferente, e Viviane, que está cursando exatamente o que havia cursado no Brasil.

Quanto as questões profissionais das entrevistadas, cinco das dez mulheres estão sem rendimentos ou em situação de trabalho não recorrente, como é o caso da Thais, que tem feito alguns trabalhos esporádicos como assistente de sala de eventos, no Brasil. Thais era gerente de eventos, o que significa que ocupava um cargo mais alto que seu atual emprego: *“É um trabalho bem fácil, não precisa pensar. E assim, desci 70 degraus da minha vida profissional (risos), sendo bem modesta (risos)”*. O principal motivo pelo qual Thais ainda não conseguiu um contrato de trabalho, diz a entrevistada ser pela gravidez e por ela não ser muito ligada à área acadêmica: *“...tava um mês em Coimbra, engravidei, então eu não consegui depois nenhum trabalho, obviamente, que eu tava grávida...[...]...que ela entrou para creche, desde então eu tô procurando um emprego, tá beeem difícil, porque o meu forte nunca foi a área acadêmica, eu sempre fui boa na prática...”*.

Ana também é uma das mulheres atualmente sem rendimentos próprios. Entretanto, costuma fazer pães e vez outra os vende: *“...tenho vendido pão também, pelo menos duas, três vezes por semana, eu faço uns pães e vendo, mas na verdade assim, é que não pintou nada na minha área ainda...”*. Ana era coordenadora de comunicação de um hospital em seu país. Maria, Bruna e Viviane não estão realizando nenhuma atividade remunerada em Portugal, se dedicando somente aos estudos, Viviane já era desempregada no Brasil, no entanto, Maria e Bruna tinham trabalhos remunerados. Maria, tinha sua própria empresa, enquanto Bruna era gerente de um banco privado. Fran e Andressa são funcionárias públicas no Brasil, professoras especificamente, e mantêm esse vínculo aqui, estando de licença remunerada em seus cargos no país de origem. Fran, além disso, está atuando em uma associação que criou com sua colega de curso do mestrado em Portugal: *“E aqui, eu juntamente com uma colega, criamos uma associação para trabalhar sobre a inclusão e outras dificuldade e associação de inclusão e contacto e eu já estou a trabalhar nessa área, atendo três jovens com trissomia 21 e uma com a dificuldade de português. Escrevi um livro mas ainda não publiquei sobre o autismo. Tenho interesse em publicar e editar esse livro e aplicar esse mesmo”*.

Para além de Fran, Patrícia, Isa e Laura também estão trabalhando em Portugal. Patrícia tem uma empresa online e atende seus clientes online, também cumprindo por vezes o horário de trabalho do Brasil: *“...eu trabalho com atendimento online e com empreendedorismo digital, com cursos, plataforma de assinatura de conteúdo. Então, a minha renda não necessariamente precisa que eu trabalho todos os dias, mas eu preciso ter uma frequência, há período que eu trabalho o dia inteiro, manhã, tarde e noite e há dias que não, que eu trabalho só tarde noite ou tarde. Então, eu não tenho uma rotina muito definida e também porque eu trabalho com brasileiros que estão no Brasil, quando eu atendo por exemplo, então o meu horário de trabalho é o do Brasil, então normalmente eu começo a trabalhar à tarde...”*. Patrícia também tinha sua própria empresa no Brasil, entretanto, os atendimentos eram presenciais e com crianças, aqui ela trabalha diretamente com os pais das crianças. Isa, assim como a Patrícia, também tem sua própria empresa em Portugal no ramo de marketing. Porém, a sociedade é com seu cônjuge: *“...somos eu, meu marido e um estagiário que é português mesmo, e*

restante da equipe na verdade no Brasil". Em seu país de origem, Isa atuava em uma diretoria jurídica de uma empresa privada. Laura, continua atuando como contadora em Portugal, porém relata que faz de tudo um pouco na empresa em que trabalha: *"É desse jeito assim né, "ah você foi contratada para o escritório", mas aí o escritório é assim, inclui-se o armazém, inclui carregar viga quando o rapaz não está, carregar painel quando não tá, é porque às vezes chega gente pedindo as coisas, tem que saber...não é fácil"*. Um outro ponto que pode ser percebido na fala de Laura é a instabilidade empregatícia que se tem em Portugal: *"Hoje, talvez, eu tenho um pouco mais de noção com relação a isso porque tenho um emprego, a termo, aquela coisa dos seis meses, não sei o que, então, você não sabe se vai ser seis meses assim, ou se não vai ser, como é que se passa disso, se não passa, então você não tem certeza de mais nada."*

O status de ter, ou não, rendimento próprio é diferente entre os parceiros das entrevistadas. Enquanto entre as mulheres, cinco delas estão sem rendimento próprio ou sem contrato de trabalho, entre os homens todos estão empregados e atuando em sua área, com exceção do cônjuge da Laura, que atualmente trabalha com vendas e no Brasil era contador, e o marido de Fran, que está aposentado. Os parceiros de Maria e Viviane estão de licença de seus cargos no Brasil, porém, estão também para fins de estudo em Portugal. Já os cônjuges de Ana, Bruna, Thais e Andressa trabalham dentro de seus campos de atuação em Coimbra. O cônjuge de Isa, como já mencionado, tem uma empresa em sociedade com sua esposa, e finalmente, o esposo de Patrícia também trabalha online, atuando dentro de sua área de formação.

Nesse caso, ao que diz respeito a carreira, pode-se observar uma mudança mais drástica para as mulheres que, ou ficaram sem emprego e renda ou estão, no geral, atuando em áreas as quais não atuavam antes, ou ainda desceram de posição dentro de seu próprio campo. Apenas para duas das entrevistadas não houve muita alteração de sua profissão, pois continuam ocupando o mesmo cargo no Brasil, estando de licença. Já no caso dos homens, as mudanças foram mais sutis, pois continuam atuando nas mesmas áreas as quais atuavam no Brasil, por vezes nos mesmos empregos, com exceção de dois em que ou mudou de área ou está aposentado.

3.6.2 Percepção do país e do cotidiano em Portugal

Os relatos sobre o cotidiano em Portugal incluem dois principais cenários. Por um lado, a dinâmica dos cuidados da casa e da falta de rede de apoio. Por outro lado, a vida ser mais tranquila e com mais qualidade do que no Brasil. Por vezes ambas as perspectivas são encontradas nas falas das mesmas entrevistadas, como é o caso de Patrícia, que primeiramente ressalta o fato da qualidade de vida e posteriormente fala de sua rotina de trabalhar em casa que acaba estando exposta as dinâmicas domésticas com maior frequência: *“Assim de tá todo mundo em casa, de ter uma vida mais com mais qualidade, que anda um passo mais lento e com segurança, que definitivamente passou a fazer uma enorme diferença assim na nossa vida”, “Eu trabalho de casa, é uma rotina um pouco difícil porque a partir do momento que eu tô em casa, tô disponível para várias coisas...[...]... eu passei a viver muitas dificuldades de tá sozinha, sem rede de apoio aqui, num país diferente...”*.

Ana, Maria, Bruna, Andressa e Viviane também citam as obrigações domésticas como um ponto forte da rotina em Portugal, sendo considerado como uma carga mental ou um peso para elas em muitas das vezes: *“Hm... Tô morrendo de sono (risos). Bom, é mais ou menos...sou eu que faço tudo, né?”; “...me virar e encontrar tempo entre a rotina da casa, mas a sensação que, aquele peso que se eu parar para tudo sabe, não tem comida, fica tudo sujo, é uma pressão psicológica presente, real não só psicológica”;* *“...minha rotina, como eu não estou trabalhando, mudou completamente, né? Até porque, coisas do tipo, lá eu tinha faxineira, aqui não, mudou completamente, lá minha mãe fazia o almoço das crianças tudo...”;* *“Aqui é muito mais difícil (risos). Muito mais difícil...[...] Então assim, aqui eu tenho que estudar e cuidar de casa, cuidar de comida, tudo.”;* *“Então, acaba não sobrando dinheiro para ter uma ajuda doméstica. E esse serviço aqui também é muito mais caro do que lá”*. Ana, além da rotina doméstica, ressalta o fator mercado de trabalho, exaltando a baixa remuneração e a dificuldade para encontrar emprego em sua área de atuação: *“...é difícil aqui conciliar horários, principalmente quando se começa a trabalhar aqui, dificilmente você vai trabalhar na sua área, aí vai trabalhar em restaurante, em shopping, comércio, não sei o que, são os horários mais loucos...”;* *“...a gente falou “sim, eu ou trabalhar o dia todo para ganhar um*

salário mínimo e eu vou fazer o quê? Quem vai lavar, passar, cozinhar...”. Thais, também comenta da dificuldade de arrumar emprego em sua área. Porém, menciona o profissionalismo dos portugueses no trabalho esporádico ao qual ela frequenta atualmente: “Então, e aqui, pelo que eu percebi, eles são muito ligados na área acadêmica, com títulos, então eu tô tendo bastante dificuldade de arrumar emprego”; “...não faz você deslocar para o convento, por menos de três horas, mesmo se durar uma hora, eles te pagam como se fosse três horas, em geral não dura mais de quatro horas, mas não, não dura muito mais que isso não, eles são bem profissionais assim, mais que no Brasil em relação ao trabalho, desse tipo de trabalho, pela minha experiência, né.”.

Laura, diferentemente de Thais, menciona certas experiências ruins no trabalho que podem ser configuradas como falta de profissionalismo e relata ser uma rotina difícil: *“Não é fácil, eu trabalho no administrativo, no escritório de uma...armazém de construção, então basicamente o público que eu atendo é o pessoal da construção em si, mas a questão, os patrões daqui, eu não sei se unanimidade ou não, mas eles têm uma ideia...que eu acho que no Brasil a gente já meio que evoluiu um pouco, em relação a coisa de você ter uma gestão de liderança ou uma gestão meio que do...não sei uma denominação certa...aquela coisa de você ter seu empregado a seu dispor, você tratar ele da forma que você bem entender, mas a situação enfim...hoje já está menos, mas é bem complicado, se você pegar ele num dia mau, por exemplo, você escuta coisas que você acha que nossa, mas que que foi que eu fiz, sabe? Não acho que eu mereço isso (risos)...E aí você conversa com um aqui com outro ali e você vê que é uma cultura mesmo, não é uma situação nem pessoal...”.*

Contrapondo as demais entrevistadas, Isa e Fran, citam tranquilidade em suas rotinas. No caso de Fran, especificamente, diz ser mais tranquila que no Brasil. Já Isa, apesar de mencionar o fator tranquilidade, cita o horário de trabalho ser mais estendido para atender as demandas do Brasil: *“Nossa é tranquilíssimo, (risos)...[...] O horário de trabalho que acaba sendo bem estendido porque nós precisamos começar no horário daqui, mas precisamos terminar no horário de lá. Acho que esse é o principal fator e eu eu estou mais presente em casa, né?”; “O*

dia a dia aqui, até que a rotina é mais suave, apesar de ser corrida, ela é mais suave do que lá.”

Thais, além de mencionar o profissionalismo dos portugueses com quem trabalha e a dificuldade de arrumar emprego, relata sobre o clima frio do país, o mar gelado, muito vento, da burocracia em Portugal e a dificuldade para fazer amigos: *“Eu não sei como ninguém me contou que o mar era tão gelado, conheço tanta gente que veio a Portugal, nem que ventava tanto, ninguém falou...”*(...) *“...mas todo mundo fala que o clima em Portugal é bom, mas ninguém nem fala para Europa, né.”*(...) *“Portugal é muito burocrático, então eu vou até a loja o cidadão, chego lá, tem que ir ao banco, chego ao banco, tem que ir pegar o comprovante de desemprego, aí vou até a loja de desemprego...”*(...) *“...nossa porque tava difícil de arrumar amigo aqui, meu Deus, eu sempre fiz amizade tão fácil, eu não conseguia aqui, eu tive muita dificuldade, eu fui até para um retiro, até de yoga, nanana, mas não...não consegui aquela conexão, não consegui ter uma conexão com os portugueses assim”*.

Portanto, as principais diferenças entre os cotidianos do Brasil e de Portugal relatado pelas entrevistadas é a falta de rede de apoio e uma dedicação maior às tarefas domésticas que é citado por pelo menos seis das entrevistadas, enquanto que somente duas das entrevistadas relatam ter uma vida mais tranquila que no Brasil. Porém, um ponto de atenção é o fato de a maioria das mulheres enfrentarem pela primeira vez a dupla jornada de trabalho. Ou seja, se dedicarem a duas atividades simultâneas, como o trabalho fora de casa e o trabalho dentro de casa, ou o estudo e as atividades domésticas, sendo, portanto, não apenas uma mudança de país, mas uma mudança de cotidiano, que associada ao sistema patriarcal as remeteu para as vivências de mulheres pertencentes a extratos sociais mais baixos, levando a uma representação dos papéis tradicionais de gênero mais explícita.

3.6.3 Rendimento em Portugal

Como cinco das entrevistadas estão sem rendimento ou em situação de trabalho sem contrato, a origem do rendimento das mesmas é do salário de seu companheiro, Ana, Maria, Bruna, Thais e Viviane, se enquadram nesse perfil, porém, Ana afirma que ainda há uma parte que é necessário trazer do Brasil e o dinheiro guardado no Brasil foi constituído por ambos os indivíduos: *“É nosso*

porque quando a gente saiu de lá, tudo que a gente tinha lá foi construído pelos dois, a gente tinha um carro e vendeu, a gente tinha uma casa e vendeu, a gente tinha móveis e eletrodomésticos que foram todos vendidos, e viraram uma poupança, então é dos dois.”

As demais entrevistadas, todas têm salários próprios, sendo os rendimentos de ambas as partes, somente Patrícia, que diz que o salário majoritário é de seu cônjuge, ficando mais livre para arriscar, como afirma a entrevistada: *“...até porque ele sempre ficou na posição da segurança, né, da segurança financeira da família. Eu não, então, eu acabo ficando mais livre para experimentar e tentar.”*, adicionalmente, ela conta que logo que chegou em Portugal ficou um tempo sem renda, sendo o rendimento totalmente originário de seu parceiro durante esse período: *“Quando a gente veio para Portugal, a gente, eu fiquei um tempo sem renda, né?”*. Em contraposição a Patrícia, Andressa, é a única mulher com rendimento maior que seu cônjuge e deixa isso evidente durante a entrevista: *“Apesar de eu receber mais quando você converte...”, “...até porque eu dependo financeiramente, não só eu, mas a família toda majoritariamente depende do salário que eu recebo de lá...”*.

Thais, hoje sendo totalmente dependente do rendimento de seu parceiro, afirma que deixou de transferir dinheiro do Brasil recentemente, pois percebeu que estava muito tempo desempregada: *“Não. Até o ano passado eu tinha muita, muito dinheiro guardado no Brasil, então eu tinha uma, uma...renda boa assim, minha só, já tava dois anos com essa renda (risos), rendendo o negócio. O ano passado que eu vi que eu tava, não tava arrumando emprego aqui, eu cortei, eu parei de transferir dinheiro para cá, e aí é tudo com ele mesmo. Então, eu não transfiro mais nada, só ele. Isso faz pouco tempo, né, faz um ano, nem um ano acho, uns meses que eu parei...”*.

Especificamente sobre a gestão financeira do casal, diferentemente do Brasil, a maioria apresenta gestão conjunta ou gestão conjunta parcial no país de imigração, em que os cônjuges ou tem conta conjunta e gerem em conjunto, ou tem acesso a pelo menos um percentual do rendimento do outro mesmo que em contas separadas.

A tabela a seguir permite avaliar esse cenário de forma mais elucidativa:

Tabela 5 – Gestão dos Rendimentos em Portugal

Nome atribuído	Origem dos rendimentos (país das entrevistadas)	Tipo de Gestão no Brasil	Tipo de Gestão em Portugal
Ana	Ambos	Gestão independente	Gestão conjunta parcial
Maria	Majoritariamente o Pai	Gestão conjunta	Gestão conjunta parcial
Bruna	Ambos	Gestão independente	Gestão conjunta
Patrícia	Majoritariamente a Mãe	Gestão independente	Gestão conjunta
Isa	Pai	Gestão conjunta	Gestão conjunta parcial
Laura	Ambos	Não identificado	Gestão conjunta
Thais	Majoritariamente o Pai	Gestão independente (solteira)	Gestão Integral pelo homem
Fran	Avó	Gestão independente	Gestão independente
Andressa	Ambos	Gestão integral pela mulher	Gestão integral pela mulher
Viviane	Pai	Não identificado	Gestão conjunta

Bruna e Patrícia passaram a ter gestão conjunta em Portugal, sendo que no Brasil a gestão era independente, Laura e Viviane, também, tem gestão conjunta no país. Uma outra diferença verificada foi na pessoa responsável pela gestão financeira em Portugal, enquanto que no Brasil Bruna era quem fazia a gestão financeira da família, no país de imigração ela fica somente responsável pela gestão dos extras: *“...eu acabo cuidando do extra, e se a gente ficou com uma reserva, então se dá para a gente viajar mais ou menos, eu acabo fazendo a gestão, mas acaba sendo uma conta única...”*, já Patrícia, passou a fazer a gestão financeira familiar e seu marido cuidar especificamente dos investimentos: *“...hoje em dia, eu acabo fazendo a gestão assim dos gastos familiares, digamos, mensalidade de escola, supermercado, conta de energia, é sempre comigo, eu que acompanho esses gastos e ele fica responsável com a parte dos investimentos, porque a gente faz alguns. Então, a gestão acontece dessa forma.”*. Laura e Viviane, citam ter uma gestão financeira compartilhada: *“...a gente chegou num consenso de fazer o seguinte, a gente tem uma conta conjunta, e aí os dois recebem os salários por essa conta conjunta, então acaba que os dois também sabem quanto que um e o outro ganha claramente, né, e aí tem, a gente, os dois também, nós dois sabemos as contas do mês...”*; *“Lá em casa sempre foi assim, o dinheiro é de todos, todos tem que ter responsabilidade e saber até onde pode gastar, o que que tem que economizar.”*

Ana, Maria e Isa têm atualmente gestão conjunta parcial, sendo que no Brasil a gestão de Ana era independente e de Maria e Isa era conjunta. Ana, como ainda envia uma parte do Brasil para Portugal diz receber o dinheiro e transferir uma parte para seu marido e vice-versa quando é necessário: *“...não tem divisão porque é mais ou menos assim, quando vem do Brasil, vem para minha conta, então sei lá, vamos dizer que vem dois mil euros, desses dois mil euros eu pego mil euros para transferir para conta dele daqui e fico com mil, e aí eu uso no dia a dia...”, “...vai chegar uma hora que minha conta baixou, ele transfere da dele para minha...”,* nesse caso específico, Ana, diz que seu marido é o principal responsável pela gestão financeira do casal: *“...aí ele é quem faz a conta, se pode, se não pode, se dá certo, se não tá certo, é ele meio que lembra, “ah vai vencer seguro, tem que pagar”, eu sou, eu sou mais...Essa coisa de declaração de imposto de renda, eu não sei para aonde vai, é mais ou menos assim, a gestão financeira, vamos dizer assim, é mais com ele...”*.

Andressa, assim como no Brasil, seu marido transfere todo o salário dele para a conta dela, se configurando como uma gestão integral pela mulher: *“Não, assim, como eu tenho meu salário e o meu marido tem o salário dele daqui, basicamente o que acontece quando ele recebe, ele já joga para minha conta e que a mesma conta que eu já jogo o dinheiro que eu recebi do Brasil...”, “Então a gente junta tudo e paga tudo que precisa.”*, também não foram identificadas alterações no tipo de gestão de rendimentos de Fran que mantém a gestão independente.

Thais, como era solteira no Brasil, também tinha gestão independente, porém, em Portugal ela está sem rendimentos, menciona o fato do marido já lhe ter oferecido uma conta conjunta, mas ela não ter aceitado, cita também ter vergonha de lhe pedir dinheiro e a única forma que tem acesso a recursos financeiros é quando seu cônjuge lhe deixa dinheiro, sendo, portanto, uma gestão integral pelo homem: *“É, é totalmente dele, ele até me ofereceu fazer uma conta conjunta, mas eu não quis, porque eu não, como eu nunca dependi, nunca dependi de ficar...dele assim, sabe, eu fico com dó, porque ele ganha pouco. [...] ...ele sempre deixa um dinheiro, fala “toma, gasta”, vai deixando, ele deixa, ele deixa dinheiro, né? Mas isso é uma coisa que me incomoda bastante, não tá trabalhando, o problema de*

não tá trabalhando é depender dele...[...] Eu tenho dificuldade muito grande em pedir dinheiro, para ele, para meu pai, para qualquer pessoa...”

Um outro ponto importante levantado por quatro das entrevistadas é a conversão do real ou o dinheiro que ainda é necessário trazer do Brasil, impactando a gestão financeira do casal. Esse fator foi observado nas entrevistas de Ana, Isa, Andressa e Viviane: *“...a gente ainda consome um pouco dos recursos que a gente deixou no Brasil. Então, agora esse mês, agora com esse trabalho novo dele, eu espero que a gente comece a viver cem por cento do que produz aqui, mas não tem, como ainda vem essa grana do Brasil...”*; *“...porque hoje a gente ainda traz dinheiro do Brasil, a empresa tá começando aqui, mas com esse câmbio, a gente tá pegando.”*; *“Infelizmente a gente não consegue fazer poupança nenhuma aqui, principalmente porque eu tenho que converter o que eu ganho de real para euro, né, então, desvaloriza muito.”*; *“...aqui a realidade é outra, ainda mais a gente, ganha em real e gasta em euro, o câmbio, a gente perde muito nas transferências, muito mesmo.”*

Quanto a gestão dos rendimentos na maioria dos casos observou-se uma alteração quando comparado ao Brasil, porém não foi identificado nenhum padrão, pois em alguns casos a gestão deixou de ser independente e passou a ser conjunta, enquanto que em outros deixou de ser conjunta e passou a ser conjunta parcial, tiveram dois casos que o tipo de gestão se manteve e um caso que passou a ser integral pelo homem.

3.6.4 Gestão de despesas familiar em Portugal

Identificou-se um predomínio da figura masculina como responsável pelo pagamento do aluguel, enquanto que a figura feminina fica responsável pelos gastos com os filhos, como pode ser observado na tabela 7, prevalecendo a representação do papel tradicional de gênero. O tipo de gestão de rendimento, a origem dos mesmos e a pessoa responsável por geri-los está resumidamente descrita na tabela 6, logo abaixo.

Tabela 6 – Rendimentos e gestão financeira do Casal

Nome atribuído	Tipo de Gestão em Portugal	Origem dos Rendimentos (pais das entrevistadas)	Origem dos Rendimentos	Responsável pela gestão financeira
Ana	Gestão conjunta parcial	Ambos	Homem e investimentos do Brasil (ambos)	Majoritariamente Homem
Maria	Gestão conjunta parcial	Majoritariamente o Pai	Homem	Ambos
Bruna	Gestão conjunta	Ambos	Homem	Majoritariamente o homem Mulher – cuida dos extras
Patrícia	Gestão conjunta	Majoritariamente a Mãe	Ambos	Mulher
Isa	Gestão conjunta parcial	Pai	Ambos	Ambos
Laura	Gestão conjunta	Ambos	Ambos	Ambos
Thais	Gestão Integral pelo homem	Majoritariamente o Pai	Homem	Homem
Fran	Gestão independente	Avó	Ambos	Ambos
Andressa	Gestão integral pela mulher	Ambos	Ambos	Majoritariamente mulher
Viviane	Gestão conjunta	Pai	Homem	Ambos

As principais despesas evidenciadas pelas entrevistadas são aluguel, alimentação e educação. O aluguel aparece em oito dos casos, por vezes, mencionado juntamente com a alimentação ou com a educação.

Tabela 7 – Responsável pelo pagamento das despesas

Nome	Aluguel	Alimentação	Despesas com os filhos
Ana	Homem	Ambos	Mulher
Maria	Não informado	Ambos	Ambos
Bruna	Homem	Homem	Homem
Patrícia	Mulher	Mulher	Mulher
Isa	Homem	Mulher	Mulher
Laura	Ambos	Ambos	Ambos
Thais	Homem	Homem	Homem
Fran	Homem	Ambos	Mulher
Andressa	Mulher	Mulher	Mulher
Viviane	Ambos	Ambos	Ambos

Andressa, Ana, Maria, Isa, Laura, Viviane, Thais e Fran apontam o aluguel como sendo a principal despesa. Andressa e Thais, juntamente com o aluguel mencionam a alimentação como uma das principais despesas: “É, o aluguel e

alimentação que fica mais ou menos eu acho...alimentação um pouco menos...”; “Aluguel, talvez...acho que aluguel e compra, comida [...]a gente gasta mais de mercado do que de aluguel, 600 euros, muita coisa”. Ana, além do aluguel menciona a educação, no caso a mensalidade de seu curso: “Aff...aluguel, aluguel aqui é um escoador de dinheiro, aluguel e propina na faculdade ainda, né? Essa sim é uma porrada. Nossos principais hoje”. Patrícia, assim como Ana, menciona também o fator educação, porém não cita o aluguel: “Eu acho que....bom eu acho que é com a educação [...] se a gente juntar a escola da minha filha, com a universidade [...] então o nosso custo com educação é o maior”. Bruna, também inclui o quesito educação, porém ao invés do aluguel, assim como Andressa e Thais, cita a alimentação como um dos principais gastos: “Mercado, acho que mercado, [...] mercado e educação né, que se pegar o meu doutoramento e o das crianças acaba sendo...”.

As contas são divididas de formas diversas pelas entrevistadas, Andressa e Patrícia, por exemplo, são responsáveis por pagar as contas familiares: “...aí eu pego e pago, o aluguel primeiro, aí as despesas de, as contas fixas e alimentação...”; “...mensalidade de escola, supermercado, conta de energia, é sempre comigo, eu que acompanho esses gastos...”. As demais, têm os gastos compartilhados, ficando cada cônjuge responsável pelo pagamento de uma das contas, com exceção de Laura e Viviane que disseram pagar tudo em conjunto, não tendo uma parte específica responsável por determinado gasto, como pode ser observado em suas falas: “...nós dois sabemos as contas do mês, então o dinheiro que tá ali na conta vai para todas as despesas que deverão ser pagas e pronto”; “O pagamento das contas a gente faz em conjunto né, que aqui tem aquele IBAN enorme, então ele fica no aplicativo do celular e a gente vai lá e faz o pagamento das contas, e os dois...”.

As entrevistadas que mencionaram ter os gastos compartilhados foi observado uma predominância de gênero nas contas a serem pagas, como estudou Coelho (2013), sendo o homem responsável pelo aluguel e as mulheres mais direcionadas aos gastos com os filhos. Essa constatação foi verificada nos discursos de Ana, Isa e Fran: “como é ele que paga, por exemplo, geralmente quem abastece o carro é ele, quem paga o aluguel é ele, quem...então, o que tem que

ser feito por ele, ele faz até, vamos dizer assim, até acabar o recurso dele. Como a gente ainda transfere um pouco para cá, então, o que dá para eu fazer com o meu, eu faço. Eu pago o ballet de (filha), eu pago as compras de rotina, do dia a dia de casa, mas é mais ou menos isso...”; “Tipo...aluguel, conta de energia sim, mas por exemplo, supermercado, a conta de água tá no meu nome, então é meio dividido”; “ele paga o aluguel e...daqui né, no caso de Portugal, e no Brasil não, porque já era um apartamento quitado, e ele paga o aluguel e paga água. Eu pago energia e pago um plano de saúde, na verdade assim, temos já um médico de família, mas eu fiz essa opção mais para o (filho) para que ele vá a casa quando precise...”.

Maria, contrariando o padrão dos gastos por gênero, é o único caso que mencionou que o cônjuge é responsável pelo pagamento da escola do caçula, porém os gastos com a faculdade da filha mais velha têm sido pagos por ela, as demais despesas não foram especificadas: *“A minha filha normalmente ela fala com a gente, “tem que pagar” e manda no grupo do WhatsApp da família, aí quem pegar primeiro...eu acho que eu quem tem pago as da (filha), eu que tenho pago, do caçula ele paga, que o (filho mais novo) estuda numa escola paga”.* Thais, diferentemente das demais, é a única que diz que o seu parceiro é o único responsável pelo pagamento das contas.

Quanto aos gastos pessoais da entrevistada, somente três mencionaram gastos particulares: Ana, Laura e Fran. Porém, Ana relatou que em Portugal a situação é diferente do Brasil, enquanto que lá ela gastava com beleza e artigos pessoais sem informar seu cônjuge, aqui ela deixa-o ciente antes de assumir o gasto: *“...hoje em dia eu penso muito mais e combino muito mais, por exemplo, sei lá, mês passado, falei “Pô fulano, meu aniversário esse mês, eu vou retocar a raiz e vou fazer mechas, tá? Oh, não é barato não.” “Tá, Aninha, não tem problema.” Então é mais ou menos isso assim, vou fazer um curso agora da área de marketing [...] um curso relativamente caro, que indiretamente eu sei que eu tenho dinheiro porque eu sei quanto eu tenho no Brasil, mas é poupança, então, eu combino “Fulano, eu tava querendo fazer um curso mas são 700 euros, eu acho que vale a pena, é um investimento. Você acha que vale?” “Vale.” “Tá, então vamos fazer.” Então, é mais, vamos dizer assim, hoje em dia eu combino mais...”. Por um outro lado, Laura e Fran não mencionam informar o cônjuge quanto aos seus gastos*

peçoais: “...esse de um só mesmo é como se fosse tipo, “ah eu vou ali realmente quero fazer minha unha”, eu vou pagar do meu dinheirinho assim, sabe? [...] Comigo mesmo, o que eu quiser, tipo “eu vou ali, combinei um almoço com umas amigas”, vou gastar do meu dinheiro...”; “Beleza. Roupa, beleza, cabelo, maquiagem, gosto muito. Apesar de não estar maquiada hoje que eu já saí tão...mas eu gosto mesmo de estar aparentemente bonita”. O fator de Laura e Fran não solicitarem a permissão de seus cônjuges para gastos pessoais pode ser relacionado ao fato das mesmas terem rendimento próprio, o que não ocorre com Ana em Portugal, que inclusive teve uma alteração da forma como se comporta em relação aos gastos pessoais, quando comparado ao Brasil, onde tinha salário próprio.

Duas das entrevistadas mencionaram quase não sobrar dinheiro e quando há alguma renda extra costumam gastar com viagens ou passeios, que é o caso de Maria e Thais: “Tão difícil aqui, agora sobrar dinheiro (risos), deixa eu pensar... ah normalmente quando é viagem ou convívio, comprar alguma, fazer alguma, ir em algum restaurante, fazer algum passeio, alguma coisa assim mais compartilhada...”; “Nunca sobra (risos), nunca sobra, não tem isso. Com o que eu prefiro gastar? Viagem (risos), gosto de viajar, gostava mais sem a (filha) né, com ela é mais difícil.” Ana, Bruna e Isa também afirmam gastar o dinheiro extra com viagens ou passeios: “Passear”; “Geralmente é assim mesmo, pelo menos esse ano, a gente tá gastando de extra assim é para conhecer os lugares”; “Atualmente a gente tá juntando né, mas quando a gente gasta é com viagem”. Viviane já investe o dinheiro extra na carreira da filha: “Com cursos para (filha), cursos de teatro musical, curso de dança, tudo que sobra a gente investe nela, impulsos, assim”. Andressa e Patrícia disseram não gastar dinheiro. Porém, enquanto Andressa aparentemente vive uma certa restrição financeira, usando o extra para uma despesa no mês seguinte, Patrícia tem uma maior liberdade financeira, direcionando o extra para investimentos: “Fica na conta, mas a gente não investe, e aí provavelmente vai ser utilizada no próximo mês com algumas despesas”; “Não gastar, eu não gasto. Não numa decisão minha assim, quando sobra dinheiro, esse dinheiro é sempre investido, então, não há exatamente um gasto. Há gastos com aquilo que é preciso. [...] Porque também não há muito aquele sentimento de

ausência de alguma coisa, aquela coisa que fique faltando e que você vai superar. Ainda bem que não há, né? “Vou esperar sobrar o dinheiro para ver se vai dar”, Não! As necessidades de todo mundo meio que vão sendo atendidas...”. Nesse caso, Andressa corrobora os estudos de Coelho (2013), em que no geral quando a gestão orçamentária é feita exclusivamente pela mulher, a família tem restrições financeiras.

Pode-se afirmar que o padrão encontrado nessa seção foi em relação as despesas dos casais, que na maioria dos casos, observou-se os gastos tradicionais de gêneros, em que o homem é responsável pelo aluguel e a mulheres pelos gastos com os filhos, confirmando a literatura estudada.

3.6.5 Divisão dos Cuidados com os Filhos

Em relação à educação e cuidados com os filhos, foi encontrado uma predominância da mulher como a figura que toma a frente das necessidades básicas das crianças, como auxílio na escola, banho, escovar dentes e preocupação com a alimentação dos mesmos, com exceção de Patrícia e Laura que afirmam as tarefas serem divididas. Porém, Patrícia durante sua fala diz que abre mão de seus compromissos quando sua filha adoece e está sempre disponível para levá-la à escola: *“...quando minha filha por exemplo adoece que falta à escola, eu acabo abrindo mão dos meus...[...]...mas estou em casa sempre disponível para ir deixar e buscar minha filha na escola, embora a gente reveze bastante...[...] Os cuidados a gente compartilha praticamente tudo. É...Depende muito às vezes da preferência dela assim, de às vezes ela tá mais querendo brincar comigo por exemplo, então eu acabo ficando mais vezes, às vezes é o meu esposo...”;* *“aí acaba que realmente é muito dividido mesmo, tipo, às vezes eu me enrolo aí com qualquer coisa, preciso mesmo fazer sei lá...não sei...outro dia eu tive que preencher um e-mail para mandar, não sei o que, e aí ela ficou muito sozinha, ele chegou, ela ainda não tinha tomado banho, só tinha jantado, mas aí pelo fato de ter que acordar no outro dia e tudo mais na hora certinho, ele falou “não, então deixa eu fazer ela dormir, dá banho, não sei o que, que você termina aí com calma”, então a gente é muito parceiro, eu falo assim que a gente é uma equipe, sério assim, sensacional. [...]...mas eu me preocupo mais com a questão da alimentação dela e tal, então aí como ele não tem muita aptidão para comida e eu gosto de comer*

comida, né, boa assim, aí acaba que essa situação assim fica mais para mim mesmo". Como pode ser observado nesta fala de Laura, apesar de ela referir que ambos partilham por igual os cuidados com a filha, ela assume ser a responsável pela alimentação da criança.

As demais dizem ficarem mais responsáveis pela criação dos filhos que seus maridos, por vezes identificando como a parte chata da educação, como é o caso de Ana e Andressa. Vale ressaltar que Ana é um caso particular, pois o cônjuge trabalha em Lisboa e só está presente durante os finais de semanas. Essa forma de relacionamento é a mesma do Brasil, pois seu parceiro também trabalhava em outra cidade em seu país de origem: *"...banho, dormir, comer e fazer dever, as partes chatas é mais comigo, ele é mais, logo também, tem um fator, né? A questão dele passar a semana toda fora então, é quase, não vou dizer que é igual porque não, é claro, que não né, mas assim, é quase como casal separado, aí ele fica com o lado bom, levar para o parque, brincar, ficar até mais tarde para dormir, contar história..."; "...a parte de alimentação e essas coisas assim que fica "vai tomar banho, já fez o dever, já escovou o dente", eu que tenho que lembrá-lo, mas ele faz sozinho, tem 8 anos..."*. Maria e Viviane, também se enquadram entre as que têm maior responsabilidade sobre a educação dos filhos que os parceiros. Porém, no caso de Maria o cônjuge a acompanha em todas as reuniões escolares devido ao fato de terem um filho com deficiência. Já Viviane, diz que apesar de ela ficar a cargo dos cuidados básicos das crianças, o marido é quem faz os deveres de casa com a filha mais velha: *"Olha é o que assim, ficam comigo, não que ele não faça, mas é uma coisa que eu tenho que falar, "olha só o (filho mais novo) precisa tomar banho, olha só, olha..."*, *aí ele vai, não reclama e tal, entende que também é obrigação...[...]* *Então, ele ajuda a dar banho, coisa de escola fica mais por minha conta, assim, todas as reuniões a gente vai junto, porque essa coisa de inclusão na escola é um saco e precisa de muita disponibilidade emocional mesmo para lidar e estar ali presente reivindicando coisas básicas que faltam, então, a gente tá sempre junto brigando, sempre desde lá do Brasil aqui também a mesma coisa"; "Eu. Agora ensinar a tarefa de casa da (filha mais velha) é o Fulano quem ensina, enquanto isso eu fico com pequeno para ele poder ensinar"*.

Bruna, Isa, Thais e Fran também têm uma carga maior quanto as responsabilidades dos filhos: *“...a escola eu acabo fazendo, sendo encarregado de educação, se já escovou os dentes, se não escovou, isso eu sei, mas também, isso são coisas assim isso geralmente sou eu quem faço, mas se tem coisas que “vai dando banho nas crianças enquanto que eu faço isso daqui”, isso também ele divide, mas no geral sou eu que sei assim, se está precisando de roupas, se está precisando de caderno, se vai ter alguma apresentação na escola, isso geralmente sou eu que controlo”; “Acordamos de manhã...café para minha filha, aí deixamos, saímos juntos, deixa ela na escola e vamos para o escritório. Aí, tem dias que eu fico no escritório até o horário de buscá-la na escola...[...]...tem dia que eu trabalho de casa mesmo, aí mas oficialmente 17 horas eu busco a minha filha, aí já trago ela para casa”; “...e aí a gente traz ela para creche juntos, meu marido até hoje não tem coragem de botar ela sozinha no carro e trazer. [...] Mas a minha prioridade é a (filha), então assim, a comida dela, tem sempre comida para ela, tem que ser saudável, nanananã, isso daí é um porre, as roupas dela estão sempre lavadas, então isso eu cuido, da parte da (filha) eu cuido...[...]... lista de mercado da (filha) sou eu, ele não sabe o que falta para ela comer”; “Olha a maior parte sou eu, mas tem um dia da semana em que o pai fica, que é o dia que eu faço o curso”.*

Ainda sobre a educação dos filhos, foi observado três pontos em comum em alguns casos, o fator de revezamento entre o casal para levar e buscar as crianças na escola ou em atividades extras: é o caso de Ana, Patrícia, Laura, Fran e Andressa. Um outro ponto bastante levantado pelas entrevistadas é o fato da figura masculina cuidar dos filhos na ausência da mãe, nos casos em que a mulher é mais responsável pela educação das crianças. Isso foi verificado nas falas de Maria, Thais e Fran, a qual já foi descrita no parágrafo anterior: *“...sexta e sábado eu tenho aulas o dia todo e aí esses dias ele fica, período passado eu tinha quinta também, aí ele ficava, e faz a comida e fica com os meninos, levar, trazer para nataçao essas coisas aí ele faz nos dias que eu tenho aula”; “...hoje, por exemplo, à noite, eu vou trabalhar no convento, aí ele fica responsável por dar banho nela e botar para dormir”.* Um último ponto é a questão da preocupação com a alimentação do filho que vem diretamente da mãe, como já foi exposto nas falas de algumas das entrevistadas nessa seção, Laura e Thais. Fran também evidencia isso: *“não gosto*

que ele compre nem verdura e nem fruta, eu gosto de escolher. Então não é supérflua, é uma coisa essencial que precisa e (filho) gosta muito de frutas e verduras. Ele ama, eu também gosto muito, então é nessa parte eu que compro”.

Portanto, especificamente quanto aos cuidados com os filhos, fica evidente que há uma sobrecarga em relação a responsabilidade da mulher quando comparado ao homem, mesmo nos casos em que elas afirmam ser dividido e partilhado, há algum ponto em que a mulher executa mais que o homem. Pode-se citar Biroli (2018), a qual diz que as mulheres têm uma posição específica na divisão do cuidado e na economia dos afetos: “A maternidade significa afeto intenso para muitas, assim como um trabalho que se desdobra por anos e pode constituir uma identidade, mas nem por isso deixa de implicar exploração e restrições” (Biroli, 2018:114). Comparando a rotina do Brasil com a de Portugal, é possível identificar um peso maior no país de imigração diretamente relacionado aos cuidados com os filhos, justificado pela falta de rede de apoio a qual era presente no território de origem.

3.6.6 Divisão das Tarefas Domésticas em Portugal

A divisão das tarefas domésticas é aplicada de forma diferenciada pelas entrevistadas. O padrão encontrado foi na gestão dos afazeres domésticos de que, em nove dos casos a mulher é a principal responsável, a quem fica atribuída a carga mental. Já em relação aos afazeres domésticos, os parceiros das entrevistadas participam de alguma forma. Porém, em sete dos casos a maior parte das atividades domésticas designam à mulher, sendo que em um deles o cônjuge não está presente durante os dias de semana por morar em outra cidade, mas aos fins de semana é igualmente dividido.

Em relação à gestão dos afazeres domésticos algumas delas descrevem-no como um peso. Ou caso não distribuam as tarefas nada é feito na casa, que é o caso da Andressa, Maria e Laura: *“Eu que tenho que comandar e distribuir, o pessoal me chama de Tropa de Elite. Fala que eu sou uma mandona, porque senão ninguém faz, se não ficar cobrando eles enrolam. Eu distribuo as tarefas”*; *“...a minha sensação é de que eu sou quem puxa o trem e tem as ajudas, mas não é uma coisa de dividir, psicologicamente eu me sinto a principal encarregada”*; *“Que acaba assim eu que preciso falar aí faz isso para mim, faz isso para mim, faz aquilo*

e tal, mas ele faz numa boa porque ele é muito compreensivo assim...”. A única entrevistada em que o homem é quem mais faz a gestão dos afazeres doméstico é Thais. Porém, como foi evidenciado na seção anterior, o mesmo não acontece para tarefas relacionadas diretamente à filha: “Agora, pasta de dente para gente é ele, eu não sei se a gente tem pasta de dente ou não, ele que sabe, papel higiênico, essas coisas ele que sabe”.

A preparação das refeições é feita no geral pelas mulheres, tendo ajuda esporádicas. Em alguns casos a figura masculina cozinha vez ou outra, isso foi identificado em todas as entrevistas. Um fator em comum em três das relações é o homem preparar o café da manhã para família, que é o que ocorre com Bruna, Patrícia e Fran.

Quanto a limpeza da casa, assim como nas demais tarefas, a mulher fica com a maior responsabilidade, sendo encontrada durante a fala como práticas rotineiras do dia a dia a inclusão da organização doméstica, como é o caso de Andressa e Fran: “...vou para casa ou para cuidar das coisas de casa a princípio, limpeza...[...] Basicamente eu. Aqui assim, a gente divide as tarefas, tem tarefas que são específicas do meu marido e outras do meu filho mais velho, cada um tem a sua listinha de tarefas, mas como eu sou a pessoa que estou mais tempo dentro de casa, mesmo que esteja ocupada com o trabalho que é o doutoramento, a princípio eu sou a que tô mais dentro de casa, então acabo fazendo mais coisas”; “Na verdade sempre sobra para a mulher (risos), mas assim, a gente se ajuda. O Fulano pelo menos lava uma louça, põe uma roupa na máquina para bater, às vezes, tira da máquina para secar. E assim a gente se ajuda, né, mas claro fica mais a cargo da mulher, da mãe”.

No caso de Ana, apesar da mesma ficar responsável pela rotina doméstica durante a semana, ela menciona que quando o marido retorna para casa, às sextas, pois trabalha e mora em outra cidade durante os dias de semana, a divisão das tarefas passa a ser igual: “Não, não, quando ele está em casa, não tem divisão, aí quem tiver faz...[...]...ele varre, ele bota roupa na máquina, passa aspirador, eu saio da mesa do almoço, ele já leva tudo, lava. Ele é muito tranquilo nisso aí...”. As principais justificativas encontradas nas falas das entrevistadas para a maior participação da mulher nas tarefas domésticas é o maior tempo em casa.

Entretanto, todas as mulheres mencionadas também estão estudando ou trabalhando aqui em Portugal.

Patrícia, Laura e Thais diferem das demais, tendo uma divisão das tarefas mais igualitária. Porém Patrícia usa como argumento a gravidez, informando que quando não estava grávida ela era mais responsável pela rotina doméstica: *“...aquela organização geral assim de aspirar e limpar os banheiros e tal a gente divide, agora na gravidez, mas quando eu não estava grávida eu acabava fazendo a maior parte”*. Já Laura, menciona o horário de trabalho do esposo, que tem um maior tempo livre pela manhã para executar as tarefas necessárias, acabando por fazer mais do que ela: *“Até que é dividido, divide menina, pelo amor de Deus! Jesus é mais! Não, ele assim... ele ainda tem uma rotina que ele consegue ficar mais tempo em casa, digamos assim, sem a (filha), então ele consegue fazer mais coisas do que eu, que basicamente o tempo que eu tenho é esse...”*. Thais diz ser dividido. Porém, em algumas partes de sua fala deixa explícito que seu parceiro acaba arrumando a casa sozinho, por vezes, *“Então, aí depende, o banheiro é sempre ele...ham...mas a cama eu que faço, roupa para lavar varia ou ele ou eu, é meio dividido, eu acho, acho que é bem, é dividido, tadinho ele trabalha e ainda tem que fazer a casa, arrumar a casa (risos). De fim de semana, às vezes baixa a Maria louca nele que ele dá uma geral...”*.

Foi possível identificar um maior peso da rotina doméstica e das tarefas do lar entre as mulheres aqui em Portugal quando comparado ao Brasil. Em sete dos casos elas são as principais executoras dessas atividades. A justificativa pode ser a mesma em relação ao cuidado com os filhos: aqui não há empregadas domésticas e apenas em um dos casos há uma faxineira a cada 20 dias, não havendo também rede de apoio de familiares que auxiliem nessas práticas rotineiras. Contudo, em dois casos os papéis de gênero tradicionais não se verificaram, pois os homens acabam por executar mais as tarefas domésticas que as mulheres. Porém, em um dos casos a gestão ainda é da mulher, enquanto no outro é da figura masculina.

3.6.7 Sociabilidade e lazer em Portugal

Essa seção irá analisar a sociabilidade da vida do casal, dos lazeres específicos da mulher, de seu parceiro e as amizades apontadas, comparando com

a realidade apresentada no cenário brasileiro. É importante ressaltar que o lazer das mulheres em Portugal, no geral, foi construído a partir da maternidade, por meio do grupo de mães ou atividades relacionadas aos filhos. Porém, neste estudo a amostra pode estar condicionada a isso, pois o primeiro contato para entrevista foi através desses grupos.

Nas entrevistas, apenas uma das mulheres relatou ter um momento único com seu cônjuge rotineiramente, que é o caso de Bruna, o principal lazer do casal é assistir filmes e séries: “...*ai depois que as crianças dormem, geralmente a gente assiste um filme, uma série...*”. Patrícia diz que é raro sair somente ela e o marido, mas que vez ou outra consegue quando sua mãe pode ficar com sua filha: “...*essa vida social de casal acaba acontecendo quando a minha mãe tem a possibilidade de vir ou quando a gente vai [...] ela fica com (filha) e a gente tem momentos de casal...*”. As demais mencionaram atividades que são feitas com a família ou em grupo com os amigos: churrasco, piquenique, idas aos parques e assistir algo na TV incluindo filme e séries, são os principais lazeres mencionados pelas entrevistadas.

Os churrascos, no geral, são feitos com amigos do casal e a família toda participa, como é o caso de Andressa, Ana, Bruna, Isa, Laura e Thais. Viviane também relatou fazer churrasco em casa, porém apenas com a própria família e recusar muitos convites dos amigos por restrições financeiras: “*Eu prefiro ficar em casa [...] nos finais de semana, eu cozinho uma coisa diferente, eu faço um churrasquinho em casa e a gente fica até tarde assistindo filme [...] por questões financeiras também, porque fazendo isso em casa a gente acaba gastando menos, né?*”. Todas as entrevistadas, com exceção de Maria, Patrícia e Viviane, disseram que encontram amigos do casal com uma certa frequência. Andressa, inclusive, diz que aqui isso acontece mais vezes do que em seu país de origem, usando como justificativa o fato de não ter família em território português: “...*inclusive até mais do que lá, porque lá era mais a família, né.*” Ao contrário de Andressa, Maria diz que aqui ainda não conseguiu formar uma rede de amigos e as reuniões que fazia em sua própria casa com amigos do casal no Brasil, aqui ainda não fez: “*Aqui, a gente, a gente mudou recentemente o apartamento, o apartamento que a gente tava antes não tinha espaço para receber ninguém, a gente mudou para esse que tem até*

mais espaço, mas não, não temos os amigos ainda (risos)...”. Um outro ponto levantado como divergência do Brasil especificamente quanto ao lazer do casal, foi o caso de Bruna, que disse aqui não saem para andar de bicicleta como costumavam, pois há muitas ladeiras: *“Não...assim....os quatro não, ou a gente vai andar de bicicleta, mas com as crianças...[...]... aqui com esse monte de ladeira não dá”*.

Quanto a sociabilidade individual do casal, diferentemente do padrão encontrado nos estudos em que prevalece o homem ter uma vida social mais ativa que a mulher, aqui em Portugal foi verificado que a mulher sai sozinha e encontra as amigas com maior frequência que seus parceiros. É o caso da Andressa, Ana, Patrícia, Isa, Laura e Thais, como pode ser observado nas falas das duas primeiras: *“...então sempre tem um café com as amigas...”*; *“...eu durante a semana, sempre encontro com algumas amigas, né? [...] um grupo no Facebook são, as mães brasileiras em Coimbra, somos mais 400 já hoje, então, pelo menos uma vez por semana a gente se reúne para tomar um café, para jogar conversa fora...”*. Nas entrevistas de Ana e Isa, elas relataram, inclusive, que os amigos de seus parceiros são os maridos de suas amigas: *“Não, bem que eu gostaria, mas não tem não. Acaba que os amigos dele são os maridos das minhas amigas.”*; *“Às vezes eu até falo para ele que ele deveria desenvolver mais isso, mas ele não tem tempo, não tem saco, ele acaba...os amigos dele são os maridos das minhas amigas, basicamente”*.

Bruna e Fran já disseram ter uma dinâmica de sociabilidade individual mais igualitária entre o casal, em que ambos saem sozinhos com seus amigos: *“...mas a gente, de vez em quando, tem o que a gente fala, noite dos meninos e noite das meninas, mas aí é bem esporádico...”*; *“...eu saio com meus amigos, aqui também, eu tenho essa essa rotina de sair com os amigos [...] ele também tem a rotina dele de sair com os amigos dele...”*. Viviane também tem uma rotina de tomar café com suas amigas, o que não é verificado no seu parceiro. Por um outro lado, ele costuma sair com a filha mais velha para teatros e concertos, enquanto Viviane fica em casa cuidando do filho mais novo: *“...a gente gosta muito de teatro, de concertos, essas coisas ligadas a arte, quando sobra dinheiro também a gente investe nisso. É...mas muitas vezes, como eu tenho filho pequeno de 3 anos que não se aquieta e às*

vezes nem é permitido entrar, eu fico em casa com ele e meu esposo leva minha filha, para incentivar ela também, ela já é dessa área artística...”

Em relação ao lazer particular das entrevistadas há atividades que começaram a ser praticadas em Portugal e outras que deixaram de ser, como é o caso de Andressa, que não faz mais artesanato, Maria que não pratica mais Yoga e somente tem tempo para ler bibliografias acadêmicas e Bruna que deixou de praticar mergulho. No caso específico de Ana, a panificação foi mantida e aprimorada em Portugal, deixando de ser somente um hobby e passou a ser uma atividade com um certo retorno financeiro. Ana também menciona que em Portugal caminha com mais frequência que no Brasil: *“...fora isso eu gosto de caminhar ao ar livre, e aqui é bom também para isso, né...”*. Bruna, apesar de não mergulhar mais iniciou a prática de canoagem: *“Eu faço canoagem, eu falo que é minha terapia...”*. Um fator levantado por algumas das entrevistadas como um hobby foram atividades relacionadas aos cuidados com a casa, a família ou a alimentação, como é o caso de Ana que já foi mencionado, de Maria e Bruna: *“...umas das coisas mais importante para mim é a família, eu curto tá em família, gosto de estar junto, coisa de cuidar da casa também que para mim traz prazer é porque criar um ambiente bom para estar com eles...”*; *“...a depende eu gosto às vezes de fazer um bolo ou pegar um armário que tá bagunçado para arrumar...”*. A passagem seguinte pode ser uma explicação para o fato de algumas mulheres aderirem como seus interesses atividades domésticas e bem-estar da família: *“Sen chama a atenção para o facto de, em algumas sociedades, as mulheres identificarem de tal modo o seu bem-estar individual com o da família que isso as impossibilita de equacionar de forma minimamente objetiva os seus próprios interesses”* (Sen, 1990: 126 *apud* Coelho, 2013:3).

A principal rede de amigos das entrevistadas é diversa. Muitas incluem amigos de infância, adolescência, ou outras fases vivenciadas no Brasil. Duas delas, Bruna e Andressa, dizem ser a própria família, incluindo a extensão familiar (tios, primos, etc.), dando como justificativa ter uma família numerosa: *“Para mim, minha rede principal é a minha família. [...] Minhas tias, irmãs, mãe, pai.”*; *“...porque eu também eu sou...tenho uma família grande e tenho muitos primos, então tipo minha melhor amiga é minha prima...”*. Quatro das entrevistadas citam os amigos

que fizeram em Portugal como a principal rede de amigos ou uma das, porém, na maioria dos casos, os amigos feitos em Portugal são brasileiros, como é o caso de Ana, Thais, Fran e Viviane, como pode ser identificado na fala das duas primeiras: *“...hoje, hoje, hoje, se você me disser agora, a minha principal amiga, eu acho que é Isa, que eu conheci aqui, tem um ano e é a pessoa que, vamos dizer assim, que na hora do aperto “Eta pau, ciclano tá me prendendo aqui, não vou conseguir pegar (filha) na escola.” É ela que vai pegar, entendeu? Ou “Pô me socorre, eu tô sozinha.”; “...e agora a terceira...aqui em Portugal. A gente como tá migrando, você sabe como é, então a gente acaba tendo um nível de relação de amizade muito intenso, né, meio que viram sua família. Então, as pessoas...tô, o tempo todo eu procuro tá atenta as meninas, ajudá-las e eu vejo isso bem forte também, se eu sumo tem alguém sempre me ligando, “você sumiu, cadê você, o que aconteceu?”, as amizades são bem intensas aqui assim”.*

A única particularidade encontrada na principal rede de amigos da entrevistada foi no caso de Maria que informou ser pessoas que conheceu por terem alguma relação com seu filho com deficiência. Menciona a entrevistada que aqui em Portugal essa construção provavelmente será similar: *“...a nossa principal rede de amigos, ela é da, de pessoas que a gente conheceu através do (filho), porque assim que ele nasceu, eu comecei a procurar contato com outras famílias que tivessem filhos com deficiência e aí montei uns grupos de apoio...[...]... e aqui parece que vai ser dessa mesma forma, acho que as pessoas ficam um pouco mais abertas a...a se envolver com o outro, as famílias meio que se apoiam e acabam que vão gerando um laço de amizade mais fácil”.*

Nessa seção não foi possível concluir nenhuma tendência aos lazeres que eram praticados no Brasil e que são praticados em Portugal, pois algumas atividades deixaram de ser feitas, enquanto outras passaram a ser praticadas. Um único ponto em comum entre as entrevistadas é a sociabilidade e passeios com as amigas ser maior entre as mulheres que entre homens, contrariando a bibliografia que assume que, no geral, os homens tem uma rotina maior de lazer que as mulheres. Porém, essa sociabilidade foi construída, na maioria dos casos, em grupos de mães brasileiras ou em atividades relacionadas aos filhos, o que remete

diretamente a sua qualidade de mãe e busca de entre ajuda, evidencia mais uma vez os papéis tradicionais de gênero.

3.6.8 Decisão do casal em matéria de lazer

As formas de decisão do casal foram possíveis de se identificar mais no que diz respeito à escolha de passeios e viagens em família, sendo que a maioria das mulheres acabam tomando a frente na definição desse quesito. Exceções são Laura, a qual relatou que ambos escolhem, Thais, que disse que viagem, especificamente, seu parceiro escolhe e passeios curtos costuma ser ela: *“É igual, assim às vezes a gente vê alguma coisa, eu vejo uma coisa no Facebook ou ele vê, aí o amigo convida e vai muito assim...”; “...eu como sou muito agitada, eu odeio ficar no computador pesquisando, então, essa parte quando tem que fazer pesquisa, a gente nunca viaja, que sou eu, ele fala “ai Thais pesquisa um lugar bom para a gente ir na classe”, ferrou a gente não vai viajar, eu não vou sentar no computador para pesquisar, não porque eu não quero, porque eu tenho realmente uma dificuldade. Então, é ele e ele é bom nisso, ele leva horas pesquisando, só que ele se irrita que eu não pesquiso, então, às vezes ele não faz também (risos). Agora passeio sou eu, principalmente porque são tempos que tá a (filha) junto, então churrascos das amigas geralmente sou eu que marco, tem uns concertos para bebês aqui, eu que vejo a programação, porque eu recebo a programação, então, passeios no geral sou eu...”*. Quanto a Fran, ela disse serem ambos, em comum acordo, inclusive questões relacionadas à educação e cursos: *“É em comum acordo. Sempre é discutido o que vale, como é que vai fazer. É sempre pedindo opinião, eu peço a opinião a Fulano, Fulano pede a minha opinião o que que acha, se assim, sempre tudo lá em casa, é sempre assim é muito discutido, tudo, a educação do filho, as coisas que (filho) gosta, que eu gosto, os cursos que eu quero fazer também é discutido, o que que ele acha e o que o curso que ele faz também é muito assim...é uma democracia”*.

Bruna, assim como Thais, também fica atenta a programações para crianças, sendo um argumento para tomar a frente nas decisões de viagens e passeios: *“Aí isso no geral sou eu também, mas é mais porque na verdade, eu acabo tendo uma... acompanhando esses blogs de mãe, o que é melhor ou o que que não é melhor para passear com criança”*.

Andressa, apesar de mencionar ser em conjunto, deixa explícito em alguns pontos de sua fala seu papel como protagonista da decisão: *“Eu acho que em conjunto, mais eu e meu marido, até porque o mais novo não entende, por ele não sairia de casa, ele gosta... nós somos caseiros de uma forma geral, a gente não é muito de sair, eu e meu marido também não, mas é basicamente acho que eu, que ai eu vou convencer meu marido, entendeu?...[...]... isso quando eu deixo, quando eu não invento “vamos pro parque””*.

Isa e Viviane, assim como a maioria das mulheres, dizem tomar a frente. Viviane usa como argumento sua formação em turismo e diz ser tudo combinado. Já Isa, relata que sua família fala que ela é melhor nesse aspecto que os demais: *“Eu, e aí quando eu peço opinião eles falam “você é melhor em planejar”. Última viagem, eles não sabiam nem o nome das cidades que a gente ia”(..)* *“Eu. Como eu fiz turismo eu acabo ficando responsável por isso, mas tudo combinado”*.

Aqui mais uma vez observa-se uma tendência ao protagonismo feminino, que é a figura que no geral toma a frente nas decisões de viagens e passeios, independentemente de ter renda ou não, estar empregada ou não.

3.6.9 Redes Sociais e acesso da entrevistada e do parceiro

Esta seção tem o intuito de identificar a utilização das redes sociais pelas entrevistadas e seus parceiros, verificando o acesso às senhas, redes sociais e celulares um do outro, bem como a forma como as redes sociais do casal são administradas, em conjunto ou separado. Apesar desse assunto não estar presente na literatura, é algo relevante para a relação conjugal nos tempos atuais, podendo evidenciar formas de controles e decisões do casal. Assim como a gestão do dinheiro, as redes sociais oferecem dois valores antagônicos, os quais são a autonomia individual e o respeito pelo outro de um lado e a relação conjugal como comunhão conduzindo a partilha de tudo, por outro.

Os resultados podem ser verificados de forma ilustrativa na tabela a seguir:

Tabela 8 – Redes Sociais e Acesso do casal

Nome atribuído	Gestão das Redes Sociais	Acesso a senha e desbloqueio do celular e redes sociais	Acessam o celular ou rede um do outro
Ana	Separada	Não	Não
Maria	Separada	Sim	Não
Bruna	Separada	Sim	Sim
Patrícia	Separada	Não	Não
Isa	Separada	Sim	Não
Laura	Separada	Não	Não
Thais	Separada	Sim	Sim
Fran	Separada	Não	Não
Andressa	Separada	Sim	Não
Viviane	Separada	Sim	Sim

Todas as mulheres da amostra possuem WhatsApp, pois o contato para o agendamento da entrevista foi feito através desse aplicativo, porém, apenas duas mulheres citaram essa ferramenta durante os relatos das redes sociais. Adicionalmente, as mulheres além do WhatsApp fazem uso de mais de uma rede social, sendo as mais citadas Facebook e Instagram; Twitter, Telegram, LinkedIn e Tiktok também foram citados pelo menos uma vez. A totalidade da amostra possui conta nas redes sociais individualmente, sendo a administração das mesmas separadamente de seu parceiro, Ana, Isa e Fran demonstraram uma certa aversão a possibilidade de ser em conjunto, enfatizando as redes sociais individuais e separadas: *“Ah, nem a pau Juvenal, cada um no seu canto! Olha essa história de Ana e Fulano, Fulano e Ana, você me mate, mas você não me bote num negócio desse.”*, *“Não, separado. Deus me livre se eu ficar vigiando as dele, eu mal dou conta das minhas.”*; *“Separado. Cruz credo, nem pensar, não.”*.

Especificamente sobre o acesso do desbloqueio e/ou senha do celular e redes sociais, o cenário é um pouco diferente, Andressa, Maria, Bruna, Isa, Viviane e Thais, informaram ter acesso a senha ou desbloqueio do celular de seu parceiro e vice-versa, porém, Andressa, Maria e Isa disseram não terem o costume de entrar no celular um do outro: *“...o meu celular ele sabe desbloquear, ele sabe entrar e eu sei a senha dele, e...apesar de não mexer, cada um tem...”*; *“...mas não tem essa de esconder assim, tipo, sei lá, pega o celular ele sabe a senha do meu, eu sei a senha do dele, daí a gente vê um do outro se for preciso, mas também não fico*

olhando as coisas, nem ele as minhas.”; “Não, não tenho esse hábito, se quiser pode acessar, ele tem minha senha eu tenho dele, mas não tenho hábito não. Se ele faz, ele faz quando eu tô dormindo ou faz escondido, porque eu não vejo não.”. Diferentemente, Bruna, Viviane e Thais disseram ter livre acesso, sendo a principal justificativa os filhos, com exceção do caso de Viviane que argumentou sobre o fato do esposo ser muito desligado: *“É porque fica, na verdade, fica tudo já logado no celular e no computador, então, um tem acesso do outro, também, quando as crianças usam, então...”;* *“Tenho, tudo. E ele as minhas também, quando ele esquece ele me liga e eu digo (risos). Lá em casa, graças a Deus, não tenho muitos segredos em relação a isso não. Até porque o Fulano é muito desligado, então eu tenho que me ligar ao máximo para tá organizando essas coisas porque se deixar por dele, às vezes ele esquece a senha dele, ele vem me perguntar e eu falo.”;* *“Celular sim, por causa da (filha) assim, a gente põe uma música para dormir, às vezes um tá com outro telefone, “ah deixa eu ver as suas fotos”, pego o telefone dele, ele tem acesso ao desbloqueio do meu telefone e eu do dele, mas não por ciúmes, pela rotina mesmo...”.* Thais se diferencia das demais entrevistadas ainda por um aspecto, pois foi a única que relatou ter a senha das redes sociais de seu cônjuge, apesar de mencionar não ter o costume de entrar, e o mesmo não ter das suas, usando como justificativa o fato dele sempre usar a mesma senha e ser fácil memorizar: *“Tem, não sei, espera aí...(risos), não, ele não tem. É porque ele usa a mesma senha para tudo e eu não.”.* As demais informaram não ter acesso ao desbloqueio ou senha e nem ao celular do parceiro e vice-versa, como é o caso de Ana, que relatou mesmo quando está recebendo uma ligação e não tem a possibilidade de atender, seu esposo não atende a menos que ela peça: *“...mas assim, o celular dele tocando eu atendo, normal, já o meu, normalmente ele me avisa só, “Ana o celular...” “Atende aí,” Ou no máximo ele me entrega, ou só se realmente assim, sei lá, tô no banheiro “Ana tá tocando.” “Veja aí quem é.” “É fulano” “Atenda.” Mas ele não...acho que ele não tem ciúme de mim não (risos), ele é muito tranquilo, nunca foi invasivo, graças a Deus...”.*

Nesse quesito o único padrão encontrado foi a gestão das redes sociais ser feita de forma separada pelo casal, porém o acesso ao celular um do outro e as

senhas e desbloqueios são variados, não estando relacionado ao fato da mulher estar ou não empregada, ter ou não rendimento próprio.

3.7 Futuro e Ambições das Mulheres

Esta seção irá descrever quais são as principais ambições das mulheres entrevistadas e o que elas almejam para seus futuros. As categorias mais citadas por elas foram itens relacionados à carreira profissional, por vezes incorporando o estudo e estabilidade financeira. Filhos ou família também são mencionados, bem como possível mudança de país. Em oito dos casos as mulheres citaram itens relacionados a sua profissão. Apenas Laura e Viviane não mencionaram esse quesito, sendo que Viviane não era independente financeiramente desde o Brasil e não trabalha fora de casa há 13 anos. As falas de Andressa e Ana exemplificam a preocupação com a carreira: *“Depois de terminar o doutoramento, fazer o pós-doutoramento [...] mas continuar trabalhando na área acadêmica”*; *“...trabalhando com certeza, porque daqui lá se não deslanchar muito mais em comunicação com certeza eu quero, independente do que eu vá fazer, eu quero montar um lugar para mim, uma padaria, um café...”*.

Além dos assuntos ligados à profissão, Andressa, Ana e Isa citaram a estabilidade financeira: *“...poder ter liberdade para viver aonde eu gostaria de viver, inclusive ter liberdade financeira para isso...”*; *“...acho que um pouquinho mais organizada ponto de vista financeiro”*; *“...se os esforços derem certo vamos estar com uma condição financeira mais estabilizada”*.

A preocupação com os filhos ou menção a eles aparece em seis dos casos: Laura, Maria, Viviane, Ana, Isa e Thais. Laura planeja ter um segundo filho, enquanto Maria se preocupa com o bem estar de todos: *“Das promessas ou dos planejamentos de início, aí a gente todo ano, a gente faz algumas coisas assim, e aí o consenso que a gente chegou é daqui a 5 anos, dois filhos, foi a única coisa”*; *“...eu acho que passa sempre pelo olhar a família, então assim, sonho gostaria de ver todo mundo caminhado nas suas vidas e ter tranquilidade...”*.

Andressa, Viviane, Thais e Fran citam também a possibilidade de mudarem de país: *“Nossa, totalmente diferente! Morando num lugar diferente [...] mas eu não*

sei, eu imagino que a gente não vai tá morando em Portugal, em Coimbra, mas eu não sei aonde”; “E talvez nem...nem esteja morando em Portugal, não sei dos nossos planos. Mas ir para um outro país da Europa em busca de crescimento profissional”.

Um outro aspecto levantado por quatro das mulheres foi o sonho ou plano de viajar e conhecer lugares. Ana, Maria, Bruna e Isa, mencionaram-no durante a entrevista, como pode ser evidenciado nas falas de Ana e Maria a seguir: *“Primeiro eu acho que viajar mais, eu gosto muito de viajar, viajar um pouco mais, viajar mais [...] eu queria ir a Paris, eu queria ir a Marrocos”; “...a gente até brinca que depois a gente vai ficar por aí de motorhome, velhinho viajando, então eu acho que é isso, um sonho individual, um sonho coletivo, acho que é isso por hora”.*

Quatro das entrevistadas disseram ter atingido suas ambições de alguma forma,: Andressa relata apenas não conseguir cuidar tanto da saúde; Maria trabalhou exatamente no que desejava; Isa diz que, além dos países que deseja conhecer, tudo que ela queria conseguiu realizar; e Thais menciona o mesmo, apenas não tendo conseguido encontrar algo profissional que a agrada: *“...porque todas as outras assim, profissionalmente, a nível de desenvolvimento pessoal, tudo que eu me propus eu consegui alcançar, entendeu?”; “Olha eu, eu assim, sendo bastante sincera, assim que eu me formei a minha ambição era fazer justamente o que eu fiz até hoje (...) e eu trabalhei durante esses 20 anos aí...”; “...fora isso não, o resto tudo que eu quis por incrível que pareça eu fiz (risos). Ah aquela coisa, “eu gostaria de ter um negócio”, tive, “queria comprar uma casa”, comprei, “queria comprar um carro”, comprei, “quero vender tudo e mudar de profissão”, vou, “vou mudar de país, vou mudar de cidade”, mudei, fiz. É o famoso se morrer hoje tá bom? Tá, tudo bem...”; “...na vida eu já fiz tudo o que eu queria assim, boa parte. Então, eu saltei de paraquedas, eu cheguei no topo de uma empresa, eu larguei tudo, eu casei, eu separei, agora eu tive filho, eu acho que o que faltou ainda na minha vida é um propósito profissional assim, que essa parte ainda é uma parte que eu não desenvolvi, tá uma lacuna ainda na minha vida...”.*

De uma forma geral, as principais ambições e desejos futuros das entrevistadas passam por aspectos profissionais e preocupações com os filhos, em alguns dos casos ambos são citados. Apenas duas mulheres não incluíram itens

relacionados à carreira, sendo que em uma das situações a entrevistada é dependente financeiramente de seu cônjuge desde que se casou. Em ambas as circunstâncias aspectos com os filhos foram mencionados.

4. Síntese dos Resultados

A tabela a seguir foi construída para resumir e facilitar a visualização dos principais resultados da análise.

Tabela 9 – Síntese dos Resultados

Nome	Origem dos Rendimentos (progenitores)	Situação Financeira Familiar na infância	Responsável pelo cuidado dos filhos (progenitores)	Tipo de Gestão Financeira no Brasil	Responsável pela decisão de migrar	Tipo de Gestão Financeira em Portugal	Origem dos Rendimentos em Portugal	Responsável pela gestão financeira em Portugal	Aluguel	Alimentação	Despesas com os filhos	Gestão das Redes Sociais	Acesso a senha e desbloqueio do celular e redes sociais	Acessam o celular ou rede um do outro
Ana	Ambos	Restrita	Mãe	Gestão independente	Mais ela	Gestão conjunta parcial	Homem e investimentos do Brasil (ambos)	Majoritariamente Homem	Homem	Ambos	Mulher	Separada	Não	Não
Maria	Majoritariamente o Pai	Não identificada	Mãe / irmã mais velha	Gestão conjunta	Mais ela	Gestão conjunta parcial	Homem	Ambos	Não informado	Ambos	Ambos	Separada	Sim	Não
Bruna	Ambos	Restrita	Avó / mãe / tia	Gestão independente	Mais ela	Gestão conjunta	Homem	Majoritariamente o homem / Mulher cuida dos extras	Homem	Homem	Homem	Separada	Sim	Sim
Patrícia	Majoritariamente a Mãe	Restrita	Mãe	Gestão independente	Ambos	Gestão conjunta	Ambos	Mulher	Mulher	Mulher	Mulher	Separada	Não	Não
Isa	Pai	Não restrita	Mãe	Gestão conjunta	Mais ele	Gestão conjunta parcial	Ambos	Ambos	Homem	Mulher	Mulher	Separada	Sim	Não
Laura	Ambos	Não identificada	Mãe / babá	Não identificado	Ambos	Gestão conjunta	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Separada	Não	Não
Thais	Majoritariamente o Pai	Não restrita	Mãe	Gestão independente (solteira)	Totalmente ela	Gestão integral pelo homem	Homem	Homem	Homem	Homem	Homem	Separada	Sim	Sim
Fran	Avó	Não identificada	Avó	Gestão independente	Ambos	Gestão independente	Ambos	Ambos	Homem	Ambos	Mulher	Separada	Não	Não
Andressa	Ambos	Restrita	Avó / babá	Gestão integral pela mulher	Totalmente ela	Gestão integral pela mulher	Ambos	Majoritariamente mulher	Mulher	Mulher	Mulher	Separada	Sim	Não
Viviane	Pai	Não restrita	Não identificada	Não identificado	Ambos	Gestão conjunta	Homem	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Separada	Sim	Sim

De acordo com o histórico familiar das entrevistadas, em quatro casos a origem do rendimento na infância era proveniente de recursos financeiros paternos ou majoritariamente do pai, em três desses casos foi observada uma condição não restritiva financeira familiar. Por outro lado, na situação em que a mãe era majoritariamente a provedora financeira da casa, a condição financeira familiar era restritiva. Portanto, é possível ratificar Vogler e Pahl (1993, 1994), em que as famílias com situações financeiras menos restritivas tinham como principal provedor a figura masculina, enquanto as famílias com mais restrições financeiras ambos os integrantes, homem e mulher, proviam os recursos, ou a mulher era a principal provedora. Esse fator pode estar relacionado com o tipo de gestão

financeira utilizada pelas entrevistadas em seu país de origem, pois as que tinham como provedores figuras femininas e aquelas em que os recursos financeiros eram originários de ambos os progenitores, utilizavam a gestão independente, sendo que todas elas tinham renda própria no Brasil. Apenas em uma das situações em que ambos eram os provedores passou a ser a gestão integral pela mulher. Nas quatro situações em que o pai era o principal provedor, passou-se a utilizar a gestão conjunta pela mulher e seu cônjuge, com exceção de uma que era solteira no Brasil e um segundo caso que não foi possível identificar, porém, a mulher não tinha renda própria no Brasil desde que se casou com seu cônjuge.

Esse ponto pode ter refletido diretamente na figura responsável por tomar a decisão de migrar, que no caso em que a gestão era integral pela mulher, no Brasil, ela foi quem decidiu vir, contrariando inclusive a vontade de seu cônjuge, o mesmo ocorreu com uma outra mulher, porém, era solteira na época. Nas demais decisões não foi possível identificar um padrão com a gestão financeira do casal. Entretanto, observou-se um protagonismo da mulher na decisão de migrar, relacionado a motivação de uma busca por maior qualidade de vida dos filhos, levando aos papéis tradicionais de gênero do casal.

Em Portugal, o estilo de gestão financeira se altera na maioria dos casos e o predomínio passa a ser de gestão conjunta ou gestão conjunta parcial. Esta alteração é motivada pela alteração na provisão de rendimento da família pois, enquanto no Brasil somente só uma das mulheres não tinha rendimento próprio, em Portugal outras quatro passam a depender dos rendimentos de seus cônjuges. Em dois casos a gestão se mantém a mesma, sendo independente e gestão integral pela mulher. Nesta última situação foi identificado uma certa restrição econômica em Portugal ratificando mais uma vez a teoria de Vogler e Pahl (1993, 1994) em que as famílias com maiores restrições econômicas a mulher normalmente é a gestora financeira, em ambas as situações os indivíduos possuem renda própria como no Brasil. Quanto ao responsável pela gestão financeira não foi identificado um padrão, pois nos casos em que o homem é o único provedor há situações em que ambos são responsáveis e outras em que apenas o homem é responsável, assim com nas ocorrências em que ambos tem rendimento próprio,

havendo tanto casais em que ambos se responsabilizam e outros dois casos em que o principal responsável é a mulher.

Em relação a educação e cuidados com os filhos, observou-se um padrão tradicional desde a época de seus progenitores, em que tanto as mães das entrevistadas ou outra figura feminina qualquer era a principal responsável pelas tarefas relacionadas às crianças. Também atualmente, em todos os casos, a mulher é a principal encarregada pelos afazeres com os filhos, sendo que em algumas situações há uma maior divisão das tarefas que em outras, o que acaba por muitas vezes impactar as decisões profissionais, de lazer ou mesmo lugar de habitação das entrevistadas, como foi observado em suas falas na seção sobre a experiência da maternidade. Adicionalmente, foi possível identificar uma expressiva relevância na questão da maternidade para as mulheres, as quais configuram-na como criadora de tarefas e repartições dentro do casal.

No que respeita às despesas do casal também foi constatada uma divisão por papel de gênero tradicional entre os casais que compartilham a gestão financeira, na qual na maioria das vezes o homem é responsável pelo pagamento do aluguel, enquanto a mulher fica mais responsável pelas despesas com os filhos.

A divisão das tarefas domésticas também é feita de acordo com os papéis de gênero tradicionais, pois na maioria dos casos a mulher é a principal responsável por executá-las, ainda que tendo uma certa participação do parceiro. Apenas em três entrevistas foi constatada uma divisão mais igualitária, sendo que uma das situações é pelo fato dela estar grávida. Dentro dessas exceções há uma especialmente significativa em que o homem acaba sendo mais responsável que a mulher, sendo também o gestor das tarefas, contrapondo todos os demais casos em que a mulher é a gestora. Não se observou um padrão entre a divisão de tarefas e os rendimentos ou gestão financeira do casal.

É importante identificar que o agravamento do peso dos cuidados com os filhos e da gestão e execução das tarefas domésticas foi muito maior para as mulheres que para os homens na imigração, provando uma maior desigualdade de distribuição de obrigações entre o casal. Encontrou-se, portanto, um aspecto de cruzamento entre desigualdades de gênero e desigualdades de classe. O principal fator dessa configuração é a rede de apoio a qual essas mulheres tinham no Brasil,

delegando a dupla jornada de trabalho a terceiros, o que lhes era permitido pela classe econômica a qual pertenciam em seu país de origem. A situação de imigração traduziu-se portanto numa certa despromoção de classe impactando na desigualdade de gênero.

No quesito carreira profissional foi observada uma mudança mais drástica para as mulheres que, ou ficaram sem emprego e renda, ou estão, no geral, atuando em áreas as quais não atuavam antes, ou ainda desceram de posição dentro de seu próprio campo. Apenas para duas das entrevistadas não houve muita alteração de sua profissão, pois continuam ocupando o mesmo cargo no Brasil, em situação de licença. Já no caso dos homens, as mudanças foram mais sutis, pois continuam atuando nas mesmas áreas as quais atuavam no Brasil, por vezes, nos mesmos empregos, com exceção de dois em que ou mudou de área ou está atualmente aposentado.

Contrariando os estudos de gênero relatados na contextualização teórica, o lazer foi um quesito em que se evidenciou uma maior recorrência entre as mulheres do que entre os homens no país de imigração, as quais costumam sair, principalmente com suas amigas, com uma maior frequência que seus parceiros, na maioria dos casos. É importante ressaltar que a maioria das mulheres constituíram sua rede de amizade em Portugal pelo fator de ser mãe, ou em grupo de mães nas redes sociais ou em atividades diretamente relacionadas aos filhos, o que indiretamente pode remeter ao papel de cuidadora da mulher, evidenciando a prática de gênero tradicional. Igualmente a prática do lazer, nas decisões exclusivamente de viagens e passeios em família observou-se uma tendência ao protagonismo feminino, determinado por uma parte das mulheres não está encarregada de um cotidiano sobrecarregado por um horário de trabalho extensivo.

Quanto a gestão das redes sociais, conforme já foi falado anteriormente, apesar de não estar presente na literatura, é algo relevante para a relação conjugal nos tempos atuais, podendo evidenciar formas de controles e decisões do casal. O padrão encontrado entre todas as mulheres foi o fator de ser feita de forma separada pelo casal, porém o acesso ao celular um do outro e as senhas e desbloqueios são variados, não estando relacionado ao fato da mulher estar ou não

empregada, ter ou não rendimento próprio, bem como não estar associada as formas de decisão do casal e tipo de gestão de rendimento.

No que diz respeito as ambições e desejos futuros das entrevistadas, na maioria dos casos foram citados aspectos profissionais e preocupações com os filhos, sendo que em todos esses casos, quanto a carreira profissional, a mulher é ou era independente financeiramente no Brasil. Apenas em duas situações as mulheres não incluíram itens relacionados à carreira, sendo que em uma delas a entrevistada é dependente financeiramente de seu cônjuge e está desempregada há 13 anos. Este caso, em específico, está em sintonia ao que é o papel tradicional de gênero, não revelando sua vontade própria e sim de membros da família.

Conclusão

A pesquisa teve como finalidade estudar a vivência de mulheres brasileiras em contexto de imigração em território português, especificamente no concelho de Coimbra, na perspectiva das desigualdades de gênero. Para concretizar essa finalidade foram analisados os seguintes aspectos: a trajetória de vida, as alterações provenientes da imigração na rotina familiar em termos de gestão financeira e divisão de tarefas domésticas; a divisão de tarefas entre o casal e opções de lazer e, por fim, os padrões de gênero na despesas dos casais.

A opção metodológica escolhida foi a análise qualitativa de dados, através de entrevistas semiestruturadas e respectiva análise de conteúdo. O procedimento adotado foi o de entrevistas individuais, sendo oito presenciais e duas por vídeoconferência. Foi utilizada a saturação teórica da amostra, resultando em 10 entrevistas. Um questionário fechado foi aplicado anteriormente a entrevista para obtenção de dados socioeconômicos. A amostra escolhida é não probabilística e criterial: primeiramente foi feito um rastreio em grupos de redes sociais de mães brasileiras em Coimbra e, posteriormente, se utilizou o método de bola de neve.

Na primeira parte do trabalho fez-se uma revisão de literatura relevante para enquadrar o tema de pesquisa. Foram abordados os seguintes temas: patriarcado e a desigualdade de gênero, desigualdade de gênero no trabalho e no emprego, gestão familiar e orçamentária dos casais e imigração de mulheres brasileiras em Portugal.

A revisão de literatura permitiu construir algumas hipóteses de pesquisa. A primeira dessas hipóteses é a de que a situação de imigração traz uma divisão mais desigual das tarefas domésticas entre os cônjuges. De acordo com a análise feita, essa hipótese foi verificada, pois a maioria das mulheres teve uma sobrecarga de atividades com a casa após a imigração, tendo uma divisão desigual das tarefas domésticas entre elas e os parceiros, e, em todos os casos, com exceção de um, as mulheres são as responsáveis pela gestão das tarefas. Há um ponto de atenção em relação a rotina do Brasil, que devido a posição socioeconômica das entrevistadas e a proximidade familiar, encontravam uma rede de apoio em seu país de origem para suprir a rotina doméstica, não sendo necessária a dupla jornada de trabalho. Dessa forma, a imigração trouxe uma despromoção de classe socioeconômica, o que gerou um agravamento nas desigualdades de gênero.

A segunda hipótese levantada é o motivo da imigração ser a busca de melhores condições de vida. Essa hipótese foi confirmada, pois na maioria dos casos a migração envolveu busca por maior segurança e menos violência, e, também, busca por uma maior qualidade de vida. A decisão de migrar teve um protagonismo feminino, que exalta mais uma vez os papéis tradicionais de gênero, devido ao motivo ser principalmente relacionado aos cuidados com os filhos, exacerbando o papel de cuidadora da mulher.

Quanto à hipótese seguinte de que quanto mais paritária a renda dos cônjuges mais equilibrada a divisão das tarefas domésticas e melhores suas opções de lazer e igualdade de atividade livres entre os sexos, ela foi refutada. Observou-se que mesmo em casais em que a mulher tem renda ou a renda sendo maior que de seu cônjuge, como em um dos casos, ela é a principal responsável pelos afazeres domésticos. Por outro lado, em outros casos em que a mulher não tem renda ou esta é inferior à do cônjuge pode haver também uma distribuição mais equilibrada, ou mesmo em um dos casos, ele ser o principal responsável pela execução. O mesmo ocorre com o lazer, não sendo identificado padrão, e sim um protagonismo da mulher em relação ao homem, independente da paridade financeira do casal.

A hipótese de que os homens tendem a ter mais lazer que as mulheres também foi refutada. Como foi descrito no parágrafo anterior, foi observado um

protagonismo feminino nesse quesito, uma vez que as mulheres acabam por ter um maior convívio social que os homens, encontrando amigas rotineiramente, de acordo com a maioria das entrevistadas, o que não acontece com seus parceiros. Isto parece contrariar a bibliografia estudada que diz que, no geral, os homens costumam ter mais lazer que as mulheres. Contudo, é válido ressaltar que as exposições das mulheres permitem concluir que, majoritariamente, os laços de amizade em Portugal foram criados em contexto relacionados a maternidade, ou em grupos específicos em redes sociais de mães ou em atividades com os filhos, evidenciado o papel de cuidadora da mulher mesmo no que respeita ao lazer. Deste modo, está em sintonia com a divisão de papéis tradicionais por gênero proposta na bibliografia. Por outro lado, é necessário se atentar para o enviesamento da amostra, a qual selecionou a primeira candidata em um grupo de mães em Coimbra e as restantes por indicação através do método bola de neve. Nas questões de decisão de viagens e passeios com a família também há um maior protagonismo feminino o que, mais uma vez, refuta a bibliografia estudada.

A hipótese de que quanto menor a igualdade de rendimento dos cônjuges menor a igualdade na decisão, também foi refutada, pois não há um padrão na relação entre a igualdade de rendimento do casal e o poder de decisão, havendo casos em que a mulher não possui atualmente rendimento e, ainda assim, é observado um empoderamento feminino ou vice-versa, o que pode se caracterizar mais como algo ligado a personalidade e estilo de vida do casal do que a renda propriamente dita. Porém, todas as mulheres tinham rendimento no Brasil, com exceção de uma que estava desempregada há 13 anos, se dedicando a maternidade, a qual foi o único caso em que, apesar da entrevistada mencionar que a decisão de vir foi de ambos, quem a candidatou para um curso em Portugal, ao qual já tinha formação no Brasil, foi seu cônjuge, verificando a falta de empoderamento da mesma. Mesmo para outros itens, como arrependimentos pessoais, a mesma inclui as vontades do casal e não individual, o que mais uma vez caracteriza a falta de individualidade desta mulher.

Quanto à hipótese relativa ao padrão de gênero nas despesas da família, ela foi confirmada no estudo: a responsabilidade dos gastos com as crianças é predominantemente das mulheres e gastos tipicamente masculinos (carros,

eletrodomésticos, aluguel) são de responsabilidade do homem. Nos casais em que ambos compartilham o pagamento das despesas a maioria dos homens é responsável pelo pagamento do aluguel, enquanto que a maioria das mulheres é responsável por gastos diretamente ligados aos filhos.

Na hipótese que relaciona baixa renda feminina com uma maior responsabilidade das mulheres com as necessidades familiares, apesar da amostra não conter famílias de camadas socioeconômicas mais baixas, as mulheres que tinham menores rendas, não tinham renda ou a família tinha menor renda que as demais da amostra não foi identificado esse padrão. Há casos em que mesmo o nível de renda da mulher sendo mais elevado ou até superior ao cônjuge, ela ainda é a principal responsável pelos afazeres domésticos. Como também há o inverso, em uma situação em que mesmo a mulher não tendo renda, seu parceiro fica mais responsável pelas tarefas de casa do que ela.

Adicionalmente, foi encontrado um padrão nos papéis de gênero tradicionais desde os progenitores das entrevistadas até as relações atuais das mesmas, em que a educação dos filhos era delegada à mãe das mulheres ou outra figura feminina qualquer e atualmente 100% das entrevistadas exercem uma maior responsabilidade sobre os filhos em pelo menos algum quesito. Mesmo no único caso em que o homem é o gestor das tarefas domésticas, nos cuidados com a filha, a mulher fica majoritariamente responsável, ratificando os estudos apresentados na contextualização do trabalho.

Como já foi exposto anteriormente, o presente estudo tem duas principais limitações, ambas respeitando à amostra utilizada. A primeira respeita ao fato de a amostra ser composta, em sua maioria, por mulheres que pertencem ao grupo de mães brasileiras em Coimbra nas redes sociais, o que pode enviesar o papel dessas mulheres dentro da família e vida doméstica, bem como os interesses pessoais. A outra limitação da amostra é a classe social a qual as entrevistadas pertenciam no Brasil, sendo a maioria de classe média alta, conforme pode ser identificado em seus relatos quanto a rotina familiar em seu país de origem, principalmente pela delegação de tarefas domésticas e familiares a uma terceira parte. Por estes motivos, os resultados obtidos não podem ser generalizados a toda a população de mulheres brasileiras imigrantes em Coimbra.

Diante dos resultados apresentados se faz então necessário um estudo mais alargado com mulheres brasileiras imigrantes em Portugal pertencentes a outros estratos socioeconômicos, identificando padrões e diferenças de acordo também com a classe econômica, bem como um possível diferente impacto da imigração na vulnerabilidade das mulheres no seio da família.

Um outro ponto que se faz necessário é uma análise mais alargada sobre a forma de decisão dos casais, na qual não foi encontrado nenhum padrão, nem na relação com a renda, nem no estilo de vida do casal e na dinâmica familiar. Assim, são requeridos mais estudos, com diversas metodologias complementares, para conseguir respostas mais apuradas, identificando eventuais padrões existentes.

Bibliografia

- Ashby, K. & Burgoyne, C. (2008). Separate Financial Entities? Beyond Categories of Money Management. *Journal of Socio-Economics*, 37, 458-480.
- Atwood, J. (2012). Couples and Money: The Last Taboo. *The American Journal of Family Therapy*, 40, 1-19.
- Bennett, F., De Henau, J. & Sung, S. (2010), Within-household inequalities across classes? Management and control of money. In J. Scott, R. Crompton & C. Lyonette (orgs.), *Gender Inequalities in the 21st Century: New Barriers and Continuing Constraints* (pp. 215-241). Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Bennet, F. (2013). Researching Within-Household Distribution: Overview, Developments, Debates, and Methodological Challenges. *Journal of Marriage and Family*, 75, 582-597.
- Biroli, F. (2018). *Gênero e Desigualdades limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Bonke, J. (2015), Pooling of Income and Sharing of Consumption within Households. *Review of Economics of the Household*, 13, 73-93.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Burgoyne, C., Reibstein, J., Edmunds, A. & Dolman, V. (2007). Money Management Systems in Early Marriage: Factors Influencing Change and Stability. *Journal of Economic Psychology*, 28, 214-228.
- Câmara, R. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 179-191.
- Catarino, C. (2007). *New Female Migrants in Portugal: A State of the Art* (WP4 Working Paper nº5). Paris: Université Paris x Nanterre. Disponível em: http://www.femipol.uni-frankfurt.de/docs/working_papers/state_of_the_art/Portugal.pdf
- Coelho, L. & Ferreira, V. (2018). Segregação sexual do emprego em Portugal no último quarto de século – Agravamento ou abrandamento? *E-Cadernos CES*, 77-98.
- Costa, M. (2017). Patriarcado, violência, injustiça – sobre as (im)possibilidades da democracia. *Debate Feminista*, 54, 1-16.
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação Em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª Edição. Coimbra: Edições Almedina.
- Coelho, L. (2016). Finanças conjugais, desigualdades de género e bem-estar: Facetas de um Portugal em crise, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 111, 59-80.

- Coelho, L. (2013). O meu, o teu, o nosso dinheiro: Contributos para o estudo da gestão das finanças conjugais em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 101, 89-110.
- Daly, M., & Rake, K. (2003). *Gender and the welfare state: Care, work and welfare in Europe and the USA*. Cambridge, UK: Polity Press/Blackwell.
- Delphy, C. (2015). O inimigo principal: a economia política do patriarcado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 17, 99-119.
- Deutsch, F., Meeske, C. & Roksa, J. (2003). How Gender Counts when Couples Count their Money. *Sex Roles*, 48, 291-304.
- Francis, J. J., Johnston, M., Robertson, C., Glidewell, L., Entwistle, V., Eccles, M. P., & Grimshaw, J. M. (2010). What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studies. *Psychology and Health*, 25(10), 1229-1245.
- Góis, P. Marques, J., Padilla, B. & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações*, 5, 111-124.
- Gomes, C. (2000). Quotidianos conjugais: a decisão financeira como forma de poder. *Forum Sociológico*, 34(II Série), 157-178.
- Gonçalves, A. (2019). *Licença parental: afinal, a quantos dias têm os pais direito?* Disponível em: <https://www.comparaja.pt/blog/licenca-parental>
- Heimdal, K. & Houseknecht, S. (2003). Cohabiting and Married Couples' Income Organization: Approaches in Sweden and the United States. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 525-538.
- Kenney, C. (2006). The Power of the Purse: Allocative Systems and Inequality in Couple Households. *Gender Society*, 20, 354-381.
- Ludwig-Mayerhofer, W., Gartner, H. & Allmendinger, J. (2006). The Allocation of Money in Couples: The End of Inequality? *Zeitschrift Für Soziologie*, 35(3), 212-226.
- Martínez, C. (2004). *Dinero, amor e individualización: las relaciones económicas en las parejas/familias contemporánea*. Oviedo: KRK Ediciones.
- Miguel, L. (2017). Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. *Revista Estudos Feministas*, 25 (3), 1219-1237.
- Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. (Tese de Mestrado). Universidade Aberta, Portugal.
- Miranda, G. (2018, 29 de junho). Número de brasileiros em Portugal volta a subir depois de seis anos. *Folha UOL*. Disponível a partir de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/numero-de-brasileiros-em-portugal-volta-a-subir-depois-de-seis-anos.shtml>

- Nussbaum, M. (2000). Women's capabilities and social justice. *Journal of Human Development*, 1, 219 - 247.
- Oliveira, L. (2018). Patriarcado, Conservadorismo Contemporâneo e os Desafios para as Mulheres no Brasil. *Revista de Políticas Públicas*, 22 (2), 845-862.
- Oliveira, E., Neto, F., Félix, T., Lima, G. & Almeida, P. (2017). Qualidade de vida de imigrantes brasileiras vivendo em Portugal. *Saúde Debate*, 41 (114), 824-835.
- Oliveira, E., Matias, M., Félix, T., Cavalcante, M., Lopes, R. & Neto, F. (2019). Mulheres brasileiras vivendo em Portugal: trabalho e qualidade de vida. *Saúde e Sociedade São Paulo*, 28 (1), 182-192.
- Organização das Nações Unidas. (2020). *Agenda de 2030*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>
- Organização das Nações Unidas. (2020). *Conferências Mundiais da Mulher*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>
- Pahl, J. (1983). The Allocation of Money and the Structuring of Inequality within Marriage. *The Sociological Review*, 31(2), 237-262.
- Pahl, J. (1989). *Money and marriage*. Houndmills, UK: Macmillan Education.
- Pahl, J. (1995). His Money, her Money: Recent Research in Financial Organisation in Marriage. *Journal of Economic Psychology*, 16(3), 361-376.
- Pahl, J. (2000). Couples and their Money: Patterns of Accounting and Accountability in Domestic Economy. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 13(4), 502-517.
- Pahl, J. (2005). Individualisation in Couple Finances: Who Pays for the Children? *Social Policy and Society*, 4(4), 381-391
- Pahl, J. (2007). Power, Ideology and Resources Within Families: A Theoretical Context for Empirical Research on Sleep. *Sociological Research Online*, 12(5), 12.
- Pahl, J. (2008). Family Finances, Individualization, Spending Patterns and Access to Credit. *Journal of Social Economics*, 37, 577-591.
- Patriota, T. (1994). *Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>.
- Passos, E. (2002). A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In C. Duarte, E. Duarte & K. Bezzerá (Eds.), *Gênero e Representação: teoria, história e crítica* (pp.60-65). Belo Horizonte: Mulher & Literatura.
- Phipps, S. & Burton, P. (1998). What's Mine is Yours? The Influence of Male and Female Incomes on Patterns of Household Expenditure. *Economica*, 65, 599-613.

- Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideais. *Análise Social*, 35(156), 695-719.
- Sen, A. (1983). Economics and the Family. *Asian Development Review*, 1(2), 15-26.
- Sen, A. (1985). Women, Technology and Sexual Divisions. Trade and Development. *An UNCTAD Review*, 6, 195-223.
- Sen, A. (1990). Gender and co-operative conflict. In I. Tinker (Ed.), *Persistent inequalities: Women and world development* (pp. 123 – 149). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Simmel, G. (2009). *Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Edições Texto e Grafia.
- Vogler, C. & Pahl, J. (1993). Social and Economic Change and the Organization of Money in Marriage. *Work, Employment and Society*, 7, 71-95.
- Vogler, C. & Pahl, J. (1994). Money, Power and Inequality Within Marriage. *The Sociological Review*, 42(2), 263-289.
- Vogler, C. (1998). Money in the Household: Some Underlying Issues of Power. *The Sociological Review*, 46(6), 687-713.
- Woolley, F. (2003). Control over Money in Marriage. In S. Grossbard-Shechtman (org.), *Marriage and the Economy: Theory and Evidence from Advanced Industrial Societies*. (pp. 105-128). New York: Cambridge University Press.
- .

Anexos

Anexo I – Questionário de identificação

Parte A - Dados Pessoais

- 1) Data de nascimento
- 2) Estado civil
- 3) Nível de escolaridade
- 4) Profissão
- 5) Qual é o status de trabalho atual?
- 6) Qual é o emprego atual?
- 7) Qual era o emprego no Brasil?
- 8) Qual é o tipo de contrato de emprego (temporário ou permanente, parcial ou full-time)?
- 9) Em caso de não estar empregada formalmente, há quanto tempo está desempregada?

Parte B – Dados dos cônjuge

- 10) Ano de nascimento do cônjuge
- 11) Nível de escolaridade do cônjuge
- 12) Profissão do cônjuge
- 13) Status de trabalho atual do cônjuge
- 14) Qual é o emprego atual do cônjuge (temporário ou permanente, parcial ou full-time)?
- 15) Qual era o emprego no Brasil?
- 16) Em caso de não estar empregado formalmente, há quanto tempo está desempregado?

Parte C - Dados dos filhos

- 17) Número de filhos
- 18) Ano de nascimento dos filhos
- 19) Os filhos dependem financeiramente dos pais?

Parte D – Dados dos pais e irmãos

- 20) Ano de nascimento dos pais
- 21) Nível de escolaridade dos pais
- 22) Ano de nascimento dos irmão
- 23) Nível de escolaridade dos irmãos

Parte E – renda e bens materiais

- 24) Qual é sua renda mensal?
- 25) Qual é a renda mensal de seu cônjuge?
- 26) Tem algum imóvel em seu nome?
- 27) Seu cônjuge possui algum imóvel no nome dele?
- 28) Tem algum meio de transporte? Qual?
- 29) Seu cônjuge possui algum meio de transporte? Qual?

Parte F – Imigração

- 30) Há quanto tempo vive em Portugal?
- 31) Há quanto tempo deixou o Brasil?
- 32) Há intenção de voltar a viver no Brasil?
- 33) Veio para Portugal juntamente com seu cônjuge ou o conheceu aqui?

Anexo II – Guião de Entrevista

Parte A – Trajetória de vida e imigração

- 1) Qual é sua trajetória de vida?
- 2) Como você e seu cônjuge se conheceram? Poderia contar um pouco da história de vocês?
- 3) Qual foi o motivo de escolherem sair do Brasil? De quem foi a decisão?
- 4) Por que escolheram Portugal?

Parte B – Carreira Profissional

- 5) Como é sua rotina no ambiente de trabalho?
- 6) Qual foi sua trajetória profissional? Como chegou no emprego atual?
- 7) Qual é sua ambição profissional?

Parte C – Rotina Familiar

- 8) Como é o dia-a-dia da família?
- 9) Quem é responsável pelos afazeres domésticos e quais são eles?
- 10) Quem é responsável por cuidar das crianças (dar banho, olhar lição de casa, dar comida, colocar para dormir)? Houve alguma alteração do Brasil para cá?

Parte D – Orçamento e gestão

- 11) De que forma é feita a gestão do orçamento da família? Os gastos são compartilhados? Quais gastos são de responsabilidade de quem?
- 12) Qual é sua principal despesa mensal?
- 13) Quando sobra algum dinheiro no seu orçamento com o que você prefere usá-lo?

Parte E - Lazer

- 14) Você tem algum hobby? Qual é? Você costuma praticá-lo?
- 15) O que você costuma fazer nos tempos livres?
- 16) Há alguma atividade que vocês façam em família?

- 17) Quem costuma definir os passeios e viagens familiares?
- 18) O que seu cônjuge costuma fazer nos tempos livres dele? Há alguma atividade rotineira?

Parte F – Vida e redes sociais

- 19) Como é a vida social do casal? Com que frequência encontram amigos em comum ou separados?
- 20) A sua principal rede de amigos é proveniente de que fase da sua vida? Como os conheceu?
- 21) O casal possui redes sociais? Quais? As redes são administradas em conjunto ou separado?
- 22) Você tem acesso a senhas bancárias, de email e de redes sociais de seu cônjuge? Ele tem acesso a suas?
- 23) Vocês acessam um a rede social ou o celular do outro?

Parte G - Expectativas

- 24) Você acha que houve alguma mudança na sua vida após passar a morar com seu cônjuge? O que você fazia e não faz mais ou que você não fazia e agora faz?
- 25) Há algo na sua vida que se você pudesse mudar agora, você mudaria?
- 26) Há algum sonho que você ainda não realizou e gostaria de realizá-lo?
- 27) De forma geral, como você imagina sua vida daqui cinco anos?
- 28) Há algo na sua trajetória como um todo que você gostaria de ter feito diferente?

Anexo III – Caracterização socioeconômica

Questões	Entrevistadas									
	Fran	Patrícia	Viviane	Andressa	Laura	Isa	Thais	Ana	Bruna	Maria
Ano de nascimento	1976	1988	1981	1980	1988	1979	1982	1977	1983	1972
Estado Civil	Casada	Casada	Casada	Casada	Casada	Casada	União estável	Casada	União estável	Casada
Escolaridade	Pós graduação	Mestrado	Graduação	Cursando doutoramento	Graduação	Pós graduação	Pós graduação	Graduação	Cursando doutorado	Cursando mestrado
Profissão	Professora (pedagoga)	Psicóloga	Estudante	Administradora	Contabilista	Gerente administrativa	Gerente de marketing e produtora	Jornalista	Engenharia de Software	Arquiteta
Status de trabalho atual	Empregada (licença remunerada)	Autônoma	Desempregada	Empregada (licença remunerada)	Empregada	Proprietária de empresa	Desempregada	Desempregada	Desempregada	Desempregada
Emprego atual	Servidora pública no Brasil e membro de uma associação em Portugal	Autônoma	Desempregada	Servidora Pública	Técnica administrativa	Empresa de marketing digital	Free lance de eventos	Desempregada	Desempregada	Desempregada
Emprego no Brasil	Professora (servidora pública)	Psicóloga autônoma	Desempregada	Servidora Pública	Analista marketing de	Gerente administrativa de indústria metalúrgica	Gerente de marketing de	Coordenadora de comunicação	Gerente de sistemas	Arquiteta empresária /
Tipo de contrato de emprego	Permanente	N/A	N/A	Permanente	Temporário	Proprietária	Free lance	N/A	N/A	N/A
Há quanto tempo desempregada	N/A	N/A	13 anos	N/A	N/A	N/A	Dois anos	Um ano e meio	Um ano e três meses	Um ano
Ano de nascimento do cônjuge	1969	1985	1973	1982	1989	1983	1975	1972	1980	1969
Escolaridade do cônjuge	Pós graduação	Graduação	Graduação	Ensino Médio	Graduação	Pós graduação	Pós doutorado	Graduação	Mestrado	Pós doutorado
Profissão do cônjuge	contabilista	Cientista da computação	Servidor Público	Assistente de logística	Contabilista	Proprietário de empresa	Biólogo marinho	Engenheiro eletricitista	Arquiteto de Software	Professor universitário
Status de trabalho atual do cônjuge	Aposentado	Empregado	Empregado (licença remunerada)	Empregado	Empregado	Proprietário de empresa	Empregado	Empregado	Empregado	Empregado (licença remunerada)
Emprego atual do cônjuge	Aposentado	Full-time	Permanente	Full time	Permanente	Proprietário de empresa	Temporário	Permanente	Permanente	Permanente

Questões	Entrevistadas									
	Fran	Patrícia	Viviane	Andressa	Laura	Isa	Thais	Ana	Bruna	Maria
Emprego no Brasil do cônjuge	Policia Civil	Gerente de TI	Servidor Público	Assistente de logística	Analista financeiro	Proprietário de empresa	Bolsa de pós doutorado	Engenheiro de projetos	Arquiteto de software	Professor Universitário
há quanto tempo desempregado	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
Número de filhos	1	2	2	2	1	1	1	1	2	3
Ano de nascimento dos filhos	2014	2015/2020	2008/2016	1999/2011	2017	2011	2018	2011	2011/2015	2000/2005/2015
Os filhos dependem financeiramente dos pais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Ano de nascimento dos pais da imigrante	1955 (pai) 1957 (mãe)	1958 (pai) 1964 (mãe)	1957	1962 (pai) 1964 (mãe)	1954	1927 (pai) 1945 (mãe)	1960 (pai) 1965 (mãe)	1952 (pai) 1955 (mãe)	1959 (pai) 1960 (mãe)	1940 (pai) 1943 (mãe)
Nível de escolaridade dos pais da imigrante	Ensino Fundamental	Doutorado	Graduação	Ensino Médio	Graduação	Graduação	Graduação	Ensino médio	Fundamental completo (mãe) Fundamental incompleto (pai)	Graduação (pai) Ensino médio (mãe)
Ano de nascimento dos irmãos da imigrante	1978	1993	1989/1994	1982/1992/1997	1983/1985/1990	1965/1966	1980	1980	1981/1988/1991	1963/1966/1969
Nível de escolaridade dos irmãos da imigrante	Pós graduado	Graduação	Graduação	Graduação	Mestrado/Doutorado	Graduação	Pós graduação	Ensino médio	Graduação	Graduação (irmã) Doutoramento (irmãos)
Renda mensal da entrevistada em euros referente a 16/05/2020	1,104	800	0	1,100	600	630	0	0	0	0
Renda mensal do cônjuge em euros referente a 16/05/2020	1,892	2,500	1,800	600	800	1,261	1,500	2,000	1,600	2,300
Tem imóvel no nome	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
Imóvel no nome do cônjuge	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
Possui meio de transporte	Carro/moto	Não	Carro	Carro	Carro	Carro	Não	Carro	Bicicleta	Carro

Questões	Entrevistadas									
	Fran	Patrícia	Viviane	Andressa	Laura	Isa	Thais	Ana	Bruna	Maria
O cônjuge possui algum meio de transporte	Carro/moto	Não	Carro	Não	Carro	Carro	Carro	Carro	Carro	Carro
Há quanto tempo vive em Portugal	Um ano e seis meses	Dois anos e meio	Um ano e meio	Um ano e cinco meses	Um ano e meio	Um ano e sete meses	Dois anos	Um ano e três meses	Um ano e três meses	Um ano e um mês
Há quanto tempo deixou o Brasil	Um ano e seis meses	Dois anos e meio	Um ano e meio	Um ano e cinco meses	Um ano e meio	Um ano e sete meses	Três anos	Um ano e três meses	Um ano e três meses	Um ano e um mês
Há intenção de voltar para o Brasil	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não sabe	Não
Veio para Portugal juntamente com o cônjuge	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

